

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

SUSPIROS POÉTICOS E SAUDADES
Domingos José Gonçalves de Magalhães

Lede

Pede o uso que se dê um prólogo ao livro, como um pórtico ao edifício; e como este deve indicar por sua construção a que divindade se consagra o templo, assim deve aquele designar o caráter da obra. Santo uso de que nos aproveitamos para desvanecer alguns preconceitos, que talvez contra este livro se elevem em alguns espíritos apoucados.

É um livro de poesias escritas segundo as impressões dos lugares; ora sentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito como um átomo no espaço; ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus e os prodígios do cristianismo; ora entre os ciprestes que espalham sua sombra sobre túmulos; ora, enfim, refletindo sobre a sorte da pátria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida. São poesias de um peregrino, variadas como as cenas da natureza, diversas como as fases da vida, mas que se harmonizam pela unidade do pensamento e se ligam como os anéis de uma cadeia; poesias d'alma e do coração, e que só pela alma e o coração devem ser julgadas.

Quem ao menos uma vez separou-se de seus pais, chorou sobre a campa de um amigo, e armado com o bastão de peregrino, errou de cidade em cidade, de ruína em ruína, como repudiado pelos seus; quem no silêncio da noite, cansado de fadiga, elevou até a Deus uma alma piedosa, e verteu lágrimas amargas pela injustiça, e misérias dos homens; quem meditou sobre a instabilidade das coisas da vida e sobre a ordem providencial que reina na história da humanidade, como nossa alma em todas as nossas ações; esse achará um eco de sua alma nestas folhas que lançamos hoje a seus pés, e um suspiro que se harmonize com o seu suspiro.

Para bem se avaliar esta obra, três coisas releva notar: o fim, o gênero e a forma.

O fim deste livro, ao menos aquele a que nos propusemos, que ignoramos se o atingimos, é o de elevar a poesia à sublime fonte donde ela emana, como o eflúvio d'água, que da rocha se precipita, e ao seu cume remonta, ou como a reflexão da luz ao corpo luminoso; vingar ao mesmo tempo a poesia das profanações do vulgo, indicando apenas no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos.

A poesia, este aroma d'alma, deve de contínuo subir ao Senhor; som acorde da inteligência deve santificar as virtudes e amaldiçoar os vícios. O poeta, empunhando a lira da razão, cumpre-lhe vibrar as cordas eternas do santo, do justo e do belo.

Ora, tal não tem sido o fim da maior parte dos nossos poetas; e o mesmo Caldas, o primeiro dos nossos líricos, tão cheio de saber e que pudera ter sido o reformador da nossa poesia, nos seus primores d'arte, nem sempre se apoderou desta idéia; compõe-se uma grande parte de suas obras de traduções; e quando ele é original causa mesmo dó que cantasse o homem selvagem de preferência ao homem civilizado, como se aquele a este superasse, como se a civilização não fosse obra de Deus, a que era o homem chamado pela força da inteligência com que a Providência dos mais seres o distinguira!

Outros apenas curaram de falar aos sentidos; outros em quebrar todas as leis da decência!

Seja qual for o lugar em que se ache o poeta, ou apunhalado pelas dores, ou ao lado de sua bela, embalado pelos prazeres; no cárcere, como no palácio; na paz, como sobre o campo da batalha; se ele é verdadeiro poeta, jamais deve esquecer-se de sua missão, e acha sempre o segredo de encantar os sentidos, vibrar as cordas do coração, e elevar o pensamento nas asas da harmonia até as idéias arquetípicas.

O poeta sem religião e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos procuram aí aplacar a sede.

Ora, nossa religião, nossa moral é aquela que nos ensinou o Filho de Deus, aquela que civilizou o mundo moderno, aquela que ilumina a Europa e a América: e só este bálsamo sagrado devem verter os cânticos dos poetas brasileiros.

Uma vez determinado e conhecido o fim, o gênero se apresenta naturalmente. Até aqui, como só se procurava fazer uma obra segundo a arte, imitar era o meio indicado: fingida era a inspiração, e artificial, o entusiasmo. Desprezavam os poetas a consideração se a mitologia podia, ou não, influir sobre nós: contanto que dissessem que as musas do Hélicon os inspiravam, que Febo guiava seu carro puxado pela quadriga, que a aurora abria as portas do Oriente com seus dedos de rosas, e outras tais e quejandas imagens tão usadas cuidavam que tudo tinham feito, e que com Homero emparelhavam; como se pudesse parecer belo quem achasse algum velho manto grego e com ele se cobrisse; antigos e safados ornamentos, de que todos se servem, a ninguém honram.

Quanto à forma, isto é, à construção, por assim dizer, material das estrofes e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos, exprimindo as idéias como elas se apresentaram, para não destruir o acento da inspiração; além de que a igualdade dos versos, a regularidade das rimas e a simetria das estâncias produzem uma tal monotonia e dão certa feição de concertado artifício que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orquestra só com sons doces e frautados; cada paixão requer sua linguagem própria, seus sons imitativos, e períodos explicativos.

Quando em outro tempo publicamos um volume das poesias da nossa infância, não tínhamos ainda assaz refletido sobre estes pontos e em quase todas estas faltas incorremos; hoje, porém, cuidamos ter seguido melhor caminho. Valha-nos ao menos o bom desejo, se não correspondem as obras ao nosso intento; outros mais mimosos da natureza farão o que não nos é dado.

Algumas palavras acharão neste livro que nos dicionários portugueses se não deparam; mas as línguas vivas se enriquecem com o progresso da civilização e das ciências, e uma nova idéia pede um novo termo.

Eis as necessárias explicações para aqueles que lêem de boa-fé, e se aprazem de colher uma pérola no meio das ondas; para aqueles, porém, que com olhos de prisma tudo decompõem, e como as serpentes sabem converter em veneno até o néctar das flores, tudo é perdido; o que poderemos nós dizer-lhes?... Eis mais uma pedra onde afixem suas presas, mais uma taça onde saciem sua febre de escárnio.

Este livro é uma tentativa, é um ensaio; se ele merecer o público acolhimento, cobraremos ânimo, e continuaremos a publicar outros que já temos feito, e aqueles que fazer poderemos com o tempo.

É um novo tributo que pagamos à pátria, enquanto lhe não oferecemos coisa de maior valia; é o resultado de algumas horas de repouso, em que a imaginação se dilata, e a atenção descansa, fatigada pela seriedade da ciência.

Tu vais, ó livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa pátria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, exceto o egoísmo: tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno, e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade.

Vai; nós te enviamos cheios de amor pela pátria, de entusiasmo por tudo o que é grande e de esperanças em Deus e no futuro.

Adeus!

Paris, julho de 1836

I

INVOCACÃO
AO ANJO DA POESIA

A VOZ DE MINHA ALMA

Quando da noite o véu caliginoso
Do mundo me separa,
E da terra os limites encobrendo,
Vagar deixa minha alma no infinito,
Como um subtil vapor no aéreo espaço,
Uma angélica voz misteriosa
Em torno de mim soa,
Como o som de uma frauta harmoniosa,
Que em sagradas abóbadas reboa.

Donde vem esta voz? — Não é de virgem,
Que ao prazo dado o bem-amado aguarda,
E mavioso canto aos céus envia;
Esta voz tem mais grata melodia!

Donde vem esta voz? — Não é dos Anjos,
Que leves no ar adejam,
E com hinos alegres se festejam,
Quando uma alma inocente
Deixa do barro a habitação escura,
E na sidérea altura,
Como um astro fulgente
Penetra de Adonai o aposento;
A voz que escuto tem mais triste acento.

Como d'ara turícrema se exalça
Nuvem de grato aroma que a circunda,
E lenta vai subindo
Em faixas ondeantes,
Nos ares espargindo
Partículas fragrantas,
E sobe, e sobe, até no céu perder-se,
Tal de mim esta voz parece erguer-se.

Sim, esta voz do peito meu se exala!
Esta voz é minha alma que se espraia,
É minha alma que geme, e que murmura,
Como um órgão no templo solitário;
Minha alma, que o infinito só procura,
E em suspiros de amor a seu Deus se ala.
Como surdo até hoje

Fui eu a tão angélica harmonia?
Porventura minha alma muda esteve?
Ou foram porventura meus ouvidos
Até hoje rebeldes?
Perdoa-me, oh meu Deus, eu não sabia!
Eram Anjos do céu que me inspiravam,
E outras vozes meus lábios modulavam.

Castas Virgens da Grécia,
Que os sacros bosques habitais do Pindo!
Oh Numes tão fagueiros,
Que o berço me embalastes
Com risos lisonjeiros,
Assaz a infância minha fascinastes.
Guardai os louros vossos,
Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.
Adeus, ficções de Homero!
Deixai, deixai minha alma
Em seus novos delírios engolfar-se,
Sonhar co'as terras do seu pátrio Rio.
Só de suspiros coroar-me quero,
De saudades, de ramos de cipreste;
Só quero suspirar, gemer só quero,
E um cântico formar co'os meus suspiros;
Assim pela aura matinal vibrado
O Anemocórdio, ao ramo pendurado,
Em cada corda geme,
E a selva peja de harmonia estreme.

Já nova Musa
Meu canto inspira;
Não mais empunho
Profana lira.

Minha alma, imita
A Natureza;
Quem vencer pode
Sua beleza?

De dia, e noite
Louva o Senhor;
Canta os prodígios
Do Criador.

Tu não escutas
Esta harmonia,
Que ao trono excelso
A terra envia?

Tu não reparas
Como o mar geme,
Como entre as folhas
O vento freme?

Como a ave chora,
A ovelha muge,
O trovão brama,
O leão ruga?

Cada qual canta
Ao seu teor,
Mas louvam todos
O seu Autor.

Da grande orquestra
Aumente o brilho
O Canto humano
Da razão filho.

Minha alma, aprende,
Louva a teu Deus;
Os teus suspiros
Envia aos céus.

Oh como é belo o céu azul sem nódoa!
Que puro amor nos corações ateia,
Como a pupila de engraçada virgem,
Que serena nos olha, e nos enleia.
Mas que imagem sublime a mim se antolha,
Com largas asas brancas como o cisne,
E roçagante toga, que se ondeia
Como flocos de neve alabastrina!
Uma harpa de ouro em suas mãos sustenta!
Oh que voz suavíssima e divina!
Oh que voz, que as paixões n'alma adormenta!

Vem, oh Gênio do céu filho!
Vem, oh Anjo d'harmonia!
Cuja voz é mais suave,
Mais fragrante que a ambrosia!

Teu rosto vence em beleza
Ao sol no zênite luzente;
Teu largo manto é mais puro
Do que a lua alvinitente.

As asas, que te suspendem,

São mais ligeiras que o vento;
São mais terríveis que os raios,
Que giram no firmamento.

Tua fronte não se adorna
Com flores que o prado gera;
Sobre teus cabelos de ouro
Brilha de fogo uma esfera.

Teus pés a terra não tocam,
A teus pés a terra é dura;
Sobre aromas te equilibras
Recendentes de frescura.

O sol, a lua, as estrelas
São fanais que te iluminam,
São corpos a quem dás vida,
E ante teus passos se inclinam.

Os acordos de tua harpa
Todos os astros ecoam;
Reanima-se o Universo,
Quando as suas cordas soam.

Vem, oh Anjo, ungir meus lábios;
Traze-me uma harpa dos céus;
Ao som dela subir quero
Meus suspiros até Deus!

Quando no Oriente roxear a Aurora,
Como um purpúreo, auribordado manto,
Que ao Rei da luz o pavilhão decora,
E as saltitantes aves pelos ramos
Da madrugada o hino gorjearem,
Tua voz, oh minha alma, une a seu canto,
E as graças do Senhor cantando exora.

Quando a noite envolver a Natureza
Em tenebroso crepe; e sobre a terra
As asas desdobrar morno silêncio;
Nessas plácidas horas de repouso,
Em que tudo descansa, exceto o Oceano,
Que arqueja, e espuma em solitária praia,
Vizinhos ermos com seus ais pejando,
Como um preso que geme, e que de balde
Da prisão contra os muros se arremessa;
Tu também, como a lua, vigilante
Nessas propícias horas, oh minha alma,
Tua voz gemebunda exala, e une

À voz do Oceano, à voz d'ave noturna.

Enquanto estás sobre a terra,
Como no exílio o proscrito,
Canta como ele, que o canto
Refrigera o peito aflito.

Canta, que os Anjos te escutam,
E os Anjos à terra descem,
A escutar esses hinos,
Que para Deus almas tecem.

Canta a todos os momentos,
Canta co'a noite, e co'o dia;
E o teu derradeiro expiro
Seja ainda uma harmonia.

II

O VATE

Por que cantas, oh Vate? por que cantas?
Qual é tua missão? O que és tu mesmo?
Para ti nada é morto, nada é mudo;
Co'o sol, e o céu, e a terra, e a noite falas.
Tudo te escuta; e para responder-te,
Do passado o cadáver se remove,
E do túmulo seu a frente eleva;
O presente te atende; e no futuro
Eternos vão soar os teus acentos!

Quando o vento em furor açouta as comas
Dos brasílicos bosques, voz tremenda
Igual a do trovão ao longe atroa,
E uma nuvem de flores se levanta,
Que o ar com seus eflúvios embalsama;
Assim, quando te agita o entusiasmo,
Dos lábios teus emana alma torrente
Troante e recendente de perfumes.

De mágico poder depositário,
Qual um gênio entre os homens te apresentas.
Ante ti não há rei, nem há vassalo;
Tu nos homens só vês virtude, ou vício.
Como um déspota, ufano em teus delírios,
Uns cercas de imortal auréola tua,
Outros condenas ao opróbio, e à morte.

Umaz vezes soberbo, impetuoso,
Qual águia que sublime o céu devassa,
E do céu sobre a terra os olhos desce,
Teu ígneo, alado gênio, no ar suspenso:
Não, oh mortais, não vos pertenço, (exclama)
Eu sou órgão de um Deus; um Deus me inspira;
Seu intérprete sou; oh terra! ouvi-me.

Outras vezes, nas selvas meditando,
Sobre um tronco sentado, junto a um rio,
Que embalança da lua a argêntea cópia;
Como entre as folhas sussurrante vento
Gemer parece, e de algum mal carpir-se,
Tu gemes, e co'o verme te comparas,
Que arrasta pelo chão a inútil vida;
E vês nas águas, que a teus pés deslizam,
A imagem de teus dias fugitivos.

Fogem os dias como as águas fogem;
Mas da lua o clarão, que a água reflete,
Sem do lugar fugir, brilhando fica;
Tal sobre a terra, onde escoara a vida,
Resta do Vate a rutilante glória!

Quando ouve o sabiá troar nas várzeas
Do fero caçador a mortal arma,
Sufoca o sabiá seu canto, e foge:
Assim tu emudeces, quando estruge
Da civil guerra, e da discórdia o grito.
Mas quando à Pátria o inimigo insulta,
Armando o braço, e reforçando o peito,
No meio dos combates te arremessas,
Como o raio que estronda, e fere, aclara,
E após teus cantos a vitória marcha.

Vate, o que és tu? És tu mortal ou Nume?
Que Deus te abala o peito, e te enfurece,
Quando, como um vulcão que estoura em lavas
Que acesas rolam, tua voz desatas?

Oh como é grande o Vate, que arrojado
Da terra s'ergue como a labareda,
E vagando no céu como um meteoro,
Dos lábios solta a voz, e a vibra em raios,
Que o vício, e o crime ferem, pulverizam!

Canta, oh Vate! sagrados são teus cantos;
Canta, que o céu te inspira, o céu te inflama;
Canta, que apesar seu, te escuta o mundo,
E o vício de te ouvir treme de medo.

Não, não és um mortal quando tu cantas!
És o Arcanjo da justiça eterna!
Lâmina acesa, fulminante empunhas,
Com que prostras por terra a frente ao crime,
Com outra mão elevas o homem justo.

Ou tu cantes a guerra, ou. amor cantes,
Ou louves do Senhor as maravilhas;
Ou do céu as angélicas belezas,
Ou do inferno os horrores nos retrates;
Ou sobre o esquife de um amigo chores,
Ou enfeites a campa da inocência;
Sempre teus versos, qual nectáreo rócio,

De inefável prazer a alma me embebem!

Ah não profanes o teu gênio, oh Vate!
O incenso só no altar queimar-se deve!
Em lago impuro não se banha o cisne,
Que manchar teme a cândida plumagem.
Imita o cisne; e como sempre as flamas
Sobem ao céu, ao céu teus hinos subam.

As riquezas que a terra oh avaro oferece,
Mais valor para ti que o céu não tenham;
As riquezas da terra ao Vate servem
Para imagem da mística linguagem,
Como ao belo ideal dão vida as cores.

No dia em que da lira sons forçados
Venderes ao tirano em troco de ouro,
Nesse dia o céu deixa de inspirar-te;
Quebra essa lira, e cessa de ser Vate.

Quando a virgem do sol seu voto infringe,
Vedado lhe é tocar no sacro fogo;
D'alva c'roa de flores a despojam,
Adornos de vestal, e o nome perde;
Assim quando uma vez, oh Vate, atende,
Venais hinos os lábios teus verterem,
Deixarás de ser Vate; arranca a c'roa,
E co'o selo do opróbrio entra no mundo.

Opróbrio ao Vate que profana a lira!
Opróbrio, infâmia a quem insulta o Vate.

III

A POESIA

Um Deus existe, a Natureza o atesta;
A voz do tempo sua glória entoa,
De seus prodígios se acumula o espaço;
E esse Deus, que criou milhões de mundos,
 Mal queira, num minuto,
Pode ainda criar mil mundos novos.

Os que nos leves ares esvoaçam,
Os que do vasto mar no fundo habitam,
Os que se arrastam sobre a dura terra,
E o homem que para o céu olhos eleva,
Todos humildes seu Autor adoram.

Todos te adoram, sim, meu Deus, mas como?
Este no sol te vê, na lua aquele,
Qual um touro te crê, qual um tirano;
E entre si disputando a preferência,
Todos ufanos conhecer-te julgam.

No céu rutila o sol, e sobre a terra
Caem seus raios como chuva de ouro;
Mas cada flor, um raio recebendo,
De um esmalte diverso se colora.

Oh tu, qu'eu amo como casta virgem!
Sim, tu és como Deus, diva Poesia!
Sim, tu és como o sol! Por toda parte
Cultos te rendem de uma zona à outra;
 Cada mortal te oferece
Um culto igual à força de sua alma;
Qual te julga uma virgem do Permesse,
 Só de ficções amiga;
 Qual da verdade o Anjo,
Que tudo vê com olhos luminosos;
Tua voz semelhante a uma torrente
Tudo abala, e consigo arrasta tudo.

Oh Poesia, oh vida da Natura!
 Oh suave perfume
 D'alma humana exalado!
Oh vital harmonia do Universo!
Tu não és um fantasma de beleza.

Falaz sonho de mente delirante,
E da mentira a deusa;
Tu não habitas só da Grécia os montes,
Nem só de Febo a luz te inspira o canto!

D'alvo manto coberta, roçagante,
Lá no meio da noite, quando a lua
Só para os mortos alvejar parece,
Como a lanterna fúnebre do claustro,
Tu, encostada à Cruz do cemitério,
Como o Anjo da morte,
Ao som de uma harpa suspirando exalas
De quando em quando teus sagrados salmos;
Quando tu pausas, gemebundo o vento
Vai também entre os lúgubres ciprestes
Teus últimos acentos murmurando.

Nas cavas sepulcrais som lutuoso
De tua voz reboa.
Dirias que animados por teu canto,
Os mirrados cadáveres se elevam
Do fundo dos jazigos,
E sobre as lousas curvos,
Cantam num coro o místico estribilho.

Sobre o bronco alcantil de alpestre fraga
Pelos tufões batida, e pelas ondas,
Que incessantes se entonam,
Tu, sentada, qual virgem
Do naufrágio escapada,
O mar contemplos, do infinito imagem;
E depois para Deus erguendo os olhos,
Teus olhos como dois fanais acesos,
Que dos céus co'as estrelas rivalizam,
E ao viajante ao longe o escolho indicam;
Ao compasso das vagas gemebundas,
Tua angélica voz, como um eflúvio,
Do mais íntimo d'alma a Deus exalças.

Sobre montes de ruínas dos Impérios,
Entre relíquias de abatido templo,
Ao qual somente o céu de teto serve,
E de lâmpada a lua, tu vagueias,
E te aprazes co'os sérios pensamentos,
Que os destroços inspiram.

No campo da batalha, o chão juncado

De ossos que alvejam, de quebradas armas,
Que sublimes lições aos homens ditas!

Tu és tudo, oh Poesia!
Tu estás na paz, e na guerra,
Nos céus, nos astros, na terra,
No mar, na noite, no dia!

Oh mágico Nume,
Que minha alma adora,
Do céu sacro lume,
Que abrasa, e vigora
O meu coração!

Tu és o perfume,
E o esmalte das flores,
Dos sóis os fulgores,
Dos céus a harmonia,
Do raio o clarão!

Tu és a alegria
D'uma alma piedosa,
E a voz lutuosa,
A voz d'agonia,
Que escapa do peito,
De quem vai do leito
À terra baixar.
Tu és dos desertos
O som lamentoso,
E o eco choroso
Das vagas do mar.

Tu és a inocência,
E o riso da infância,
Do velho a prudência,
Do moço o vigor,
Do herói a clemência,
Do amor a constância,
Da bela o pudor.

Tu, que cantaste o hino da inocência,
Quando imóvel ainda repousava
No berço do Oriente a Humanidade;
Tu, que cantando sempre a acompanhaste
Nos seus dias de dor, ou de triunfo,
Acaso morrerás também com ela?
Ou sem ti, como um astro em seu eclipse,

Se arrastará sem vida a Humanidade,
Até toda no túmulo sumir-se?

Quando o sol, que é tua imagem,
No seu zênite apagar-se,
E tudo outra vez do nada
No escuro golfo abismar-se:

Tu, que és a imagem do Eterno,
Terás fim nesse momento?
Ou terás nova existência
Do Senhor no pensamento?

Sim; quando tudo extinguir-se,
Guardará Deus na lembrança
De tudo que agora existe
Uma viva similhaça.

Essa imagem a Deus presente
Serás tu, oh Poesia!
Tu és do Eterno um suspiro,
Que enche o espaço de harmonia.

Veneza, maio de 1835.

DEUS, E O HOMEM

Nos Alpes, 14 de outubro de 1834

Quando se arrouba o pensamento humano,
É todo no infinito se concentra,
De milhões de prodígios povoado;
Quando sobre o fastígio de alto monte,
Como um colibri sobre altivo robre,
Na vastidão sidérea a vista espraia;
E vê o sol, que no Oriente assoma,
Como num lago em própria luz nadando,
E a noite, que se abisma no Ocidente,
Arrastando seu manto tenebroso,
De pálidas estrelas semeado;
Quando dos gelos, que alcantis coroam,
Vê a enchente rolar em cataratas,
Por cem partes abrindo largo leito,
Fragas, e pinheirais desmoronando;
Quando vê as cidades enterradas
A seus pés na planície, e negros pontos
Aqui, e ali, moverem-se sem ordem,
Como abelhas em torno da colmeia;
O homem então se abate; um suor frio,
Que o suor que o moribundo cõa,
Rega-lhe o corpo extático; sua alma,
Como um subtil vapor, que o lírio exala,
Ferido pelo raio matutino,
Da terra se levanta; e o corpo algente
Qual um combro de pó morto parece...
Ela está no infinito! — Então lhe troa
Uma voz, como o eco das cavernas,
Quando os ventos nos ares se debatem;
Como um ronco do Oceano repellido
Por estável penedo; como um grito
Das entranhas da terra, quando acesas
De sua profundez lavas borbotam;
Como o rouco bramido das tormentas;
É a voz do Universo! — voz terrível,
Porém harmoniosa, que proclama
A existência de um Ser, que de si mesmo,
De sua onisciência, e eterna força,
Tudo tirou, quanto o Universo encerra.

Os céus, os mundos, o Oceano, a terra
É um vasto hieroglífico, é a forma

Simbólica do Ser aos olhos do homem.
O movimento harmônico dos orbes
É o hino eterno e místico, que narra
Altamente de um Deus a onipotência.
Tudo revela Deus, — e Deus é tudo.

De tal grandeza sotoposto ao peso,
Como se o esmagasse ingente mole,
O homem se aniquila, e desaparece,
Qual no profundo pego um grão de areia.

É aqui, oh meu Deus, calcando nuvens,
Parecendo tocar o céu co' a fronte,
Qu'eu reconheço a imensidade tua
Existe este Universo, existe o homem,
Porque de todo o Ser tu és a origem.

Aqui, para louvar teu santo Nome,
É fraco o peito humano, é fraca a língua,
É fraca a voz, que titubante hesita
Tão alto remontar, e no ar perder-se,
Antes que de astro em astro repetida,
De um céu a outro céu, de um Anjo a outro,
Vá retinir, Senhor, em teus ouvidos,
Como discorde som de rota lira.

Alva nuvem, que toucas este monte,
Desce um pouco, e recebe-me em teu dorso;
Asinha ala-me ao céu; na etérea plaga,
Vendo o sol de mais perto, talvez possa,
Com sua luz benéfica animado,
Altíssimo entoar um hino excelso,
Digno de Jeová, que eterno escuta
Dos angélicos coros a harmonia.
Abre-te, oh céu azul, que a mortais olhos
A mansão do Senhor zeloso ocultas!
Abre-te, oh céu azul; deixa minha alma
Saciar-se co' a luz da Sião santa.
Sobe, meu pensamento, voa, rompe
Os turbilhões dos Querubins, e Tronos,
Mais belos que mil sóis, mais coruscantes,
Que em vórtice perene estão ladeando
Do Eterno Padre o luminoso sólio.

Oh arrojado pensamento humano,
Por mais que em teu socorro os astros chames,
Por mais que sua luz o sol te empreste,

Seu ouro a terra, o céu a imensidade,
Os rios a corrente, os campos flores,
Suas asas o raio, os sons a lira,
E a noite seu mistério, alfim se tudo
Invocado por ti, a ti se unisse,
Não puderas ainda em teus transportes
Os louvores tecer do Onipotente!

Mas, oh Deus, que missão tens confiado
A este fraco ser, que sobre a terra
Entre os mais seres como um rei se ostenta,
E único para ti erguendo os olhos,
Parece teu rival? Missão augusta
É sem dúvida a sua; e o seu destino
Não é o d'alimária!... A Natureza
Obedece a seu mando, como se ele
Entre Deus, e a terra colocado,
Órgão fosse das leis da Providência.

Quem a ele se opõe? — Embalde o Oceano
Com cem braços separa os continentes.
O homem destrona os robres, e os pinheiros
Das fragas da montanha, ousado os lança
Sobre a cerviz do Oceano, enfreia os ventos,
E assoberbando as vagas furibundas,
Que ante seu gênio quebram-se gemendo,
Domina, e calca o tímido elemento,
E atravessa de um pólo a outro pólo,
Como atravessa os ares veloz águia.
Aqui bramando, um rio se devolve,
Qual serpente feroz medo incutindo;
Co'uma arcada de pedra o homem cobre-o;
Ele a derruba? — nova arcada o doma.

Como gigantes firmes, alinhados,
Para impedir-lhe a marcha, as fronte erguem
Enormes Alpes, açoutando as nuvens
Co'a coroa de gelo, e co'os penachos
De branca carambina, e verdes selvas;
Não retrograda o homem, não desmaia!
Quando sobre a cimeira o sol se encosta,
E a vista estende à profundez do vale,
O sol já no árduo afã vencendo o enxerga;
Quando transmonta o sol, o homem dá tréguas,
E descansa na já vencida estrada!
De dia em dia assim prossegue ovante;
Ora esbroa um cabeça mais supino,

E co'as ruínas desse outro nivela;
Ora sobe, ora desce, ora torneia,
Ora penetra a rigidez do monte,
Como a seta do Índio os ares rompe,
E a noite das abóbadas varando,
D'outro lado vai ver o céu, e o dia!
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Tu convertes os bosques em cidades;
Marcas do sol o giro, e o dos cometas;
Do povo alado as regiões exploras;
Nem no mar a baleia está segura,
Nem nas espessas selvas o elefante!
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Toda a terra está cheia com teu nome;
Um século transmite a outro século
Dos teus feitos a história portentosa;
Tu só marchas, tu só te desenvolves,
E inda não recuaste de fadiga!
Com que sinal selou a tua fronte
A mão do Criador? — Donde descendes?
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Não, não és para mim mais um enigma!
Conheço a origem tua, e o teu destino
Tua missão conheço sobre a terra.
A Natureza toda te respeita
Porque és do Criador a obra-prima,
Porque transluz em ti o seu transunto.

Não é à força tua que se curva
A terra, que se à força se curvasse,
Seria o elefante o rei da terra.
É à tua sublime inteligência,
É a Deus, só a Deus, que tu reflectes,
Como do sol a luz reflete a lua.

Nas barreiras da morte tudo esbarra,
Menos o homem, que atravessa airoso,
Aí o mortal corpo abandonando,
Para no seio entrar da Eternidade;
Assim o viajor o pó sacode,
E deixa o companheiro de viagem
Manto todo coberto de poeira,
Quando à cidade desejada chega.
A alma não morre, porque Deus não morre.

Assaz, oh Deus, o homem sobre a terra
Revela teu poder, tua grandeza.
A Razão, és tu mesmo; — a liberdade,
Com que prendaste o homem, não, não pode
Dominar a Razão, que te proclama!
Se muda para mim fosse a Natu,
Na Razão que me aclara, e não é minha,
Senhor, tua existência eu descobrira.

Eu te venero, oh Deus da Humanidade!
Meu amor o que tem para ofertar-te?
Digno de ti só tem minha alma um hino,
E esse hino, oh meu Senhor, é o teu Nome!

Que pode o homem dar a quem dá tudo?
Só em meu coração suspiros tenho,
Suspiros para todos os momentos.
De ti, Senhor, minha alma necessita,
Como de luz meus olhos, de ar meu peito.
E se me é dado a ti subir meus votos,
Se é dado pela mãe pedir um filho,
Voem meus votos sobre as ígneas asas
Do sol, e tu, Senhor, propício atende:
Nada por mim, por minha Pátria tudo;
Fados brilhantes ao Brasil concede.

A FANTASIA

Para dourar a existência
Deus nos deu a fantasia;
Quadro vivo, que nos fala,
D'alma profunda harmonia.

Como um suave perfume,
Que com tudo se mistura;
Como o sol que flores cria,
E enche de vida a natura.

Como a lâmpada do templo
Nas trevas sozinha vela,
Mas se volta a luz do dia
Não se apaga, e sempre é bela.

Dos pais, do amigo na ausência,
Ela conserva a lembrança,
Aviva passados gozos,
E em nós desperta a esperança.

Por ela sonho acordado,
Subo ao céu, mil mundos gero;
Por ela às vezes dormindo
Mais feliz me considero.

Por ela, meu caro Lima,
Viverás sempre comigo;
Por ela sempre a teu lado
Estará o teu amigo.

VI

O CRISTIANISMO

Na Catedral de Milão

Mal que à Natura se abre a inteligência,
E o primo pensamento a alma desperta,
Logo a idéia de Deus d'ela se apossa,
E a origem sua, e o seu destino aclara.

Súbito um fogo, mais que o sol brilhante
Que as gerações dos trópicos abrasa,
Mais veemente que os vulcões da terra,
N'alma se ateia, fogo inexaurível,
Casto fogo de amor, que interno a lavra,
E a Deus a sobe em espontâneo culto.

Não, o medo não foi quem sobre a terra
Os joelhos dobrou do homem primeiro,
E as mãos aos céus ergueu-lhe! Não, o medo
Não foi o criador da Divindade!
Foi o espanto, o amor, a consciência,
E a sublime efusão d'alma, e sentidos!
Viu o homem seu Deus por toda parte,
E sua alma exaltou-se de alegria.

Mas no amoroso êxtase não pára,
A interna adoração só lhe não basta,
Não se farta de amor, que amor sagrado
É invencível, poderosa força,
Que o espírito levanta ao infinito,
Como a atração os orbes equilibra
Na imensidade, a que escapar não podem.
Deve o espaço conter a sacra imagem
De sua adoração, devem os filhos,
Os netos devem nas futuras eras,
Vendo esta imagem, adorar o Eterno.

Mas, oh homem, que ousado intento é este?
Erguer um templo a Deus!... Que! porventura
Templo o espaço não é digno do Eterno?
As montanhas, o mar, os céus, os astros
Assaz não ornem do Senhor o templo?
Ou temes que em tão vasto santuário,
Nesse profundo abismo do infinito,
Vê-lo teus olhos míopes não possam?

Como possível é que espaço estreito
Abranja o Criador, que enche o Universo?
Mas pagas um tributo; — Ele to aceita.

Obreiro do Senhor, eia, trabalha,
Sem descanso trabalha dia, e noite;
Que teu Deus não repousa um só instante,
Para a ordem manter de tantos mundos.
Ah se ele um só minuto, repousasse,
Que seria de ti, deste Universo?

Alfim teu templo ergueste; reuniste
Tudo que há de mais belo sobre a terra,
E sec'los no trabalho se passaram!
Tudo aqui fala, tudo aqui revela
A força oculta que sustenta o homem,
E o destino imortal na Eternidade.

A rigidez do mármore, e a brancura
Duração, e pureza simbolizam;
A larga base, a altura, a esbelta forma,
A agulha, cuja ponta as nuvens rompe,
E parece querer fugir do espaço;
A áurea Virgem, que brilha em seu fastígio,
E este povo de estátuas, que a rodeiam,
Todas de branco mármore polido,
Que a glória do Senhor perene cantam;
Tudo, enfim tudo sem cessar proclama,
Que o pensamento que tão alto voa,
Que o pensamento que tais obras cria,
Que o pensamento que só Deus concebe,
Tem no tempo a existência, e não se curva
À lei que rege o habitador do espaço.
Tão simples como Deus, donde ele emana,
Não se aniquila como bruta mole;
Mas em louvor sem fim, a Deus unido,
Vive eternal em toda a Eternidade.

Assim é que o espírito celeste,
Que a massa humana anima, e nela impera,
De seu Deus concebendo a idéia pura,
Da terra se desprende se sublima,
E do sagrado amor nas ígneas asas
Sobe ao seio do Eterno, que o gerara.

Assim é que das lâmpadas do templo
Pirâmides de fogo se levantam,

E se perdem nos ares, qual se perde
O pensamento humano no infinito.

Santa Religião, sublime, augusta,
Tu a idéia de Deus esclareceste,
Idéia que, nas trevas que envolviam
A alma humana, brilhou como um relampo.
Divina inspiração, tu só podias
O espírito subir ao seu Princípio,
A despeito do mundo, e dos sentidos
Nem sempre verdadeiros. Tu revelas
Sacras verdades aos humanos úteis,
Que fora de teu grêmio embalde o homem
Orgulhoso procura; ao desgraçado
Oculta mão estendes caridosa:
Sempre consoladora, afável sempre,
Que mal há aí, que em ti cura não ache?

Ao som de tua voz misteriosa
Os errantes selvagens suspenderam
As mãos de sangue tintas, e prostrados
Sobre a terra, até ali inculta e brava,
A insólita voz tua repetiram
Em espontâneo arroubo. — A Natureza
Riu-se então, quando viu pela vez prima
Um homem abraçar o outro homem,
E em socorro comum viver jurarem.

Quis o homem tecer os teus louvores,
E a primeira palavra foi um hino,
O primeiro discurso Poesia.
E o homem, que até ali solto vagava,
Fraco, impotente entre animais ferozes,
Pelo místico cântico atraído,
A bronca penedia abandonando,
A viver começou em sociedade.

O gênio então nasceu! — Como para o mundo
Entre os astros o sol mais claro brilha,
E aos outros astros sua luz envia,
Deus o gênio acendeu entre mil almas,
Para ser o fanal da Humanidade.

Santa Religião, amor divino,
Que benefícios sobre a terra espalhas!
Quanto é misterioso o Ser que inflamas!
De quanto ele é capaz! Vejo donzelas,

Roboradas por ti, vencer a morte!
Vejo feros tiranos destronados,
Vejo Nações erguidas, e cidades,
Seus louros a teus pés heróis deporem,
As Ciências, e as Artes florescentes,
Firme a Moral, as Leis, a Liberdade,
E a Humanidade inteira que te abraça,
E te proclama como Mãe de tudo.

Oh das Religiões a mais perfeita,
Oh única de Deus, e do homem digna!
Religião plantada no Calvário,
E co' o sangue do Cristo alimentada!
Religião de amor, de paz, de vida!
Tu, que civilizaste a Europa toda,
E primeira na América lançaste
O gérmen da grandeza, a que ela aspira;
Tu, que marcas de Deus a majestade,
Os direitos do homem sobre a terra,
E o seu porvir sublime além da morte;
Tu, que aclaras os povos, e co' os povos
De progresso em progresso ovante marchas,
Como a mãe que acompanha o caro filho,
Sem que a tua divina essência percas;
Teus inefáveis dons benigna espalha
Sobre os filhos dos homens, sempre... sempre.

Religião, inflama, e purifica
Meus pensamentos, e conforto presta
Ao infeliz peregrino que te invoca,
E que só em teu grêmio paz encontra.

Milão, 17 de outubro de 1834

VII

A INFÂNCIA

Oh minha infância! Oh estação de flores!
De inocente ilusão alva saudosa!

Inda hoje te apresentas
Ante mim, como a imagem deleitosa
De um sonho que encantou-me a fantasia,
Ou como a aurora de um formoso dia.

Oh da infância atrativos lisonjeiros!
Mentirosos afetos!
Com que prazer amigos passageiros,
Inúmeros, na infância contraímos!
E quão fáceis após os repelimos,
De ligeiras palavras agastados.

Oh como é lindo
O tenro arbusto
Na primavera!
Como parece
Que se está rindo,
Quando o balança
Zéfiro brando;
Quando descansa
Sobre os seus ramos
O passarinho,
E modulando
Doces reclamos,
Vai o ar vizinho
Harmonizando!

Como é belo esmaltado de flores,
Exalando balsâmico aroma;
D'ele em torno voltejam amores,
E se escondem debaixo da coma.

Mas eis que o adusto
Vento do norte,
Soprando forte,
Já o abala;
O tenro arbusto
Neste tormento
Todo se dobra;
A verde gala
Amarelece;
E o duro vento,
Que em fúria cresce,
Vai arrancando

Folha por folha,
E sobre a terra
Secas lançando;
Té que despido
O deixa enfim.
O tempo assim
Nos vai roubando
Gratos prazeres
Da tenra idade,
Quantos amigos
A infância tem;
Até que vem
A puberdade
Com seus perigos;
E desta sorte
Chega a velhice,
Tronco gelado,
Desamparado;
Até que a morte,
Como um tufão,
Lança-o no chão!

Oh quão perto a velhice está da infância!
E quão perto da infância a morte adeja!

Genebra, outubro de 1834

PRECES DA INFÂNCIA

Vós me vedes, Deus Eterno,
Como eu sou tão pequenina;
Minha alma é inda inocente,
Tão pura como a bonina.

Débeis como minhas vozes
São inda meus pensamentos;
Do mundo nada conheço,
Nem prazeres, nem tormentos.

Qual tenro botão de rosa
Que à sombra da rosa cresce,
Sem temer o vento, e a chuva,
De um frouxo raio se aquece.

Mas pouco a pouco crescendo,
Desabrocha, e cheiro exala,
Orna o prado que a sustenta,
E da roseira é a gala.

Assim eu filhinha tenra,
A meus pais devo esta vida;
A seu lado eles me educam,
Por eles serei querida.

Hoje inocente me chamam!
Oh como é bela a inocência!
É a virtude dos Anjos,
É das virgens a ciência.

Vós, oh Deus, que podeis tudo,
Concedei-me por piedade
Que este aroma da inocência
Me acompanhe em toda idade.

Oh meu Deus, dai à minha alma
Puro e santo pensamento,
Como o perfume do templo,
Que sobe ao vosso aposento.

Dai a meus pais longa vida,
E àqueles que à minha infância
Prestam socorros contínuos
Com tanto amor e constância.

Que felizes, que ditosos
Por vós, oh Deus, protegidos,
Passem seus dias, seus anos

Como astros, sem ser sentidos.

Vigoraí minha fraqueza
Co'a vossa sabedoria.
Oh Deus, ouvi minhas preces,
Escutai-me neste dia.

IX

A MOCIDADE

Gigante do porvir, oh Mocidade,
Erguei a fronte altiva
Entre as brancas cabeças da velhice,
Como ao sopro vital da primavera
O pimpolho gentil se desabrocha
Entre os já secos e curvados troncos.

Subi em sacro arroubo a mente vossa,
Como uma labareda;
Contemplai o passado;
Em silêncio o futuro vos aguarda,
E o presente se curva ao vosso mando.

Deus em vós ateou do gênio o fogo,
Que a Humanidade guia,
Como a estrela polar o navegante,
Ou como a chamejante, ígnea coluna,
Que o povo de Moisés guiou nos bosques;
Sagrado fogo que jamais se extingue.

Em vosso coração palpita a vida,
O brio, e a força os membros vos circulam,
Flâmeas asas vos dá o entusiasmo,
É vulcânica vossa alma,
E d'águia os olhos tendes,
Com que medis o espaço, o céu, e o globo.

A terra vos pertence, oh Mocidade!
Por vós renasce o mundo a todo o instante,
Por vós resplende juventude a terra;
Não envelhece o céu, nem as estrelas,
Nem se encanece o sol no longo giro.
Em vós só se resume a Humanidade,
Que a passos graves ao través dos evos
Ovante marcha sempre fresca e jovem.

Para vós o passado é muda estátua,
Que o grande livro aponta,
Onde a verdade, e o erro se confundem,
Bem como o ouro, e o esmeril no antro da terra
Os séculos selaram esse livro,
Quando nele seus fastos transcreveram.
Eis a página branca,
Que aguarda os feitos vossos;
Meditai, meditai, antes de enchê-la!

Quando já fatigados do caminho,
Sobre a pedra da tumba repousardes,
Avante marcharão os filhos vossos;
E esse livro tomando-vos, um dia
Irão saber o que seus Pais fizeram.

Qual é vossa missão? Qual vossa idéia?
Oh Mocidade, um só caminho existe,
Um só trilhar vos cumpre,
Se vos apraz o bem, se o bem vos chama.
É longa a estrada, aspérrima e difícil!
Mas um Astro em seu fim claro rutila,
Permanente farol que a cor não muda;
Olhai, — vede-o ao través do nevoeiro,
Que ante vós remoinha,
Como ele imóvel sua luz esparge!
Esse Astro é Deus! — Oh Mocidade, a Ele!
Ah não retrogradeis, — a Ele, a Ele.

Vedes vós como se ergue encapelado
Ante a convulsa proa o mar em montes?
Vedes a nuvem que no céu negreja?
O sol que empalidece? — Ouvis os rancos
De hórridos ventos que nos ares troam?
O raio crepitante que espedaça
Velas, e mastro? a nau, que soluçando,
Qual nas vascas da morte o moribundo,
Nos vaivéns sobe, desce, e se debate,
Perde o rumo, sem tino a esmo vaga,
Roça no escolho a quilha, ali recua,
Ao capricho dos ventos, e das vagas,
Té que santelmo lhe ilumine o tope,
E do naufrágio a salve?
Tal é da Humanidade o fido emblema!
Tal sua marcha foi, tal é ainda,
Por mil contrários ventos combatida!
Porém malgrado a fúria, e a tempestade,
A Humanidade marcha; — e Deus a guia.

Forceja a humana indústria
Para domar o mar, pôr freio aos ares;
Talvez um dia os ares assoberbe,
Até aqui indomáveis;
E às suas leis submissos,
Também os ares, desdobrando as asas,
No espaço o Gênio vencedor transportem.

E por que não será melhor um dia
Do que até hoje foi a Humanidade?
Se Deus mil vezes a salvou da morte,
Somente agora a deixará sozinha,
Antes de realizar a augusta idéia,
Que é sua vida, e pela qual só luta?

Qual é a grande idéia,
Que nem mesmo nos mais cruéis reveses
Jamais abandonou a Humanidade?
A perfeição, o bem! — Ah não me iludo!
Vossa idéia será vosso destino;
Inata idéia só do Eterno herdastes,
Deus em vós a gravou; verace é ela.

Erguei os olhos vossos,
E cravai-os no céu, oh Mocidade!
Vede o astro da eclíptica,
Que girando no centro do Universo,
A terra vivifica,
A terra que vos nutre, opaca mole
Que por ele de luz se adorna, e esmalta?
Em torno ao sol em perenal cadência
Outros astros satélites gravitam,
Sem deslizar das órbitas traçadas
Pelo compasso eterno!
Eis o físico mundo,
Emblema de outro, mais sublime ainda,
Cujo Sol sempiterno enche o Universo.
Vossa alma é um satélite desse Astro,
E sem a sua luz ela não fulge;
Semelhante ao planeta que vos nutre,
Que na ausência do sol morto negreja.
Mas deste Astro, que excede à mortal vista,
Sabeis acaso o Nome?
Perguntai às estrelas que alcatifam
Os degraus de seu sólio;
Perguntai ao trovão, ao raio, às ondas,
À terra perguntai, à águia celeste,
E ao verme que rasteja:
Jeová, Adonai, Deus, Harmonia,
Eis o Sol de vossa alma.

Por ele só viveis. Ah! se um instante
Em centrífugo vórtice deixardes
O sulco de seu dedo,
Desgarrada, e sem lei, como um meteoro,
Vos perdereis no espaço.

Gigante do porvir, oh Mocidade,
Aprendeí a entoar de Deus o Nome;
Cantai, cantai da Juventude o hino,
Marchai, louvando do Senhor a glória,
Como nos bosques de Israel os filhos.
Ante vós fugirão espavoridos
Tiranos inimigos;

O mar recuará as ondas suas,
E os montes vos darão doces torrentes.
Olhai, ah vede a prometida terra!
 Ei-la! Marchai ovante.
Cantai, magnificai de Deus o Nome.

Entoa, oh minha alma,
Um hino ao Senhor,
Um hino de glória
Ao teu Criador.

A luz que te aclara,
É d'Ele emanada,
E a tua linguagem
Por Ele inspirada.

Embalde procuras
O bem sobre a terra;
O bem que desejas,
Só n'Ele se encerra.

No meio das ondas
O nauta mais forte
Pergunta às estrelas
Qual é o seu norte.

Se o vento enfurece,
Se o mar se exaspera,
Invoca seu Nome,
E salvar-se espera.

Se tu sempre atenta
Seu mando escutares,
E por seus ditames
Fiel te guiares:

Que haverá que possa
Roubar-te a vitória?
O bem terás certo,
Terás certa a glória.

Entoa, oh minha alma,
Um hino ao Senhor,
Um hino de glória
Ao teu Criador.

E vós da Pátria minha, oh Mocidade,
De quem os feitos celebrar desejo...
Mas por que um suspiro inopinado
 O canto me interrompe?...
Por que se apagam de meu gênio as asas,
Que expandidas nos ares flamejavam,

E esmorecidas caem, qual ferida
Pela seta do Índio
Soberba arara, no celeste vôo,
Em vórtices gemendo baixa à terra?

Oh Mocidade, ouvi, não meus acentos,
Mas a voz da verdade,
Que em minha alma troveja,
E me abala dos ossos a medula.
Vós sois como uma flor não bafejada
Pelo sopro vital da primavera,
Que malnascida, lânguida se inclina.
As lágrimas do mísero cativo
Caíram sobre vós, quando embalaram
Vosso berço seus braços;
Sangue do cativo alimentou-vos;
O vício dele herdastes,
Senhores vos julgais, e sois escravos.
Entre feras nutrido, é fera o homem;
Doutrinado entre servos,
Afeito ao mando, a Liberdade odeia,
E o peito se endurece.
E vós cuidais ser livres!
Por vós, por vós só falo, oh Mocidade!
Ah não me detesteis; malgrado vosso
O mal herdastes; — mas o mal tem cura.

Ah quando bons costumes,
Pura Moral, amor nobre e celeste
Vos tomarão no berço?
Ah quando ah, quando a sã Filosofia,
Sobre vós seus fulgores espargindo,
Destronará a tímida indolência,
Que o vosso clima infesta,
E as portas à Ciência, e às Artes fecha?
O Egoísmo, que só para si olha,
Tudo em si concentrando,
E os laços quebra que os humanos ligam
Em fraternal amplexo,
Quando, de vós fugindo, aos vossos olhos
Deixará que paixões que alma enobrecem,
Sublimes resplandeçam?

Alerta, oh Mocidade!
A Pátria por vós chama.
Mostrai que da verdade
Santo amor vos inflama.

Alerta! erguei a fronte,
Medi vosso terreno;
E o vale, e o prado, e o monte
Se dobre ao vosso aceno.

Não diga o estrangeiro,
Que vê tantas belezas,
Que o povo Brasileiro
É pobre entre riquezas.

Bani tanta vaidade;
Ciência, Indústria, e Artes
São só da Liberdade
Os firmes baluartes.

Erguei-vos, e sem susto
Lutai com o erro fútil;
Amai tudo que é justo,
Santo, sublime, e útil.

Alerta, oh Mocidade!
A Pátria por vós chama.
Mostrai que da verdade
Santo amor vos inflama.

Paris, dezembro de 1835

A VELHICE

Longa foi a viagem;
Assaz lutastes; descansai agora.

Depois de haver vingado alpestre monte
Desde o albor da manhã, o peregrino
Afadigado desce,
E envolto em trevas vai pousar no vale.

Para vós assaz auroras madrugaram;
Por vós luas assaz alvas luziram;
Assaz de flores esmaltou-se a terra,
E de frutos as árvores copadas.
Sim, sim, assaz gozastes;
Mas uma voz vos chama, e vos diz: — basta.

Basta! — A hora soou; abre-se a campá,
E o sopro do seu antro,
Como o vapor da cânica caverna
Nas margens do sombrio Aniano lago, ¹
Da vida vos apaga a tênue flama.

Para vós basta, oh Velhice!
Inda o sol tem resplendores,
Inda a noite tem estrelas,
Inda a lua alvos fulgores.

Inda os prados reverdecem
E de florzinhas se arreiam;
Inda, suspensos nos ramos,
Os passarinhos gorjeiam.

Inda o zéfiro sereno
Cheio de aroma, e doçura,
Fruindo o néctar das flores,
Na madrugada murmura.

Inda a cascata ruidosa
Entre seixos se despenha;
Inda o som da sua queda
Ressoa ao longe na brenha.

Inda os regatos deslizam,
As feras nos bosques rugem,
E lambendo a branca areia,
Nas praias as ondas mugem.

Tudo vida inda respira;

A terra não stá mudada;
Vós só marchais, oh Velhice,
Triste, débil e curvada.

Vossos olhos se fecharam
Ao quadro da Natureza;
Em torno de vós só giram
A morte, o horror, e a tristeza.
Tudo em seu morno silêncio
Agora vos anuncia
Que a noite só vos pertence,
Que para vós vai-se o dia.

A noite eterna vos estende os braços,
Ah! preparai-vos para o sono eterno.

Basta! — E' hora das preces.
Funéreo som no templo os bronzes vibram,
E o eco seu parece dizer — morte!

Sob o peso da fronte encanecida,
Já se curva e vacila o vosso porte,
Qual co'os flocos de neve a frágil hástea;
Entoastes o cântico da vida,
Entoai vosso cântico de morte;
 Como o cândido cisne,
Que indo descer à escuridão do lago,
Cantando diz-lhe adeus na fatal hora,
Para nunca mais ver raiar a aurora.

Basta! — E' hora das preces, oh Velhice!
 Para o mundo acabastes.
Vossa alma resgatai do barro impuro;
O céu, que alma vos deu, pede vossa alma,
E a terra vosso corpo está pedindo;
Ah! dai à terra o que vos deu a terra!

Mas ah, não choreis!
E por que chorais?
Se vós não sabeis
Nem o que ganhais,
Nem o que perdeis.
Perdeis a terra, é certo; mas que importa,
Se celeste esperança vos conforta!

Viver é sonhar,
Sonhar é dormir;
Deveis acordar,
Para ao céu subir,
E no céu velar.
Acordai; sossegai o aflito peito,
Que ides deixar o amargurado leito.

O pranto enxugai,
Bani o temor;
O Nome entoai
Do Eterno Senhor;
E a Ele voai.
Vossa bênção lançai à Mocidade,
Que vai na luta entrar da Humanidade.

Paris, janeiro de 1836

.....

¹ À margem do lago de Agnano (Anianus lacus dos Romanos) jaz a gruta vulgarmente chamada do cão, pelas experiências que ali se repetem perante os curiosos que a visitam, introduzindo nela um pobre cão, que logo cai asfixiado em respirando o gás carbônico que do chão dela se exala, e no meio do qual se apaga a luz do archote. Neste caso especial, creio, merecerá desculpa o adjetivo cônica, que não vem nos dicionários.

A BELEZA

Oh Beleza! Oh potência invencível,
Que na terra despótica imperas;
 Se vibras teus olhos
 Quais duas esferas,
Quem resiste a seu fogo terrível?

Oh Beleza! Oh celeste harmonia,
Doce aroma, que as almas fascina;
 Se exalas suave
 Tua voz divina,
Tudo, tudo a teus pés se extasia.

A velhice, do mundo cansada,
A teu mando resiste somente;
 Porém que te importa
 A voz impotente,
Que se perde, sem ser escutada?

Diga embora que o teu juramento
Não merece a menor confiança;
 Que a tua firmeza
 Stá só na mudança;
Que os teus votos são folhas ao vento.

Tudo sei; mas se tu te mostrares
Ante mim como um astro radiante,
 De tudo esquecido,
 Nesse mesmo instante,
Farei tudo o que tu me ordenares.

Se até hoje remisso, não arde
Em teu fogo amoroso meu peito,
 De estóica dureza
 Não é isto efeito;
Teu vassalo serei cedo ou tarde.

Infeliz tenho sido até gora,
Que a meus olhos te mostras severa;
 Nem gozo a ventura,
 Que goza uma fera;
Entretanto ninguém mais te adora.

Eu te adoro como o Anjo celeste,
Que da vida os tormentos acalma;
 Oh vida da vida,

Oh alma desta alma,
Um teu riso sequer me não deste!

Minha lira que triste ressoa,
Minha lira por ti desprezada,
Assim mesmo triste,
Assim malfadada,
Teu poder, teus encantos pregoa.

Oh beleza, meus dias bafeja,
Em teu fogo minha alma devora;
Verás de que modo
Meu peito te adora,
E que incenso ofertar-te deseja.

Paris, março de 1836

XII

O MISTÉRIO

O sol empalidece, o céu se enluta,
O raio despedaça o véu do Templo,
Soltos trovões rebramam;
De espanto, e horror a Natureza geme,
Chora Jerusalém, tremem seus muros,
E estupefato o povo
Entre o riso e o terror sem tino vaga.

Que sublime mistério o Eterno Padre
Revolve em sua mente?
Que grande sacrifício o céu consuma?
Quem é Esse que expira no Calvário
Entre dous criminosos,
Nos braços de uma Cruz, com rosto brando,
Como se o fel da morte não provasse?

O monte que suporta o peso ingente
Suspira a cada gota desse sangue,
Que o rega, e cai-lhe dos feridos membros
Da vítima sublime.
Quem é Esse, de quem o céu, e os astros
A morte estão carpindo?
Não, não é um mortal! — Razão altiva,
Em vão procuras ocultar seu Nome!
E' o Filho de Deus, que sobre a terra
Espalhou a Moral pura e celeste,
Aos homens ensinando
A verdade, o amor, e o sofrimento.
Só o Filho de Deus na Cruz podia
Sofrer por nosso amor este tormento.

Homens degenerados
Sem pejo aos pés de deuses se prostravam
Tão infames como eles.
Corria humano sangue sobre as aras
Em sacrifício à vil hipocrisia
De oráculo fingido;
E as ímpias mãos de um impostor sagrado,
Nas palpitantes vísceras pousando,
Iam depois queimar o incenso impuro
Ante o altar do crime endeusado.

Tudo do engano as trevas encobriam;
Só déspotas raivosos
A seu grado reinavam;
E nas públicas praças, e nos circos
Só escravos em ócio pão pediam.

Como de vaga em vaga repelidos

Os restos do naufrágio,
Vão na areia encalhar, tal parecia
Que a Humanidade ao fim tocado havia.

No meio deste horror eis que aparece,
Como um íris de paz, do Eterno o Filho.
O erro confundido,
Procura em vão lutar. Embalde se erguem
Fogueiras aos Cristãos. Espavorido
Vê o sedento algoz imbeles virgens
Com os olhos no céu vencer a morte;
E das trêmulas mãos por terra caem
A sangüíneas as bipes;
Os falsos deuses dos altares saem;
E sobre o Capitólio a Cruz se eleva,
Como o sinal da redenção do mundo.
Vitória, os céus entoam,
Vitória à Humanidade!
O Cristo do Senhor desceu à terra,
E aos homens ensinou a sã verdade.

Roma, 17 de abril 1835

XIII

UM PASSEIO ÀS TUILERIAS

Eis-me no mundo!... Aqui presente o tenho
Todo, tal como ele é, em breve quadro!
Aqui os homens o prazer procuram,
E mil vezes aqui a dor encontram.

Nestas ruas de flores,
Confundidos os sexos, as idades,
E o vício confundido co' a virtude,
Se encontram, se abalroam.
Debaixo destas árvores em renques,
Qu'inda de gala há pouco de gala se cobriam,
E já empalidecem só co' o sopro
Longe do inverno, como reis de um dia,
O fido amante espera
A retardia amada.
Meditabundo aqui passeia o sábio,
E inspirações recebe;
Aqui o velho ao sol as cãs aquece;
E vê correr o infante após seu arco,
Inquieto e afanado,
Como após a Fortuna corre o adulto.

Aqui sobre esta pedra solitário
O cândido Filinto repousava,
Chorando a Pátria, que lhe fora ingrata,
E, malgrado a injustiça, amando-a sempre.
Co' os Mártires nas mãos, n'alma a poesia,
Aqui ao Luso idioma
Imortal monumento ergueu glorioso,
Que ao lado dos Lusíadas sublimes,
Parellhas correrá co' a eternidade.

Que imenso é o Universo! que infinito!
E tu, Senhor, tu só num volver de olhos
Tudo vês, tudo alcanças!
Como é este lugar tão limitado!
Entretanto o que o seu recinto abrange
Meus olhos não distinguem.

Esta coluna d'água impetuosa,
Que compelida esguicha, e no ar se curva
Pelo vento açoutada,
De um lado e de outro lado vacilante,
Como um branco penacho aos ares solto,
E de poeira em forma
Cai, e tranqüila jaz no largo tanque;
Representa, oh mortal, a história tua!
Assim humilde nascas,

Da terra assim te elevas arrojado,
Assim te agita das paixões a fúria,
Assim pendes, e em pó no comum fosso
Descansas, té que soe a voz terrível
Do Arcanjo do Senhor, no eterno dia.

Desde que no horizonte o sol fulgura,
Té que a Noite, e o silêncio se anunciam,
Ondas de homens sobre ondas incessantes
Este recinto invadem.
De quatro lados sete portas francas;
E um só não vejo em vestes que o trabalho,
E a indigência assinalem.

Tentais embalde entrar: — ide-vos, pobres,
Ide-vos, homens ao trabalho afeitos.
Ergueram, vossas mãos estas muralhas,
Vossas mãos estas portas fabricaram,
Que hoje ante vós se fecham;
Com o vosso suor foi amassada
A terra, que estas árvores sustenta,
Mas gozar não podeis da sombra delas
Vós deveis sementar; outros que fruam.
Aqui vós não entrais: — ide-vos, pobres.

Como réproba assim por toda parte
Com desprezo se expulsa a indigência,
Feio crime entre os homens!
Aquele ontem beijava o pó da terra,
Hoje à custa de usura, e latrocínio,
Envernizado com pomposo nome,
Grande, nobre se ostenta!
Tal a serpente em torcicolos chega
Arrastando-se ao cume de alto monte,
Que o brioso animal vingar nem tenta.
O mundo é sempre assim, é sempre o mesmo;
Os esforços, os bens da sociedade
São sempre para quem menos carece.

Entre estes arvoredos lá diviso
Do Gigante da terra
A Coluna imortal, e a estátua egrégia,
Qu'inda parece ameaçar o mundo.
Ali vejo domado, e curvo o orgulho
Dos déspotas dos povos.
Ali a Liberdade
Sentada está no carro da vitória,
De louros coroada, mas sombria.
Ali vejo de Deus a onipotência,
Que ergue, quando lhe apraz, do pó um homem,

Para calcar dos Reis o cetro, e o orgulho.
Ali vejo o valor, vejo a justiça;
Grécia, e Roma ali vejo num só Gênio!
Seu corpo tem por túmulo um rochedo,
Onde continuamente o Oceano chora;
Seu grande nome a terra toda o sabe.

O palácio aqui está, de um rei morada.
Quantas recordações nele desperta!
Co'a mesma rapidez com que num sonho
As sombras se sucedem,
Tal os fastos da história se me antolham
Cena por cena em quadros animados.

Aqui Paraguassu, filha dos bosques,
Do esposo ao lado entrou extasiada,
Vendo a grandeza da Européia corte.
Um rei lhe deu a mão; e uma rainha
Da boca sua ouviu as maravilhas
Do seu caro Brasil, então deserto.
Ah saíamos daqui; que horríveis quadros
Me vêm ora turbar a fantasia.

Marmóreos simulacros
Dos divinos heróis da Grécia, e Roma,
Descerrai vossos lábios; pois que o gênio
De bruta mole em homens converteu-vos,
Falai, por Deus falai; eu vos conjuro;
Dizei-me se melhores do que os de hoje
Os mortais foram das passadas eras.
Mas vós não respondeis; ficai, sois pedra.

Esta escada subamos;
Como silencioso se desliza
O outrora ovante Sena! Nem murmura!
Como humilde atravessa estas arcadas!
Não sois assim, da minha Pátria oh rios!
Oh Paraná, oh tímido Amazonas!
Eu já te vi, oh Sena,
Altivo assoberbar estas muralhas;
Hoje mesquinho nem banhá-las podes:
Hoje o ousado menino a ti se lança.
De um destronado rei és triste imagem;
Sem pompa assim caminha desprezado
Dos próprios seus, que o respeitaram, servos:
Tudo assim é na terra!

No meio estou da capital do Mundo!
Ali vejo dos sábios a morada,
Aqui das leis o templo,
Entre suas colunas vagueando
Com talhe ameaçador se me afigura
Do rival de Demóstenes o espectro.

Deste lado o obelisco majestoso,
Que à terra estranha os homens transplantaram,
Como um filho grosseiro dos desertos
Entre um povo que os séculos poliram.

Sabes tu que lugar marcar vieste?
Sabes tu essa cor o que nos mostra?
Esta terra que ocupas foi outrora
Lugar do cadafalso! foi banhada
Co' o sangue de Luís, de um rei co' o sangue.

Mas o sol se retira,
E já se enluta o céu, e a Natureza.
Por que todos ali vão reunir-se?
Melódicos acentos de harmonia
Meus ouvidos adoçam!
Oh música divina!
És tu que atrais os homens, que dispersos
Sem ordem vagueavam.
Do céu foi inspirado o que primeiro
Um som com outro som cadenciando,
Pôde dar o transunto harmonioso
De Deus, da Sociedade, e do Universo.

Já não vedes, meus olhos; novas trevas
Envolvem do Senhor as maravilhas.
De dia em dia assim, de noite em noite,
Horas, anos, e séculos se abismam
No seio da perpétua Eternidade.
O homem nasce, e morre;
Tu só, meu Deus, és grande.

XIV

A TRISTEZA

Triste sou como o salgueiro
Solitário junto ao lago,
Que depois da tempestade
Mostra dos raios o estrago.

De dia e noite sozinho
Causa horror ao caminhante,
Que nem mesmo à sombra sua
Quer pousar um só instante.

Fatal lei da natureza
Secou minha alma e meu rosto;
Profundo abismo é meu peito
De amargura e de desgosto.

À ventura tão sonhada,
Com que outrora me iludia,
Adeus disse, o derradeiro,
Té seu nome me angustia.

Do mundo já nada espero,
Nem sei por que inda vivo!
Só a esperança da morte
Me causa algum lenitivo.

A AFLIÇÃO

Não, não é sangue; é fel envenenado,
 Que em minhas veias gira.
 Não, não é vida; são espinhos hirtos,
 São ervados acúleos, que incessantes
 O coração me pungem.
 Não, não é ar; é o hálito da morte,
 Que o peito me comprime.
 Não são do mundo as cenas que me envolvem,
 São as cenas do Inferno.

É possível, meu Deus, que tanto sofra
 Um mísero mortal, e qu'inda viva?
 Queres ver do teu servo
 A alma, de padecer já calejada,
 Sem murmurar, sem blasfemar té onde
 A paciência leve?
 Em mim acaso novo Job preparas?
 Ou o meu coração não é de humano,
 Ou a dor já o tem empedernido
 Co'o reiterado embate.

Oh meu Senhor, pequeno é o meu peito,
 Para conter um coração repleto
 De tantas aflições, de angústias tantas.
 Tira-me a própria vida,
 Tira-me o sentimento,
 Ou com tríplice lâmina de ferro
 Forra meu peito, e meus ouvidos cobre.

Oh dever de homem probo!
 Hei de eu como uma incude duros golpes
 Suportar insensível, sem queixar-me
 De quem martírios tais sem dó me causa?
 Sem dó?... E talvez mais; sem um remorso!
 Tu Zeno, assim me ensinas;
 Filosofia austera,
 Eu sigo a tua lei, por ti me guio.
 Oh que esforço é preciso
 Na idade do prazer, e do interesse!

Eu chorei, e meus olhos se secaram;
 Nem mais em nova dor lágrimas novas
 Terei para chorar; as dores todas
 Fizeram-me tragar seus amargores;
 Não há mais dor que apresentar-me possa
 Nova taça de acético veneno.

O triste solitário,
Que em áspero deserto transviado,
De improvise se vê acometido
De cruéis serpes, que o pescoço lhe atam,
E cravam-lhe no peito
Agudas presas de peçonha cheias,
É a horrível imagem
Do estado meu, do meu duro martírio.
Mas quem poderá crer-me?
Quem pode avaliar minhas angústias?
Mimosos do prazer, eia, deixai-me;
De vossa compaixão não necessito,
Vosso riso me ofende.

Estala, oh coração, estala, acaba!
Não tens uma só fibra,
Que ao golpe de uma dor não retinisse.
Por que não deixas o meu corpo, oh alma?
Que fogo de esperança inda te anima?
Oh esperança, quase que me foges!
Não há consolação para o infelice,
Que longe de seus pais, da Pátria longe,
Definha entre pesares.

Que, oh mundo, com dores só misturas
As lições que nos dás? A experiência
Só com dores se colhe,
Como uma flor de espinhos guarnecida?
São inúteis os livros, e os conselhos?
É tudo a experiência?
A experiência é só quem nos ensina
A ciência da vida?

Oh infantil vaidade!
Vós, oh jovens, cuidais que sabeis tudo,
As páginas de um livro apenas lendo.
Dos velhos desprezais os sãos conselhos,
E orgulhosos dizeis: — Hoje a velhice
Lições deve tomar da juventude;
Hoje de nossos pais acima estamos.
Moço sou, como vós sábio julguei-me;
Como vós iludi-me.

Ontem fagueira a sorte se mostrava,
Ria-se a Natureza,
E em sacros laços de amizade estreita
Os homens se apertavam.
Hoje terrível tempestade brama,
Os homens se repelem, se debatem,
Como rábidas feras nas florestas.

Misterioso enigma,
Inexplicável Ser, capaz de tudo,
Fonte de vícios, de virtudes fonte,
Que edificas, que assolas, e que sempre
De ruína em ruína ovante marchas,
Como um Gênio de morte,
Dize, o que és tu, oh homem!

Cala-se a Natureza, e só ressoa
Um grito doloroso
Dos túmulos erguido,
Como um gemido de agoureiro Mocho,
Quando sobre destroços esvoaça.

No peito a destra aplico;
Palpita o coração fraco e pausado,
Atento escuto, as pulsações calculo;
Não me agita o remorso,
Nem espectros a noite me apresenta;
E minha alma tranqüila na tormenta
Como um firme penedo,
Nem a sombra de um crime a entenebrece.
Doce consolação de um peito aflito!

Oh único juiz incorruptível,
Oh meu Deus, ante quem brilha a verdade
Mais clara do que o sol; a cujos olhos
O mais pequeno verme iguala ao homem,
E a Natura descobre os seus arcanos;
Tu, que o meu coração penetrar podes,
Julga tu só e vê se são meus erros
Iguais às minhas dores.

Enganar-te, oh meu Deus, não pode o homem!
Se feia iniquidade nele habita,
Se mereço o que sofro, ah deixa, deixa
Que os inimigos meus de mim se vinguem.
Não me atendas, Senhor; meus ais despreza.
Deixa expiar meus erros
Na terra, onde este pó ao mal me prende,
Antes que eu suba ao tribunal eterno.
Mas se fala a inocência em meu socorro,
Mostra a verdade, salva-me, e absolve
Aqueles que me infamam;
Que eu os perdôo, oh Deus; por ti o juro;
Sou Cristão; — e o Cristão sofre, e perdoa.

A CONSOLAÇÃO

Que tens? De que te queixas, desgraçado?
 É da Pátria a saudade que te aflige?
 São os erros dos homens? São teus erros,
 Que pesam sobre ti? És criminoso?
 Aborreces a vida? A morte queres?

O qu'hei de eu responder? Não, oh meus lábios,
 Não reveleis arcanos de minha alma,
 Não crimineis os homens;
 Queixas inúteis são; lábios, calai-vos.
 A quem não sente o mal, que importa o alheio?

Não; não sou desgraçado. Estas profundas
 Dores que me aguilhoam d'alma os seios.
 São os sinais de uma lição do mundo.
 Sinto a dor, mas sou grato à Providência,
 Que destarte me instrui, como mãe terna,
 Que só para ensinar o filho pune.

No mais íntimo d'alma o virtuoso
 Acha quem o console na desgraça.
 Desgraçado, és tu só, tu miserável,
 Tu, que não do assassino o punhal temes,
 Mas o punhal da própria consciência.

Lei é da Humanidade, e não do acaso;
 Sofrer, sempre sofrer é seu destino.
 A Natureza o homem bruto cria,
 O mundo o aperfeiçoa
 Com dores e trabalhos.
 Como se brunem com o atrito os seixos
 No revolver das ondas,
 Ou como no crisol, à chama exposta,
 Se purifica a prata,
 Destarte, entregue à dor, doma-se o homem.

O templo da verdade o erro escolta,
 Armado de punhais, e de flagícios;
 E antes que a Humanidade entrever possa
 Um claro lume do seu divo rosto,
 Ah quantos são primeiro
 Tristes vítimas do erro,
 Servindo de degraus da luz ao ingresso!

Nossos olhos lancemos ao passado,
 E co'o fanal da história descubramos
 Quantos martírios nossos pais sofreram.

Tudo o que vemos nada é mais que a luta
Da verdade, e do erro.
A verdade, que herdada hoje gozamos,
Assaz regada foi com sangue humano;
Por nós dezoito séculos lutaram,
E nós pelo porvir lutamos hoje.

Não é fora do mundo,
Engolfado em prazeres que embriagam,
Em brando leito lânguido estendido,
Rodeado de escravas, que o incensam,
Como um rei do Oriente; nem na mesa
De esplêndido banquete, qual Lúculo,
Que se colhem lições da experiência.
Não; engana-se aquele, que Epicuro
Mal interpreta, e diz: Eia, gozemos;
A vida no prazer cifra-se toda.

É nos cárceres só, é nos perigos,
Quando ao exílio marcha o justo Aristides,
Quando Homero chorado pão esmola,
Quando no cárcer galileu medita,
Quando do trono avito um rei baqueia;
A experiência então a voz levanta:
Sólon, Sólon, Sólon, bem mo dizias!

Do passado a lembrança é morta idéia;
A experiência só, a experiência,
Dura, severa mestra,
Por caminhos de dores, entre espinhos,
Guia o incerto passo
Do mortal que viaja sobre a terra.
A dor é da verdade companheira;
Quem busca a experiência, a dor encontra.

Por que pois lamentar se a dor é útil?
Se ela é nuncia de um mal, de que nos cumpre
Fugir, ou evitar assaltos novos?
O fogo que ao infante o dedo queima,
A refletir o ensina, enquanto os mimos
Da terna mãe mil vezes o corrompem.

Oh desgraçado aquele
Que jamais suportou uma só mágoa,
E que de gozo em gozo vê seus dias
Correr tranqüilamente;
Como a flor nasce, e morre,
Mas como a flor também nada conhece;
Existe, mas não vive,
Que é, sem dor, o prazer uma quimera.

Para vermos a luz, que ânsias, que dores
Não sofrem nossas mães? Mas nesse instante
As dores maternais, nascendo, herdamos.
Glória, fama, saber dores nos custam;
Até o último expiro a dor nos segue;
E quem sabe se à dor põe termo a morte?

Como é feliz aquele que levanta
Seu espírito a Deus, e com fé pura,
 No meio da tormenta,
Que o mundo sem cessar contra nós arma,
 Do céu auxílio espera,
Enquanto sem conforto, entregue à raiva,
Blasfema o ímpio contra Deus, e os homens.

Feliz quem assoberba a iníqua sorte;
E, para o consolar, acha a virtude,
 Que benéfica brilha,
Como em negra soidão plácido lume
Alma esperança gera, prometendo
Asilo ao peregrino afadigado.

Feliz, feliz mil vezes, quem tranqüilo
Não ouve o apuridar da consciência,
 E um só crime exprobrar-lhe!
E no leito da paz, ou na masmorra,
Não vê punhais em sonhos, nem fantasmas.
Mesmo quando os ruins dores lhe causem,
Como Guatemosino atado, e posto
Sobre estendidas, chamejantes brasas,
Com os olhos no céu, sereno exclama:
 Num leito estou de rosas!

Entre afiadas rodas, açoutado
 Com lâminas de ferro;
Na cadeia, no circo, e na fogueira,
 Ou alvo da calúnia,
O justo não stá só, Deus é com ele.
Cadeias, circo, infâmia, fogo, e morte,
 Tudo supera o justo.

Como as nuvens pejudas de vapores
 Exalados da terra
Do coruscante sol a face cobrem,
E por um pouco a Natureza enlutam;
Mas depois da tremenda tempestade,
De mais belo cetim o céu se arreia,
E o sol raios dardeja mais brilhantes,
Assim depois da angústia, e da calúnia
A inocência triunfa acrisolada.

Ah! não nos lamentemos;
Que quanto mais se sofre mais se alcança.
A dor só para o iníquo é um tormento.
De Zeno as leis seguindo,
Como se a não sentíssemos, vivamos;
Deus existe, e nos vê; Deus só nos julga.

Paris, 5 de setembro de 1834

XVII

A VIDA DA INOCÊNCIA

A vida é plácida e bela
Para quem a não conhece,
E na cândida inocência
Qual puro jasmim floresce.

É uma aurora rosada,
Um sonho delicioso,
Para quem o arcano ignora
Deste mundo caviloso.

É um mel suave e grato
Para quem no lar paterno,
Co'a bênção dos seus maiores,
Recebe a bênção do Eterno.

É um celeste tesouro
Para a tenra criatura,
Que vive como tu vives,
Vida dos Anjos tão pura.

Só vive assim a inocência
De Deus amada e querida!
Oh inocência! perfume!
Oh doce orvalho da vida!

Filha de pais virtuosos,
Luminosa é tua estrela!
Vive para ornar o mundo,
Feliz, inocente e bela.

XVIII

A SEPULTURA DE FILINTO ELÍSIO

No Cemitério do Père La Chaise

Eis-me fora do mundo,
Nas solidões dos mortos,
No império do silêncio, e da tristeza,
De campas, e ciprestes rodeado!

Cenas aqui não há, que aprazer possam
Aos sentidos daqueles, que embebidos
Nas ilusões do mundo, a morte temem,
Como o completo termo da existência;
Cegos, que a luz não viram do infinito!

À sombra destas árvores chorosas,
Encostado a um sepulcro,
Ócio não pasta o rico em sesta amena;
Nem quem o vero bem no engano cifra
Deste vale de angústias.

À dor esta mansão é consagrada,
E à saudade, e às lágrimas dos vivos,
Que a Deus, e à Eternidade a mente sobem.

Aqui, sim, oh minha alma, aqui te exalta;
Solta as prisões do barro que te oprime,
E vaga sem horror na imensidade.

Estas ruas de túmulos soberbos,
Que cidade figuram,
Só corruptos cadáveres habitam,
Poeira, nomes, e ossos descarnados.

Os mortos que nos mármore repousam,
Não te encham de terror; nem os gemidos
De alguma triste esposa, ou mãe saudosa;
Nem do vento o murmúrio,
Que merencório soa entre os ciprestes.
Nada temas, minha alma;
Preconceitos da infância te não gelem;
Não; sem susto vagueia;
Mal não fazem os mortos;
Só entre os vivos o temor é justo.

Oh Filinto! Oh Filinto!
Onde estás?... Escutemos...
Aqui nem mesmo os ecos me respondem.

Oh meu Filinto, é esta a vez terceira,
Que incansável te busco.
De um em um tenho lido os epitáfios
Destas fúnebres lousas;
O teu só não encontro.

Onde é que a ingratição da injusta Pátria,
Dessa Pátria que honraste
Co'os teus divinos carmes,
Cavou-te a humilde sepultura? — Onde?
Dela ausente, proscrito, na miséria,
Como Camões viveste;
Saudoso, e só por ela suspirando,
Monumentos ergueste à glória sua;
E surda sempre foi aos teus gemidos;
Como Camões morreste na indigência!
Mas ele ao menos expirou na Pátria!
Terra da Pátria recebeu seus ossos;
E tu? — Nem ela sabe onde repousas!

Oh desgraçada Lísia!
Ingrata mãe de heróis, de egrégios vates,
Assim desleixas teus preclaros filhos,
Que em fadigas se afanam
Por cingir-te de brilho imarcescível?
Teu vate, teu cantor já te exprobrara,
Quando com rouca voz assim dizia,
E não do longo canto afadigado,
Mas de cantar à gente endurecida:
“O calor, com que mais se acende o engenho,
“Não o dá a Pátria, não; que está metida
“No gosto da cobiça, e na rudeza
“De uma austera, apagada e vil tristeza.”

No Universo estas vozes ressoaram;
Línguas cem estas vozes repetiram;
E o que fizeste, oh Lísia?
Chamaram-te madrasta, e mãe tirana;
E hoje? — inda és a mesma!

Oh Pátria minha, o meu Brasil, não sejas
Como Lísia cruel para teus filhos.
Ligado à sorte sua, tu suportaste
Sec'los três os grilhões do cativo;
Mas já que sacudiste a espessa treva,
Que os olhos te vendava,
Da tua antiga Irmã vê as misérias,
E de imitá-la teme.

Vejamos. — Estes mirtos tão viçosos
Ornar devem de um vate a sepultura.
Oh será ele? — Não; aqui descansa

O coração de um filho.

Não afrouxemos, vamos; que assim marcha
A Humanidade inteira,
Sem nunca repousar, sobre relíquias
Das gerações extintas.
Cada casa é um túmulo; e de sangue,
Lugar não há na terra,
Que manchado não fosse.
Um dia chegará a Humanidade
Ao limite que Deus lhe prescrevera.

Não descansemos; vamos,
Enquanto a sepultura não acharmos
De Filinto, que há tanto procuramos.

Luísa e Abeilard inda no mármore,
Juntos, da morte o eterno sono dormem,
Neste gótico túmulo; mil c'roas
Suas estátuas cobrem, que os amantes
A seus pés depositam.
Qu'eu não possa pagar igual tributo!
Amor, tu me desdenhas;
Nunca um ósculo teu rociou meus lábios;
Nunca de virgem olhos condoídos
Sobre mim almas chamas espargiram;
Ah nunca fui amado!
Nascido para a dor, jamais minha alma
Em delícias de amor sonhou ao menos!

Que ilustres nomes estas lousas mostram!
Estátuas, bustos, inscrições só vejo
De prestantes varões, de egrégios vates.
Ao lado deste túmulo pomposo,
Onde d'Arte o primor ofusca o nome
Daquele que mimoso foi da sorte,
Como a meu coração fala sublime
Esta Cruz negra à sombra de um cipreste!

O sol desmaia; e precursor da noite
Cinéreo véu nos ares desenrola-se.
Já fraqueio, e suor transuda a fronte.
Deixarei estes sacros aposentos,
Sem que te encontre, o cândido Filinto?
Serei tão malfadado, que esta c'roa
Depositar não possa em tua campa,
E sobre ela chorar, gravar meu nome?

Ah não desesperemos;
Mais um esforço. — Enfim, é ela, é ela!
Nem sequer um cipreste, um mirto a cobre!

Já lisa a pedra pelo pé do tempo
Mal indica que teve um epitáfio.
 Ingrata Pátria! Ingrata!
O tempo ao menos, carcomendo a lájea,
Tua vergonha oculta ao estrangeiro.

Oh meu Deus! aqui jaz desconhecido
Quem cantou dos teus Mártires a glória
Em altíssimo metro harmonioso!

Reverente ante a tua sepultura,
Oh Filinto, tu vês um triste filho,
Que choroso, da Pátria ausente vive.
Jovem, talvez ardido, ousei na lira
Os dedos aplicar, seguir teus vãos:
Sons, que desfiro rústicos, consagro
Em holocausto a Deus, e à Pátria minha.
Da celeste Sião, onde tua alma

 Fulgurante resplende,
Um raio de estro à minha mente vibra.

 Recebe esta coroa,
 Estas folhas recebe,
Que viçosas colhi na sepultura
Do imortal La Fontaine, a quem honraste.
Quiçá prima homenagem sejam elas
Que ao manes teus humana mão tribute.
Possa o tempo guardar estes, que escrevo,
Tristes versos, até que um Luso os leia.

Uma lágrima dai, oh Portugueses,
Uma lágrima ao menos a Filinto,
 Ao desgraçado velho.
 Assaz honrou à Pátria;
Em prêmio exílio teve. — Adeus, Filinto.

.....
“Que exemplos pra futuros escritores!”

Paris, 28 de setembro de 1834

UMA MANHÃ NO MONTE JURA

Deixemos este lúgubre aposento,
Estas estreitas, tortuosas ruas,
E subamos, Amigo, este fraguado.

Íngreme, escabrosíssimo, impossível
Parece que o vinguemos;
Mas se à forte vontade a ação se aduna,
O que há na terra que resista ao homem?
Eia, Amigo, subamos.

Já as flores da noite alvinitentes,
Que o firmamento esmaltam,
A desmaiar começam, só co'a vista
Dos arrebóis d'aurora.
Da terra alvos vapores se levantam
Condensados, e no ar se desnovelam,
Montes bosquejam, mares, e cidades,
E nos campos se perdem do infinito,
Como agora se perde o pensamento
Na vastidão de idéias, em que vaga.

Subamos do rochedo até ao cume;
Lá, respirando um ar puro e suave,
Recebendo do sol os primos raios,
Louvores ao Altíssimo entoemos.

Subamos. — Que vastíssima paisagem!
Que cadeias de montes araçados,
E como torreões, grimpas, espectros,
As nuvens se levantam!
Que tapetes de vinhas se desdobram,
E as várzeas, e as encostas alcatifam!
Que escuros tetos de mesquinhas vilas
Salpicadas aqui, e ali, quais combros
De terra, que formigas amontoam!

De tantas sensações extasiada,
Minha alma se sublima, e se converte
Num hino harmonioso,
Em louvor do Senhor da Natureza.

A lucífera estrela ali fulgura;
Lá se ergue o Sol num Oceano de ouro,
De rubins ondeado!
Tu, que iluminas mil milhões de povos,
Que outros tantos baixar tens visto ao nada,
E outros tantos subir ao grau daqueles;
Cem, e cem vezes eu te vi radiante
Atravessar contente e vagaroso

De minha Pátria os campos,
Os serros, e as cidades,
Como se, lei não sendo o movimento,
Eterno no Brasil brilhar quisesses.
Oh Sol, ind'ontem viste essa ditosa
Pátria, por quem suspiro aqui saudoso;
Pátria, por quem me afano; mas se embalde,
Longe dela acabar prefiro ao opróbrio
De vê-la, e ser-lhe inútil.

Não, oh Pátria, não estou de ti distante;
Comigo estás, é teu meu pensamento.
Um desejo violento, irresistível,
Como a enchente, que de alto se desaba,
Todo me ocupa, e o coração me abala;
Desejo de te ver no orbe cantada
Como a primeira das Nações da terra.

Descansemos, Amigo,
Descansemos um pouco, que é difícil
Por não trilhadas, perigosas sendas,
Sem fadiga vencer tal penedia.
Olha, vê tu aquele que pasmado
Debaixo nos contempla, e se confunde,
Envolto na poeira,
Co'as pequenas ovelhas que apascenta?
Quiçá de nós dizendo esteja agora:
Eis dos homens té onde o arrojo chega!
Por que a plana estrada desprezaram,
Onde sem risco todos nós marchamos,
Para perigos afrontar ousados?
Cairão, cairão; serão punidos...

Assim mesquinhos entes invejosos,
Tristes aves de agouro,
Que no charco comum patinham, grasnam,
Quando vêm remontar altivos gênios
Às sublimes esferas,
Esses, cuja missão é o progresso,
E das mãos arrancar da Natureza
Novas, úteis verdades,
Clamam, praguejam, mas no charco morrem;
Enquanto que de céu em céu voando,
De Nação em Nação, de povo em povo,
Da Humanidade os astros benfeitores,
Em torno a Deus, na Eternidade pairam
De própria luz radiantes.

Trabalhemos, Amigo, pela Pátria,
Só por amor da Pátria,
E entreguemos a Deus nosso destino.
Se à região dos astros não subirmos,

Pirilamos seremos nos desertos,
E aos nossos reunidos, luz daremos,
Que nas trevas talvez ao desgarrado
 Viajor encaminhe.
Trabalhemos, Amigo, pela Pátria,
 Só por amor da Pátria,
E entreguemos a Deus nosso destino.

 Ah subamos ainda,
E cheguemos ao tope da montanha.

Esta pedra que cai, bate, e reflete,
E assim de curva em curva saltitante,
Vai rolando, e batendo, até que chega
 Desfeita em mil pedaços,
É a imagem dos seres subalternos,
Que só grandes parecem pela altura,
Em que a cega ignorância os colocara;
Mas quando se despenham, desaparecem,
Sem que se abale o mundo; nem arrastam
 Satélites consigo,
 A não ser a poeira
 Que só os rodeava.
Assim muitos colossos se abismaram,
 Colossos de vaidade:
Assim se enterrarão no eterno olvido
Muitos que a Pátria nossa inda hoje oprimem
 Co' o peso da ignorância.

Nossa Pátria tão bela! — Nossa Pátria
Tão digna de um porvir grande e sublime!
Ei-la, como um cadáver de gigante,
Róida por milhões de vis insetos,
 Que ela mesma alimenta!

Olha, Amigo, esta pálida saudade,
Que nesta penedia a custo vive.
Aqui não é que vegetar devia
 Flor tão cara à minha alma.
Vês tu como ela pende a roxa fronte
Mal que a colho, e a coloco no meu peito?
Como ela o coração, sofrendo a mágoa
 Que o nome dela explica,
Longe da Pátria, em que meus pais habitam,
 De languidez se encolhe.

Irás comigo, oh flor, terna saudade,
Inda que murcha e seca; — irás comigo,
 E acabaremos juntos.

Poligny, 7 de outubro de 1834

A VISTA DE ROMA

É Roma! É Roma! É a cidade eterna!
Lá sobre a catedral do cristão mundo
De Buonarotti o gênio se levanta,
Prodígio d'arte, maravilha humana
Consagrada a Deus vivo.

Entre suas ruínas, majestosa
Inda Roma se ostenta.
Inda seu nome impõe respeito ao mundo,
E entusiasmo gera.
Mas Roma entre ruínas se me antolha
Como essa arrependida penitente,
Que a vã pompa do mundo desprezando,
A cruz do Redentor humilde abraça.
Em vez de capacete, esparsa a coma;
Em vez de cetro, cruz; o márcio riso
Não mais lhe habita os lábios,
Nem lampejantes olhos mais incutem
Terror, vingança, e morte.
Religiosa dor hoje a sublima,
E a veste de candura, e de beleza.

Rainha das Nações, eu te saúdo!
Mãe ilustre de heróis do mundo espanto!
Eu te vejo, e minha alma inda duvida!
E não sentida comoção me abala.

Esta vermelha terra, árida e seca,
Qu'inda exala mortíferos vapores;
Este inculto deserto abandonado
Dos homens, e das feras,
Onde uma flor sequer não ri-se ao menos;
Esta desolação, esta tristeza,
Este horror sepulcral, que em torno gira
Da senhora do mundo,
Tudo alfim aqui fala, e os olhos mostra
As sangrentas tragédias, que juncaram
Estes campos outrora.
De tanto sangue humano que a ensopara,
De tanto ferro gasto que a cobrira,
Conserva ainda a cor a terra estéril!

Por que nuvens de corvos esvoaçam
Nestes ares pejados de vapores?
Por que arrancam gemidos dolorosos,
Que as carnes, e os cabelos arrepiam,
Como se eles um mal também carpissem?
Odor carnificino

Ainda exalarão de Roma os campos?
É que não acham mais sangue que bebam!
Cadáveres que os cevem!

Que Romano saído do sepulcro
Reconhecer-te, oh Roma, poderia
Que viajor, entrando em tuas portas,
Não dirá: Onde estou? onde está Roma?
Se uma voz respondesse: Eis aqui Roma.
Como não exclamar cheio de assombro:
Que maldição do céu caiu sobre ela!

Também têm as Nações suas idades.
Jovem já foste, oh Roma!
Já guerreiro vigor armou-te o braço;
Já tremeram de ti milhões de povos.
Fatigada de glória, e já curvada
Entre tuas ruínas,
Hoje tu tremes, como uma Rainha
Anosa sobre o trono,
Que em anos juvenis calcara ufana.
Hoje só em teu Deus arrimo encontras;
Só a Religião te ampara a frente,
Que co'o peso dos séculos já pende.

Sem este novo Deus morta já foras.
Teus velhos deuses a paixões sujeitos,
Teus senhores, teus Neros, e teus filhos,
Degenerada raça
Dos Brutos, e Catões, raça maldita,
Nos mais nefandos crimes só nutrida,
Tudo alfim te arrastava ao horror, e à morte,
E te ia despenhar na sepultura.
Mas um Deus novo te salvou do abismo;
Novas virtudes deu-te, graças novas,
E tu por ele só inda hoje vives.

Da guerra o Gênio que nas pugnas vela,
E o pacífico Gênio que aos destinos
Dos Impérios preside,
Entorpecidos de fadigas tantas,
Entre a poeira das ruínas tuas,
Cobertos de lauréis, prostrados jazem.

Co'a espada o antigo mundo amedrontavas,
Co'a Ciência, e a Razão guiaste o novo;
Sim; a glória perdeste dos combates,
Mas alcançaste da Ciência a glória.

Ignora o mundo teu porvir augusto,
Que ao mundo oculta Deus seu pensamento;
Mas tu despertarás à voz de um Gênio,
Do sono em que te abismas.

Dorme, dorme, que o Tempo não perece;
Dorme, que um dia te erguerás mais bela;
Dorme, até que a trombeta do teu Anjo
No mausoléu ressoe de Adriano.
Os desígnios de Deus serão cumpridos;
Não, tu não morrerás, cidade eterna.

Roma, dezembro de 1834

Vai-te, vai-te... Sepulta-te, não surjas
Do abismo do passado,
Ano, que para mim um século foste
De contínuos tormentos.

Vai-te, vai-te... Nem mais lembrança tua
A mente atribulada me enegreça;
Desaparece, passa como a nuvem,
Que o fúnebre palor da lua aumenta
Em sossegada noite;
Como um sonho, que agita a fantasia
De adormecido enfermo;
Ou como um pensamento malformado
No delírio da febre.

Mas como te olvidar, se a consciência
Ao grito da vontade se rebela?
E acintosa a memória inda conserva
Tua lembrança triste?
E sem cessar traidora fantasia
Malgrado meu me está representando
Mil desgostosas cenas?

Eterna ficará tua lembrança
À minha alma presente,
Para d'amarga vida despertar-me
Os passados reveses,
Como ao lado do altar pendente voto
O naufrágio recorda, e o salvamento.

Como depois de borrascosa noite,
Rutila alva serena,
Do seio do futuro inexaurível,
Novo ano, sai, assoma mais fagueiro,
E as lágrimas estanca,
Que pela dor mil vezes arrancadas,
Do coração aos olhos me subiam.

Faze que esta ilusão que a alma consola,
Esta esperança, último refúgio
Que na desgraça o malfadado encontra,
Núncio me seja de um melhor futuro.
Sê meu Íris de paz, e o meu santelmo.
Assaz desditas minhas juz me outorgam
De merecer-te ao menos um sorriso;
Assaz para um favor sofrido tenho.

Esta que ora desfruto paz serena,
Este descanso que piedosa destra

Concede a meu espírito agitado,
Este celeste sopro
De alma ventura que respiro agora,
Esta luz que me aclara,
Já deixa-me entrever porvir brilhante,
E o horizonte da Pátria me apresenta,
Da longe Pátria, tão por mim chorada.

Vem, ano-novo, vem; traze-me alegres
Notícias de meus pais, da Pátria minha.
Traz-me este consolo,
Este consolo ao menos, que me afague
Na distância em que vivo.
Outra ambição não tenho, outra... E o que pode
Minha alma cobiçar de mor valia?
Coração como o meu, ermo de inveja,
Exempto de vaidade, a pouco aspira;
Só de nobres desejos se alimenta.

E tornarei a ver-te, oh Pátria cara?
Teus montes saudarei? tuas florestas?
Teus rios? e o teu céu azul sem nódoa?
Ainda abraçarei os pais anosos?
Mas em que dia? Quando? Como tarda!

Vem, ano-novo; vem, minha esperança!
Por ti eu suspirava.
Qual um amante pelo bem amado.
Vem, oh núncio de paz; vem consolar-me.
Oxalá que não toques ao teu termo
Antes qu'eu volte ao paternal albergue.

Roma

XXII

AS RUÍNAS DE ROMA

À claridade da Lua

Oh que espetáculo fúnebre e sublime!
Aqui foi Roma! — Aqui ergueu-se altiva
A Senhora do Mundo!
E de tanta grandeza eis o que resta!

Quantas trombetas no Universo soam,
E os fastos marciais da augusta Roma
Sonoras proclamam!
Quantas vozes de Roma o nome entoam!
Mas uma vista só destas relíquias,
Estas colunas, qu'inda se sustentam
Meias fora das covas, meias dentro,
Como espectros alçados dos sepulcros;
Este mesmo silêncio, tudo fala,
Sem turbar os sentidos assombrados!
Oh grandezas, quão perto estais do nada!

Eu saudei-vos, ruínas, quando o dia
Sobre vós seus fulgores entornava,
Vosso florido manto realçando;
Quão longe então estáveis
Desta mística, horrível majestade!
Oh que não é o sol o astro dos mortos!
Nem se cobre de púrpura o cadáver!

Tu és, oh lua, o astro das ruínas!
No páramo celeste solitária
Plácida alvejas, de palor tingindo
Estes negros destroços,
Qual a trêmula lâmpada suspensa
No asilo dos finados,
Que só das trevas o horror aclara,
Para mais realçar o horror da morte.

Como uma ave de agouro em clima estranho,
De tão longínquas plagas transportado,
Plagas à culta Europa ainda ignotas
Quando já isto tudo eram ruínas,
Eis-me aqui sobre o monte Palatino!
E amanhã? — Onde irei? só Deus o sabe.

Oh pó erguido! Oh pedras! Oh ruínas!
Que sublimes lições estais ditando
Nessa muda linguagem dos sepulcros!
Oh desgraçado o povo que as não ouve!

Desgraçado quem não as compreende!
Vós sois mais eloqüentes
Que os vossos oradores, cujas vozes
Veze mil noutros tempos ecoastes:
Vossa voz só nos seios d'alma soa,
Como a terrível voz da consciência,
Ou como o gelo, que entorpece o corpo,
E a vida toda ao coração concentra.

O que há aí mais sublime que esse Mário,
Gênio de morte, um homem curvo à morte,
Sentado nas ruínas de um Império?
Seu rosto baço... seu olhar sombrio...
Que idéia o pensamento lhe revolve?
Quem não dirá que em torno d'ele giram,
Dos destroços erguidos,
Milhões de espectros, cujas negras sombras
Em seu feroz semblante se desenham?
Quem não dirá que ele ouve
Carpidores gemidos,
Magoados queixumes
De angustiadas mães, de tristes órfãos,
Que lhe pedem seu pão, e o amaldiçoam?

Da Humanidade inteira és símb'lo, oh Mário!
Do pó tirada pela mão do Eterno,
Desde o berço do sol té seu sepulcro,
Quantas sofrido tem vicissitudes?
Quantas fases tem tido? E marcha ainda!
Quantas vezes na marcha tortuosa,
Qual no mar o baixel, que o vento busca,
Longas calmas sofreu, longas tormentas?

E qual o fim será da Humanidade?
Que porto lhe destina a Providência?
Mas quem pode do seio do futuro
Arrancar este arcano?
Confia, Humanidade, em teu Piloto
Confia; a Providência é quem te guia.

Oh Deus, Mário também serás um dia!
A vista espriarás pelo Universo,
E só verás ruínas!...
E todos esses luminosos Mundos,
Do santuário teu fanais brilhantes,
Ter-se-ão extinguido!
E a quem dirás então? — Eis-me sozinho
Sentado sobre o exício do Universo,
Concentrado em mim mesmo, no infinito;
Dei fim à Humanidade; ei-la em poeira;
Um sopro de meus lábios sumiu tudo!

Quem te ouvirá, oh Deus? — A Eternidade!
Oh futuro, oh futuro inacessível

Aos mortais olhos, só a Deus presente!

Oh pó erguido! oh pedras! oh ruínas!
Ah! quantas gerações aqui passaram,
Cujos rastos impressos na poeira
O vento os dissipou, como seus nomes
Pela esponja do tempo extintos foram!
De quantas cenas testemunhas fostes!
Que infâmias vistes, que cruéis delitos
Inda aos homens ocultos!
Que batalhas! que horrores!

Que milhões de cadáveres caíram.
Entre estes sete montes, como pedras
Despegado se têm destes fragmentos!
Tudo isto era um só monte,
Era um vasto redil de armentio gado.²

Que acesa lava em borbotões fervendo
Engoliu estes Templos?
Que estragador, ardente meteoro,
Despejado do Inferno, talou tudo?
Oh Guiscard! oh Guiscard! estas muralhas
Escapadas do incêndio, e enfumaçadas,
Inda te chamam fero, inda te acusam!³

Lá stá o Capitólio!
Quantos cativos Reis, ao carro atados
Do seu triunfador, ali subiram!
Ali Mânlio morou; dali a um passo
Foi as águas mortais beber do Tibre.⁴
Aqueles muros Catilina viram,
E aos acentos de Cícero tremeram.
Ali se decretava a liberdade,
A escravidão dos Reis, e dos Impérios.
Ali entre punhais expirou César,
Só por querer cingir a calva fronte
Co' o diadema real, depondo os louros;
Mas o que ao grande César foi negado,
Tibérios, e Calígulas tiveram!
Tanto dos homens a injustiça pode,
Ou tanto a corrupção que o brio extingue.

Ah! saíamos daqui, que profanado
Foi este monte, habitação dos Grachos,
E do mortal filósofo de Túsculo,
Pelo mais ruim tirano.
Eis seu palácio de ouro;
Nero aqui se entregava aos seus delírios.
Lá palideja ao longe aquela torre⁵
Como um fantasma ao clarear da lua!
Ali ria-se Nero

Com satânicos olhos cintilantes,
Nos quais de Roma a imagem se pintava
Envolta em crepitantes labaredas,
E o povo que expirava emaranhado
Entre as ondas de fogo, e de fumaça.
Cantor do inferno, o monstro, o parricida
Tanto horror celebrava ao som da Lira!
 O que não mancha um monstro?
Oh! que o seu coração era de ferro!
 Os horrídeos gemidos,
 Os gritos d'agonia
Das moribundas vítimas das chamas,
Aos ouvidos de Nero acordos eram!

Triste Jerusalém, co' os teus despojos
Ergueu-se este arco a Tito triunfante.
 Este outro a Constantino,
Vencedor de Maxêncio e de Licínio,
Herói, que a Cruz alçou no Capitólio,
Aras pagãs a Cristo consagrando.

Mas silêncio... Silêncio... Ouço gemidos,
Que se escapam dali, entre as arcadas
 Do Flávio anfiteatro!
 Quem a esta hora geme?
Estas pedras serão? espectadoras
Outrora de cruéis, sangrentas cenas,
Que doídas talvez inda hoje chorem,
Quando homens, que as pisavam, aplaudiam
 O espetáculo infame?

Não, não; são os cristãos, são penitentes,
Que abraçados co' a Cruz prostrados jazem,
E choram sobre o chão de pó, e sangue,
As palavras ouvindo do Eremita,⁶
Que n'alma lhes embebe a Eternidade.
Orai, cristãos, orai; pedi ao Eterno,
Por vós, por vossos pais, por vossos filhos.

Que sons funéreos de sagrados bronzes
 Longos vão reboando
Nestas imensas, lúgubres arcadas?
Oh meu Deus, que terrível pensamento
Estes sons repetidos me despertam!
Aquela vasta cúpula, que o gênio
Nos ares colocou em glória tua,
E às egípcias pirâmides supera;
Aquela torre, donde agora partem
Os sons, que estas abóbadas retumbam;
Todo aquele soberbo monumento,
Rico de mil prodígios espantosos,
Tudo isso cairá!... serão ruínas!

Futuras gerações sobre seus combros
De mausoléus, de estátuas, de colunas,
Subirão, oh meu Deus; e a essas pedras
Perguntarão: Que mãos vos elevaram?
Que mãos vos destruíram?

Ind'hoje eu vi o sol, num lago de ouro,
Entre montanhas de rubins acesos,
Atrás daquela cúpula ocultar-se.
Pois bem, oh sol, tu passarás um dia
Nesse mesmo lugar onde declinas;
Não ouvirás os sons religiosos
 Dos órgãos, que hoje escutas;
Descoberto verás o santuário,
Prostradas as colunas em pedaços,
 Quebrados os altares,
Aberto, e destruído o Vaticano;
Aí se aninharão noturnas aves,
Reptis passearão na relva e musgo;
E apenas ouvirás seus tristes guinchos!
E o que dirás, oh sol, de tanto estrago?
Dirás, sem suspender a marcha tua:
 “Mais que as obras dos homens,
 De Deus duram as obras.
Tudo o que é dos mortais a morte sela.
Jamais minguei de luz, tanta luz dando
Desde que Jeová do caos tirou-me.
 Por que caíste, oh Templo?
Tu, que espanto do mundo outrora foste?
 Tu, que outrora soberbo
Meu luminoso oceano dividias,
Erguendo tua sombra até meu rosto?”

Quantas vezes o filho pisa a terra
Que o cadáver do pai, ou mãe encobre,
Inda enfeitado co'as herdadas jóias?
Assim da. prisca Roma a filha herdeira
Da pompa sua, majestosa se ergue
Sobre o imenso esqueleto mutilado,
 Da augusta soberana.
Filha de Roma, cairás como ela!

Estes desenterrados obeliscos,
Que agora entre teus muros se levantam,
Arrancados do Egito, quantas quedas
De cidades têm visto, e terão inda
Novos leitos no pó de Impérios novos!
Filha de Roma, cairás como ela!

As obras dos mortais como eles morrem;
Nem duram as cidades mais que os cedros,
Que espontânea produz a Natureza;
Nova planta da extinta se alimenta;
Fênix é o Universo,
Que, morrendo, renasce a cada instante.
Tudo o que o homem vê morte respira;
E se tu, oh meu Deus, não és eterno,
O que é eterno então? o que? o Nada?
Transitório será tudo no Mundo?
E o dever, e a justiça em que se firmam?
Oh Razão, o que és tu? — Ímpios, calai-vos,
Loucos sois delirantes.
Não, oh sábio Spinosa,
Tu não eras ateu, não te entenderam;⁷
Um Deus há sempiterno, o Ser dos seres.

Filha de Roma, cairás como ela.
Outra herdará teu nome, e teus tesouros,
E com tuas riquezas adornada,
Seu estrado fará do teu sepulcro.
Mas quando este Universo se aniquile,
Na memória de Deus serás eterna.

Roma, 25 de janeiro de 1835

.....

² Depois da destruição do Foro Romano, pelo fero Rober Guiscard, em 1084, toda esta parte da antiga Roma, desde S. João de Laterano até o Capitólio, tão entulhada ficou, que a terra, pedras, e imundícias cobriram as ruínas, que ainda hoje se desencavam; aí apascentavam rebanhos de vacas, e daí veio o nome de Campo Vaccino, com que ainda hoje é conhecido.

³ A destruição de Roma é devida, como vimos na antecedente nota, ao cavaleiro Rober Guiscard de Hauteville, filho de Tancrède, que, capitaneando os Normandos, entrara à testa de um formidável exército em Roma em 1084, fazendo recuar Henrique diante de si, e pondo fogo na cidade, desde S. João de Laterano até o Coliseu. Depois do saque dos Normandos ficou a antiga Roma deserta, e a população transportou-se toda inteira além do Capitólio, que em outro tempo fora o campo de Marte.

⁴ Chamo mortais as águas do Tibre, não que elas venenosas sejam, mas porque aí morriam afogados os condenados de Estado, que da rocha Tarpeia se precipitavam, como Mânlio, e outros, de que fala a História.

⁵ Mostra-se ainda em Roma uma torre quadrada, que no meio da cidade se eleva, na qual, diz-se, Nero se abrigara, para gozar da horrível cena do incêndio de Roma. Aí tangia ele a lira, enquanto as chamas devoravam a cidade. O verbo palidejar, de que me sirvo, creio que não vem nos dicionários, nem me lembra tê-lo encontrado em nenhum autor; se sou o primeiro que o introduzo na língua, poderei alegar em seu favor, que, tendo nós branquejar, negrejar, amarelejar e outros de igual desinência, nenhuma dúvida poderá este encontrar da parte de acanhados puristas; demais ele explica perfeitamente o efeito da torre em questão, esclarecida pelo clarão da lua. Aproveitando-me da natureza desta nota, direi que a filosofia espiritualística, que tantos progressos tem feito entre alemães e franceses, tem adotado novos termos e dado a velhas palavras novas terminações, como, por exemplo, idealidade, religiosidade, progressibilidade etc. Estas palavras

representam novas idéias e delas nos podemos servir sem escrúpulo; de outra maneira condenemos as ciências e a língua à imobilidade.

⁶ Há no recinto do anfiteatro Flávio (Coliseu) 14 altares, representando os martírios de Jesus Cristo, no meio uma cruz; servem esses altares para as estações penitenciais; aí vimos na Quaresma quantidade de povo prostrado, escutando as pregações dos missionários.

⁷ Spinoza é considerado vulgarmente como ateu; filósofos modernos fazem-lhe justiça. Seu sistema da mais alta Metafísica não tem sido interpretado como devia, que mais pende ele para o panteísmo que para o ateísmo. De sua doutrina claramente se colige que ele concebia um Ser necessário, substancial e perfeito, que é Deus, e o resto só tem uma existência fenomenal e contingente. Pode dizer-se, rigorosamente falando, que não há ateus, pois que aqueles mesmos que parecem professar tais princípios, ou dão existência a uma substância primária, seja o nome qual for, ou se contradizem a cada passo.

O RISO DA FORTUNA

Não te rias, oh fortuna!
Teu riso me é suspeito;
Contra a desgraça não clamo,
Não quero ser venturoso.

Vai-te, oh fortuna,
Não me atormentes;
Já não te creio,
Em tudo mentes.

Enquanto te procurava
Andei errados caminhos;
E das rosas que murcharam
Só me restam os espinhos.

Vai-te, oh fortuna,
Não me atormentes;
Já não te creio,
Em tudo mentes.

Por cousa tão transitória
É loucura amofinar-nos;
Os bens que hoje nos outorgas,
Amanhã podes tirar-nos.

Vai-te, a fortuna,
Não me atormentes;
Já não te creio,
Em tudo mentes.

Com bem pouco me contento,
Conformei-me co'a desgraça;
Já me tenho por ditoso,
Já rejeito a tua graça.

Vai-te, oh fortuna,
Não me atormentes;
Já não te creio,
Em tudo mentes.

Não sei o que é a ventura,
Nem sei se sou desgraçado.
Por bens que podem ser males,
Eu não troco o meu estado.

Vai-te, oh fortuna,
Não me atormentes;
Já não te creio,

Em tudo mentes.

Rápidos passam os dias,
E a cada passo que damos,
À morte, que é sempre certa,
Ligeiramente marchamos.

Vai-te, oh fortuna,
Não me atormentes;
Já não te creio,
Em tudo mentes.

É só ditoso na terra
Quem vive em paz com sua alma;
Quem das penas que aqui sofre,
Só do céu espera a palma.

Vai-te, oh fortuna,
Não me atormentes;
Já não te creio,
Em tudo mentes.

Albano, março de 1835.

XXIV

O SUSPIRO À PÁTRIA

Roma, no Coliseu

Já que do coração rompestes os seios,
Onde terna saudade te gerara,
E quando mais minha alma nas da Pátria
 Idéias se engolfava,
Da clausura do peito te escapaste,
 Onde mais não cabias,
Fugitivo roçando inertes lábios,
Triste suspiro meu!... Já que teu eco
O silêncio quebrou misterioso
Do sepulcral horror deste recinto;
Sai, oh suspiro! sai... Não mais ressoes,
 Inútil não te percas,
Nestas longas abóbadas quebradas,
Murmurando tu só de estância em estância,
Como um lúgubre som de ave noturna,
A quem prazem as trevas, e os destroços.

Teu doloroso som repercutido
Na oposta parte, tal pavor inspira,
Que um gemido parece das entranhas
 Desta imensa ruína;
Eu mesmo que exalei-te, eu mesmo tremo,
E mortos tremeriam se te ouvissem;
 Que farão os viventes!

Hirtos na fronte tenho inda os cabelos,
 Frio, trêmulo o corpo,
Como um tronco de gelo ao vento exposto;
E o triste coração onde habitaste,
Recobrando de novo o movimento,
Com desusada força ora palpita,
 E monótono soa,
Como soa o martelo sobre a incude.

Temem os olhos de se abrir às trevas,
E de ver coroado o anfiteatro
De alvas sombras de mortos, e de espectros,
Que para mais terror me pinta a mente.

Voa, suspiro meu, voa, não tardes;
Núncio vai ser do estado em que me deixas.
O caminho te indico; aos ares sobe;
Deixa de Roma os solitários campos,
Esta terra de sangue, e de cadáveres,
E às praias chega da querida Pátria,
Tão longes praias! — Quem me dera eu vê-las!

Mas no longo trajeto
Vai por mim os lugares visitando,
Por onde eu já passei triste e saudoso.
Oh! quão gratas me são reminiscências!
Delas compõe-se a vida,
Os prazeres são elas da velhice.
Do afadigado albor de um curto dia
Eis tudo o que nos fica!

Toma a Flamínia estrada;
Passa o lúrido Tibre, outrora rubro,
Quando o campo cedeu a Constantino
O bárbaro Maxêncio;
Verás Assis no cimo da colina
As cinzas adorar do santo filho.

Do Trasimeno às margens
A poeira verás de ossos romanos,
E um sussurro ouvirás, que diz: Aníbal!

Chega aos campos que o Arno fertiliza;
Entra em Florença, e em Santa Cruz visita
De Dante a sepultura.
Sentado está com merencório gesto;
Dir-se-á qu'inda do Inferno hórridas cenas
Se lhe antolham; e o mísero Ugolino
Mirrado entre cadáveres corruptos
Dos inocentes filhos, miserandos,
Como esfaimado tigre ossos roendo.
Pousa na destra o rosto, e co'a sinistra
Sustenta o imortal livro;
Chora de um lado a Poesia, e do outro
Itália veneranda está dizendo:
— ONORATE L'ALTISSIMO POETA.

Buonarotti, Alfieri, Machiavelli,
Verás aí também; tudo saúda.
Nem a Toscana deixes sem que vejas
Essa Pisa, onde as Artes renasceram.
Contempla de Bosqueto a maravilha,
O campo santo, a torre que pendente
Ameaça cair como um gigante.
Vai ouvir o sussurro do teu vôo
Nesse museu de mortos de Bolonha.

Ligeiro passa por Modena, e Parma;
Passa de Lódi a celebrada ponte,
Essa que o peso suportou ingente
Do Gênio das vitórias.

Passa o Apenino, e o Pó, e a Milão chega;
E em sua Catedral misteriosa,
Que prostrado me viu venerabundo,

Ao som do órgão sagrado, que reboia
Nas góticas abóbadas, respira
Religioso acento.

Mensageiro de dor, ah! não visites
Outros lugares, que o prazer inspirem.
Cansa o prazer ao homem quando é longo,
Mas tu, melancolia, jamais cansas
Aquém d'alma os arroubos saboreia.

Pela margem do lago, que tranqüilo,
Azul-celeste e puro,
A vida da inocência simboliza,
Os Alpes busca, por heróis trilhado;
Os Alpes, como braços da Natura,
Que erguidos para o céu a Deus adoram.

Sobe o Simplão; penetra as galerias;
Se o nome do Brasil na pedra achares,
Minha mão o gravou, beija esse nome.
Noutra pedra verás meu nome escrito,
Se os gelos o não cobrem;
Sentado aí subi meu pensamento
Té ao trono de Deus, e pela Pátria
Dirigi-lhe meus votos.

Desce, verás de Brigg argênteos cumes,
Que ígneos raios refletem, simulando
Claros elmos de exército em parada.
Continua teu vôo; Sion passa,
Chega à bela Genebra, que se espelha
No lago cor do céu, e no seu Ródano,
Que o remanso do lago veloz deixa,
Para ir levar fertilidade aos campos,
Como, mal que desperta, ao leito foge,
E asinha o lavrador busca o trabalho.

Da infância de Rousseau deixando o berço,
Pobres vilas da França irás passando,
Ricas cidades vendo.

A Poligny chegando, a rocha vinga,
E na gótica estância, que talhada
Foi aí pela mão da Natureza,
Brasil, lerás nas rústicas pilastras.
Numa aba da montanha, junto à estrada,
Onde oculto desliza manso arroio,
Acharás uma imagem veneranda
Da Rainha dos céus, três vezes pura,
Dos cristãos caminhantes protetora.
Inda a seus pés verás murchas saudades,
Por minhas mãos colhidas na montanha.

De cidade em cidade irás vagando;
Entra em Paris, Rainha das cidades.

Mas ah! triste suspiro,
Se esses ares alegres te abrandarem,
Se o seu bulício perturbar teu vôo,
Dos mortos no jardim vai açoutar-te,
E entre jazigos tua dor recobra.
Como me apraz dos mortos o remanso!
Como dos mirtos sepulcrais o aroma
Faz o prazer libar da Eternidade!
Oh grata habitação! Oh paz suave!
Quando às minhas fadigas porei termo?
Oh meu suspiro, se acabar pudesses
Entre outros mil suspiros confundido
Nessa triste mansão! — Mas não, tens inda
De dar tua mensagem.

Passa a sombria pátria de Corneille
Onde se ergue o honroso monumento
Da magnânima Virgem
Pelo céu inspirada,
Que a fereza dos homens queimou viva.

Pelas margens do Sena aos mares voa;
Atravessa o Oceano, tão profundo
Como a dor de minha alma.
Passa o Oceano, imagem do infinito.
Entrarás num imenso ancoradouro,
De altíssimas montanhas torneado,
Onde repousa perenal verdura,
Que as espáduas dos montes engrinalda.
Oh sem-par maravilha!
Resupino, grandíssimo gigante
Ao longe assoma, e do Janeiro a barra
Ao viajor cansado patenteia?
Igual outro não há; errar não podes.
Aí é que te eu mando;
Essa é a Pátria minha, a Pátria amada,
Que a vida deu a quem me deu a vida!
Aí respira ainda a mãe anosa,
O encanecido pai, e irmãos queridos!
Verás se para amá-la razão tenho!
Mas não me capta amor grandeza sua.
Pobre fosse ela, pequenina aldeia,
Por ela meu amor igual seria;
Que este nome de Pátria é tão suave
Como o nome de mãe, de pai, de amigo;
E a mãe, e o pai, e o amigo inda que pobres
A um nobre coração gratos são sempre.

Venturoso suspiro,
Antes que em doce riso te convertas,

Nesse mágico céu da Pátria minha,
À paternal mansão ligeiro adeja
 Como o meu pensamento;
Beija dos caros pais as mãos rugosas,
 E soluçando diz-lhes,
Que o filho humilde a Deus rogando fica
 Por eles, pela Pátria;
Sobre os restos de Roma, pensativo,
Um suspiro exalou, que à Pátria envia.

Roma, 20 de fevereiro de 1835

AO MEU ILUSTRE MESTRE E AMIGO

O Reverendíssimo Senhor

Fr. Francisco de Monte-Alverne

Eis-me em Roma! Da Pátria tão distante!
Inda de vós conservo tal lembrança,
Que às vezes se me antolha a imagem vossa;
A ela me dirijo, falo, escuto,
E cuido que ela me ouve, e me responde.
Como de um tão bom mestre, tão amigo
Poderá o discípulo esquecer-se?
Quantas vezes aqui, nos sacros templos,
Ouço santas palavras destes padres;
Cuido ver-vos no púlpito elevado;
Mas desconheço as vozes, e nem sinto
Bater-me o coração dilacerado
Da grave dor cristã; nem em transportes
Subir minha alma ao céu como um eflúvio
Da flor erguido; então saudoso exclamo:
Quem me dera inda ouvir o grande Alverne!

Roma é bela, é sublime, é um tesouro
De milhões de riquezas; toda a Itália
É um vasto museu de maravilhas.
Eis o qu'eu dizer posso; esta é a Pátria
Do pintor, do filósofo, e do vate.

Embalde Roma invoco, e a musa empenho,
Para um quadro traçar destes prodígios;
Sem cessar uma voz me fala n'alma:
Da louca pretensão que te alucina,
Desiste, oh fantasia! não te é dado
Achar uma linguagem tão facunda,
Tão sublimes imagens com que pintes
Dignamente esta imensa maravilha.

Como é possível descrever ao vivo
Todo o horror da montanha que vomita
Fogo, lavas, e fumo do ancho seio?
Quem pode retratar a majestade
Do vasto Coliseu, quando o argenteia
Do noctículo globo o incerto lume,

Seus raios pelas fendas enfiando?
As projetadas sombras como espectros;
Rotos muros, longuíssimas abóbadas;
Um gemido escapado de repente
Do pobre, que ante a Cruz seus males chora;
Um fúnebre arquejar de ave sinistra;
Uma voz, que além soa murmurando?
Quem narrar pode os pensamentos todos,

Que d'alma em torno em turbilhões volteiam,
Inda mais pavorosos que as ruínas?

Quem, penetrando as negras catacumbas,
Escondidas da terra nas entranhas,
Dos mártires cristãos leitos de morte,
Onde não entra o sol, nem entra a lua,
E só pequena luz, na mão do guia,
Trêmula, moribunda bruxuleia,
Como pálida estrela, ou como um olho
Do gênio habitador daquelas trevas;
Quem não se enche de horror? Quem falar pode?
Só ver, e emudecer; a língua é fraca;
As grandes comoções não se descrevem.

Como é tão eloqüente a lisa pedra
Que só diz: — Aqui jaz Torquato Tasso!
Quando todos os mármorees ligados,
Inda assim receber não poderiam
Seus versos imortais por epitáfio!

Assim eu, receando dizer pouco,
Não podendo pintar tanta grandeza,
Eloqüente serei nada dizendo.

Roma, abril de 1835

Ao II^{mo} e Ex^{mo} Sr.

José Joaquim da Rocha

Dignatário da Imperial Ordem do Cruzeiro,
deputado da ex-Assembléia Constituinte do Brasil,
ex-ministro Plenipotenciário nas cortes de Paris
e de Roma etc.

Os serviços que prestastes à Pátria; o amor, e o
respeito que vos consagram os brasileiros residentes
em Paris; o título de Pai com que eles vos honram;
o seu legítimo pesar, e as lágrimas que vistes
correr de seus olhos, no momento em que deles
vos separastes, que bem previam eles que um
vácuo tinha de ficar em seus corações; são os justos
motivos que me inspiraram estes mesquinhos
versos, que hoje vos ofereço. Possam eles ser tão
gratos à vossa alma, como a todos nos será grata
a vossa lembrança.

Roma, abril de 1835

XXVI

Folga minha alma, quando se me antolha
A cândida virtude,
E Varões dignos de louvor me indica.
Eu prostro-me a seus pés venerabundo;
Que a mente minha, de louvar ansiosa,
Encômios jamais nega à heroicidade.

Apareça quem já colheu aromas,
Que impura a minha destra
Nas aras da lisonja profanara.
Descerra os lábios, rígida virtude,
Diz se ouvidos teus já se irritaram,
Se coraste de pejo ao ouvir meus cantos?

Não, não, tu me respondes; fiel sempre
Aos sacros meus ditames,
Hinos teceste à Pátria, à Liberdade,
E a Varões beneméritos, que eu prezo.
Canta, canta; que é esse o único prêmio
De quem sem egoísmo à Pátria serve.

Orgão é da verdade a consciência;
E da virtude é órgão
O coração que fala, e nunca mente.
Firme Varão, imóvel nas tormentas
Que vezes o Brasil amedrontaram,

Rocha, quem no Brasil teu nome ignora?

Tu foste um dos primeiros que firmaram
A Independência nossa.
De tua alma o vigor, e o entusiasmo,
Os povos animavam, que te ouviam;
E unindo-se em prol da augusta causa,
Para ser seu apoio te escolheram.

Quando a injustiça e a ingratição armadas
Os raios da vingança
Contra os Varões da Pátria fulminaram,
Salvo não foste, não; a Pátria viu-te,
Inda no seu desmaio, com teus filhos
Inocentes, marchar ao injusto exílio.

Quem não sabe que a morte te aguardava,
Dura, afrontosa morte,
Nessa terra, onde algemas se forjavam
Para o Brasil escravizar de novo?
Quem perfídia tão negra não conhece,
E os intentos da cega tirania?

Da sorte das Nações só Deus decide.
Quando elas o invocam,
E credoras se fazem do que aspiram,
Deus um Anjo velar sobre elas manda;
Esse Anjo tutelar não mais as deixa,
Esse Anjo é quem contrários planos burla.

Por milagre desse Anjo salvo foste;
Por milagre desse Anjo
Cem, e cem vezes o Brasil foi salvo
Das cruas garras de cruéis abutres;
Só por milagre dele em breve espero
Ver o Brasil subir à mor altura.

Oh! que doce é no meio dos perigos
De horrenda tempestade,
Já lânguido de fome, e de fadiga,
Ver aberta numa onda a sepultura,
E armada contra si dura companha
Exclamar: — Tudo soffro pela Pátria!

Outro tanto dizer muitos não podem.
Digno tu és de inveja!
Ah! se invejosos tens, eu os desculpo.
Sempre a inveja assim foi; sempre ela investe
A quem mais por virtudes se distingue;
Sempre vilões Aristides tiveram.

Mas quando a imparcial posteridade,
Que só a láurea outorga

A quem por ações nobres merecera,
Teus títulos julgar, ela gostosa
Tecerá teus encômios; e o meu hino
À memória dos homens será grato.

Quem deu fulgor ao sol, deu alma ao homem,
Também cobriu os campos
Co' o brilhante matiz de lindas flores;
Nem porque de mil sóis mantém a ordem,
Desleixa as pequeninas criaturas
Ao acaso, sem lei, sem um instinto.

Assim o homem digno de tal nome,
Que memorandos feitos
Em prol da Humanidade praticara,
Não despreza as domésticas virtudes;
Aqueles de imortal glória o revestem,
Estas o resplendor da glória esmaltam.

Quantos o Mundo viu Coriolanos,
Que o esclarecido nome
Infamaram depois com ações negras?
Tu porém sempre firme, sempre o mesmo,
És à Pátria fiel, e a vida tua
Sempre tem sido de virtude exemplo.

XXVII

UMA NOITE NO COLISEU

A meu amigo Francisco de Sales Torres Homem

É sublime o espetáculo, que oferecem
Da prisca Roma os pálidos destroços,
Quando da noite a plácida lanterna
Branquejando na abóbada cinzenta,
Seu fúnebre clarão, como alvas flores,
Entre eles vagamente enfia, estende.
Tudo é confuso então, tudo é mistério,
Tudo infunde pavor, melancolia!
Dos sonhos na mansão julga-se a mente,
De escarpados rochedos rodeado,
De sombras, de fantasmas, que vagueiam,
Que num arco se escondem, noutro surgem.

Os fanais que no campo amarelejam,
Circulados de auréolas moribundas,
A lembrança despertam desses fogos,
Que às vezes os cadáveres exalam
De noite, das recém-abertas campas.

Que profundos, terríveis pensamentos
A uma alma pensativa não inspiram
Estas relíquias da grandeza antiga
Da augusta mãe de heróis, que agora vemos
Como num cemitério esparsos ossos
Ao tempo branqueando. Aqui o homem
Estrangeiro não é; ele conhece
Estas ruínas, e com elas fala
Uma mística língua, que alma entende.
Mas ah! inda esta terra hoje é manchada
Com sangue humano! Ind'hoje estas colunas
Dos derrocados templos de ímpios deuses,
De ímpios Romanos os punhais ocultam.
Nem no reino da morte há segurança!
Por toda parte o crime o homem segue!

Não passeiam aqui brancos fantasmas
Entre os sombrios arcos nem as grutas
Do palácio dos Césares somente
Ao mocho gemedor asilo prestam.
Não, não; são assassinos que profanam
Deste precinto o lúgubre silêncio,
Tão propício aos filósofos, e aos vates.

À sombra das ruínas solitárias
Oh! que nefandos crimes vis sicários,

Da Humanidade opróbrio, não perpetraram,
Sem temor do seu Deus, e da justiça!
Como que calejada a consciência,
Cansada de gritar, os abandona.

Como de nós tão perto a morte vimos,
Neste mesmo lugar, onde sentados
Ouvimos soluçar ave agoureira,
Que no templo de Vênus acoutada,
Sufocados gemidos arrancava
Do íntimo do peito; como um homem,
Que nas vascas da morte, em vão lutando,
Sem esperança já, socorro implora.

Oh severa ciência, tu condenas
Estes, da nossa infância, preconceitos.
Mas quem pode negar que ruins desditas
Pressagiadas são milhões de vezes?
Se a negra borboleta que esvoaça
Em torno do casal, e nele pousa;
Se o tétrico carpir de ave noturna;
Se d'alma o repentino abatimento
Certas palpitações inopinadas;
Os sonhos, as visões, nada anunciam;
Se é falsa crença de alma alucinada,
Que à infância, e à velhice o medo incute,
Ao menos na do homem própria essência,
Misteriosa essência, apoio encontra;
Que a Razão, do céu filha, não tão fácil
Se eclipsa pela opaca sombra do erro.
Não se opõe à Razão a crença nossa,
Que nem sempre à Razão o céu concede
A mina profundar inescrutável,
Onde de efeitos mil se oculta a causa.
Que mistério é maior que o gérmen do homem?
Que mistério é maior que a vida sua?
Que mistério é maior que a sua morte?
Oh mistérios sublimes! — Donde, oh homem,
A evidência te veio, que este mundo,
Que fora de ti vês, real exista?
Na terra para mim tudo é mistério,
Eu, o que sei, e tudo quanto ignoro.

Dia aziago foi todo este dia,
Desde o surgir do sol, té seu ocaso
O coração pejado de tristeza
Procura a solidão, ama o mistério.

Bela era a noite, mais que o dia bela!
Alvinitente a lua rutilava,
Como um rosto de virgem pudibunda,
Que em seu jardim passeia solitária.

Ao Capitólio fui, e foi comigo
O Amigo fiel; juntos passamos
De Tito o arco, e ao pé do Palatino
De um mocho ouvimos hórridos gemidos,
Que os ares magoavam, ressoando
Do Coliseu nos longos corredores.
Um pouco repousamos sobre o muro
Do cesáreo palácio esboroadado.
O mocho carpidor gemeu três vezes;
Os nossos corações se apavoraram,
E ambos involuntários suspiramos.
Tristes versos, que a mente ali ditou-nos,
Com lutuosas vozes repetimos.
Depois de meditar sobre os presságios,
Marchamos para o Flávio anfiteatro.

Co'um archote na mão, de estância em estância,
Cobertos de compridas, brancas vestes,
Como fantasmas gravemente andando,
Mais e mais o horror destes recessos
Destarte nossos vultos aumentavam.
Oh! quem pode narrar cenas tão fúnebres?
Do archote a luz o teto avermelhava,
Co'a fria luz da lua contrastando;
Cinéreo fumo, deslizando em ondas,
Fugitivos duendes simulando;
E para mais pavor, do fundo peito,
Deixávamos sair longos suspiros,
Que em toda a galeria reboavam.

Cansados de gozar de mil maneiras
Essas cenas sublimes, regressamos
Para o nosso aposento, atrás deixando
O arco triunfal de Constantino.
Tudo estava em silêncio, imóvel tudo;
Só ressoava o som dos nossos passos,
E ante nós nossa sombra caminhava.

Eis que chegando ao sítio onde sentados
Ave sinistra soluçar ouvimos,
Três, de punhais armados, negros vultos,
Como da terra erguidos, nos investem
Qual nosso susto foi! Nos feros rostos,
Nos cintilantes olhos desses monstros
De suas almas vis o intento lemos.
Nas lâminas luzentes co'os reflexos
Do claro astro da noite, e que apontadas
Sobre os peitos estavam, nossa morte
Com cor sanguínea víamos pintada.
Só pelo Amigo cada qual temia.
E qual foi, oh minha alma, nesse ensejo

O pensamento teu?... A Pátria! A Pátria!
Não mais vê-la: — Morrer tão longe dela;
Sem por ela ter feito um sacrifício!
Distante de meus pais... Oh Providência!
Ouviste o coração que te invoca,
E tu salvaste o Amigo, e me salvaste
Das cruas garras dos sedentos tigres.
Mais que o áureo metal é cara a vida;
Para louvar a Deus vivos estamos.

Roma, 11 de abril de 1835

PARA QUE VIM EU AO MUNDO

Do céu as estrelas
Acaso no brilho
São todas iguais?
São umas mais belas,
E outras parecem
Funéreos fanais.
Assim são os fados
Dos tristes mortais.

Cada qual tem sua sorte;
Um foi para a dor gerado,
E outro pela ventura
Ao nascer foi embalado.

Quanto mais penso, mais creio
Neste mistério profundo;
E a mim mesmo então pergunto:
Para que vim eu ao mundo?

Como resposta esperando,
Escuto silencioso;
No coração, que palpita,
Murmura um som lutuoso.

Soa essa voz em meu peito
Como em caverna profunda,
Como um suspiro exalado
Pela vaga gemebunda.

Para a dor, me diz, nasceste;
Para a dor, para o tormento;
Teus males só terão termo
Co' o teu último momento.

Sofrer, tal é meu fado! — Eu me resigno.
E que hei de fazer? Curta é a vida...
E quem me tolhe qu'eu de todo a encurte?
Não serei livre de lançar por terra
Um fardo que me acurva, um fardo inútil?
É a vida para uns néctar suave,
Tóxico é para mim;... devo tragá-lo?
Acaso Deus me disse
A ti toca sofrer por mil que gozam.

Mas eu blasfemo, oh céus! Que voz me grita:
“Mortal, olha o que fazes! Contra a vida
Não ouses atentar. Quem vida deu-te
Só quando lhe aprover tirar-ta pode.”

Oh meu Deus! compaixão; minha alma humilde
Graça implora da sua insana idéia.

Rir, ou chorar, eis só o que o homem sabe;
Se não canta, blasfema!

A sorte choremos,
Que avessa nos é;
Mas não blasfememos,
Vivamos co'a Fé.

Qual a esponja de líquido embebida,
De perpétua, letal melancolia
Pejado tenho o peito;
Minha alma amortecida,
E como que em seu túmulo encerrada,
Só pela dor à vida é revocada.

Oh minha alma, tu és como a lanterna
Do cemitério,
Que ante o altar, sobre um esquife solta
Palor funéreo.

A sorte choremos,
Que avessa nos é;
Mas não blasfememos,
Vivamos co'a Fé.

Oh prazer! Oh doçura da existência!
Meta tão desejada
De todos os mortais, para quem inda
Brilha no céu a estrela da esperança.
Oh benigno sol, que a vida aqueces,
Para mim te eclipsaste!
E se às vezes fosfórico lampejas,
Quando eu, afeito à dor, não te desejo,
É para exacerbar meu sofrimento.
Ah! nem me afaga da esperança o riso,
Nem me consola amor; tudo me foge.

A sorte choremos,
Que avessa nos é;
Mas não blasfememos,
Vivamos co'a Fé.

Bolonha, maio de 1835

XXIX

O CÁRCERE DE TASSO

Em Ferrara

Que vim eu aqui ver? — Uma masmorra
Umida, estreita, onde respiro apenas!
Se a frente elevo, o negro teto roço;
Se estendo os braços, a largura abranjo;
Dous passos bastam a medir seu fundo.

Que vim eu aqui ver? — Nomes escritos
De um lado e de outro de centenas de homens,
Que como eu curiosos peregrinos
Vieram visitar este recinto.

Vós, meus olhos, nada vedes;
Mas minha alma no passado
Um vate vê encerrado
Nesta lúgubre prisão.
Aqui chorou longos dias,
Longas noites, longos anos,
Quem por olhos soberanos
Enlouqueceu de paixão.

Tasso aqui como um escravo
Amargurou a existência;
De um senhor a inclemência
A morte aqui lhe quis dar.
Triste ele a ausência carpia
De sua cara princesa.
Seu amor, sua beleza
Causaram só seu penar.

Livre, qual Deus o criara,
Entre ramos adejando,
Melodias exalando,
Passa a vida o rouxinol.
Saúda o sol quando nasce,
Redobra o canto co' o dia,
Enche os ares de harmonia,
Geme ao deitar-se do sol.

Mas se preso na gaiola
Mão tirana o encadeia,
Inda assim ele gorjeia,
Para dar alívio à dor.
Assim, oh grande Torquato,
Neste cárcere horroroso
Gemer te viram saudoso
A Liberdade, e o Amor.

Fado! Fado do vate!... A Itália toda
As doçuras gostava de teus versos;
Gofredo ao céu da glória remontava
Sobre as sonoras asas de teu gênio;
E tu, oh Tasso, aqui nesta masmorra
Como um vil criminoso definhavas!
Fado do vate! rigoroso fado!
Mas Tasso ousou amar de um duque a filha!
Oh Ferrara! cem duques teus cingidos
De áureas c'roas, de púrpura cobertos,
Um só Tasso não valem.
Um vate é mais que um rei. Reis faz o povo,
E a seu grado os desfaz, como do mármore
Tira o escultor um Nume, e quando apraz-lhe
Em simples animal converte-o, ou quebra-o.
Mas tu, sagrado fogo d'harmonia,
Quem te acende nas almas dos poetas?
O mágico poder com que convertes
Aquiles num herói, Páris num fraco,
Acaso dos mortais herdaste, oh vate?
Ou foi prenda do céu a lira tua,
A lira, que imortais sons desferindo,
Vive no tempo, e impõe silêncio à inveja?

Muros desta prisão! muros, que outrora
Um tesouro encerrastes,
Vós, que insensíveis testemunhas fostes
Dos suspiros de Tasso,
Dizei, muros, se acaso vós pudestes
Tolher do engenho as asas?
Ou se o tirano a glória nodou-lhe?
Vingou a Humanidade a afronta sua,
Como um astro no céu Tasso rutila,
E o nome do tirano negrejando,
Aumenta-lhe o fulgor, que o ilumina.

Mas oh da Providência altos arcanos!
Que mais sofra na vida, quem co'a morte
Nova vida imortal viver começa!
Assim homens ingratos,
Enquanto vivo o mérito premiam!
Ah! consola-te, oh Tasso,
Que o único não foste, que da sorte
Sorveu tragos amargos.
Quase é do vate estrela o infortúnio!
Como os mártires são, que só morrendo
A apoteose recebem.
Aquele a quem a Grécia ergueu altares,
Homero, mendigou de porta em porta!
Tu, oh Ravena, o fugitivo Dante
Viste iracundo praguejar seu fado.
Camões, rival de Tasso, o pão esmola
Ante os olhos de Lísia. E tu, oh Silva, ⁸

Da minha Pátria filho,
A fogueira subiste com pé firme,
Que a inocência teus passos vigorava;
E entre as chamas, por mãos ímpias acesas,
Teu último suspiro ao céu subiste.
 Ante esse bruto povo,
 Que outrora te aplaudira.
Tu Cláudio octogenário,⁹ na masmorra
Para a afronta evitar te deste a morte.
Lá de horrenda prisão correm ferrolhos,
 A dura porta se abre,
Lá sai Dirceu¹⁰ saudosos, suspirando
 Pela cara Marília,
 Lá vai morrer proscrito
Nas inóspitas plagas Africanas.
Fado do vate! rigoroso fado!

Porém dos vates
 Por que lamento
 A triste sorte?
 Pode o tormento,
 Ou pode a morte,
 Inda que seja
 Dura, afrontosa,
 Fazer que a história
 Não perpetue
 Sua memória?
 Raivosa a inveja
 Arme-se embora,
 E os acometa.
 Do vate a glória,
 É qual planeta,
 Que no céu mora,
 No céu lampeja,
Para honra dos humanos,
E opróbrio dos tiranos.

Ferrara, 3 de maio de 1835

.....

⁸ Antônio José da Silva, natural do Rio de Janeiro, poeta cômico, foi queimado vivo num auto-de-fé, em Lisboa, em 1739, porque, dizia-se, era judeu.

⁹ Cláudio Manuel da Costa, conhecido com o nome de Glauceste Saturnino, distinto poeta, de quem correm algumas poesias impressas, sendo acusado, já avançado em anos, e preso com outros ilustres poetas, deu-se a morte na prisão.

¹⁰ Tomás Antônio Gonzaga, tão conhecido com o nome de Dirceu, imortal nas suas líras. Nós lhe consagramos esta nota, porque, de quantos têm lido suas líras e nem todos sabem que reais foram as suas desgraças; comprometido com Cláudio Manuel da Costa, e Alvarenga, foi condenado ao desterro para Moçambique, onde expirou. Como Petrarca, imortalizou-se com suas

poesias eróticas, e o nome de sua Marília será tão célebre como o de Laura, quando os brasileiros prezarem mais os seus literatos.

XXX

NO ÁLBUM DE UMA VENEZIANA

Bem quisera, oh bela virgem,
Hoje extrair de meu peito
Algum suave perfume,
Em sinal do meu respeito.

Quisera na minha lira
Cadenciar algum hino,
Com que louvasse os encantos
Desse teu rosto divino.

Mas temo, temo que o peito,
De gemer já fatigado,
Em vez de cantar, exale
Um suspiro magoado.

Ah! temo, temo, acredita,
Que a minha fúnebre lira,
Em vez de entoar um hino,
Só triste nênia desfira.

Ah! tu cuidas, bela virgem,
Que é feliz todo o vivente?
Inda estás no albor da vida,
Tens uma alma inda inocente.

Não; tu me vês peregrino,
Errando de terra em terra:
Mas, oh virgem, tu não sabes
Que dor o meu peito encerra.

Veneza, maio, 1835

A MEU AMIGO D. J. G. DE MAGALHÃES

Como é bela a Natura!
 Pode o parto de um gênio em febre intensa
 Rivalizar tais cenas?
 Ver das águas a queda ruidosa
 Deslizar entre seixos, formando
 De cristal mil festões, que se esmaltam
 Da palheta do íris, pintando
 Retab'los, onde o toque da mão mestra
 Em matiz variado delinea
 Sucessivas belezas, como a idéia,
 Que outra idéia desperta, vinculando
 Das sensações o quadro reanimado;
 Onde terna saudade em ledó arroubo,
 Volteia esperançosa
 Sobre as asas divinas da memória,
 Que em seu grêmio renova eras passadas;
 Misteriosa fênix de nossa alma!
 Propércio e Cíntia,
 Catulo, Horácio,
 Mecenas, tudo
 Do antigo Lácio
 Patente sobre as ruínas vejo errarem,
 Como nuvens de fósforo cerúleo,
 Ou vapores num lago, matutinos,
 Ou nas selvas noturnos pirilampos.

E tu, oh linda Zenóbia,
 Que com teu pranto nutriste
 Estas águas sempiternas,
 E solitária carpiste
 Tua coroa, teu cetro,
 Armadas, marmóreos paços,
 Vastos templos de Palmira,
 Que Roma fez em pedaços.
 Já foste Paládio, e ídolo
 Do teu povo soberano;
 Mas quebrou-te o templo, as aras,
 O iconoclasta Romano.
 Vem, princesa desgraçada,
 Vem solitária comigo,
 Vem chorar a antiga glória,
 Que eu também choro um amigo.

Se ora invoco teus manes neste ensejo,
 Não turbo as régias cinzas, que humilhadas
 No exílio findaram sem momento.

Como tu, solitário a vida gemo,
E a passada ventura, que gozara,
Entre amicais amplexos, venturoso.

Mas que voz na soidão remonta aos ares?
Celeste Querubim baixa do céu,
E na flauta divina exalta o hino,
Que a terra a Jeová diurna envia.
Mas não; alto prodígio se levanta;
 Providente Natura
Companheiro me envia; alado vate,
 Homero da floresta,
Em melódico metro, o estro exalça,
Meus suspiros conforta, adoça as mágoas.

Salve, oh vate Rouxinol,
Salve, à luz misteriosa
Deste archote, que de noite
Faz a terra duvidosa.
Salve, oh Lua alvinitente,
Mãe de amor, do vate amante,
Do silêncio grata esposa,
Salve, salve neste instante!

Mas quem turba teu manto de silêncio,
E a voz levanta em prolongado ronco?
São as do Anio
Tartáreas águas,
Que sempre vivem
Quais minhas mágoas.
Da história imagem,
Das estações
Vivo retrato
Seus borbotões;
Qual vida, e morte,
De vaga em vaga,
Se esconde, e surge,
Se acende, e apaga.
Assim batem as águas rugidoras,
Que os átomos confundem, dilatando
A contínua torrente, que retrata
 Do infinito a imagem!

Onde está o infinito, oh Deus Eterno?
Esse marco onde esbarra a mente humana,
Que sem tino volteia titubante,
E no abismo do peito se aprofunda,
Face a face encontrando a consciência?
Oh consciência, ao teu clarão se rasga
O véu das ilusões! Ele nos mostra
Das paixões o troféu dentro do túmulo,

E ao pé quadro da vida, que demonstra
O nada da vaidade, e o desengano
Majestoso sentado
Na cadeira da escola da verdade,
Donde colhe a virtude os seus ditames!

Pálida Lua, teus suaves raios,
Que plácidos se esbatem nas campinas,
E as fugitivas ondas argenteiam,
Da consciência nossa a imagem pintam,
Que fala ao coração com tal potência,
Sem nos lábios volver um som de frase.

Misterioso acento, alta harmonia
Desenvolve a Natura em seus concertos.
Enquanto a voz uníssona do Anio,
Que em equóreos cilindros vai rolando,
E entre seixos ribomba,
De medonho fragor o ar pejando;
Canoro rouxinol prelúdio exalta,
E sublime se acorda ao som horrível,
Que as águas tangerem em contínuos vórtices
Entre o limo, e as areias das cavernas,
Variando as estrofes; lá prolonga
Suavíssimo gorjeio, que se perde
Em ventrílocos ecos; quais soluços
De enamorada virgem, que receia
Do coração trair ternos afetos.

Volve a paz, o silêncio, ronca a onda
Em perpétuo murmúrio;
Da fadiga repousa alado vate,
E inspirada canção alto redobra.

Mais sublime retoma o retornelo,
Em agudos sibilos elevando-se;
Quebra a voz; vem morrendo suspiroso;
Doce, e doce remonta, enche o espaço;
Majestoso se espraia, floreando;
Qual rojão que remonta além das nuvens,
E no ar arrebenta um firmamento
De efêmeras estrelas luminosas.

Volve a paz, o silêncio, ronca a onda
Em perpétuo murmúrio;
Da fadiga repousa alado vate,
E inspirada canção alto redobra.

Melancólico entoa em nova escala
Amorosa canção, que invejam dúlias:
Té que alfim tiritando se arrebatá,

Entrecorta o trinado, e pouco a pouco
Em fluente florido se evapora.

Volve a paz, o silêncio, ronca a onda
Em perpétuo murmúrio;
Da fadiga repousa alado vate,
E inspirada canção alto redobra.

Mesclado efeito de sublimes notas,
Ora forte, ora lento vai soltando;
Finge o pranto, sorri-se, e desenvolve
Insólita harmonia, que assimilha
Batalhões com clarins, rufos, e tímbalos;
Emanha um confuso regorjeio,
Que se perde num som prolongadíssimo.

Triunfante cala a cítara,
Desaparece qual relampo.;
Ronca a onda sempre a mesma,
E o silêncio toma o campo.

Oh Rossini das aves, tu que buscas
A soidão, o silêncio,
Pra teu canto esmaltar sem o marulho
Da vigília do dia; e como um gênio,
Que no leito desdobra mil prodígios
Ao cansado mortal em grato sonho,
Nesta hora me recordas
Ao coração lanhado imagens ternas,
Tão tristes, que ante mim se desenrolam
Qual penacho de fumo
De apagado brandão junto ao esquiife,
Que um cadáver de virge' avaro oculta.

Oh Rossini das aves, que linguagem
Teu discurso soltou? Não é da terra.
Ah! cantas porventura
Os fastosos anais, a decadência,
Os triunfos, e a queda dos Romanos?
A saudade, as delícias da amizade,
Ou a história amorosa de uma vítima?

Marmóreos átrios, áureos peristilos,
Conquistas dessa indústria, que assoberba
A terra, o mar, os montes, e os abismos,
Tudo o tempo desfez co' a mão dos séculos.
Sibilinas paráfrases
De místicos oráculos,
Que o futuro previam, não previram
Essa mãe de desastres
Cimitarra de Totila,
Que a Palestra, o Ninfeu, a Academia,

E mais d'arte primores derrocara
Nesse mundo do belo, que Adriano
Colocara engenhoso sobre a encosta
Das ridentes colinas, que te adornam,
 Oh decantada Tibur!
Qual túmulo sagrado, o viajante
Vem teu solo beijar, e espavorido
Desses restos augustos que te cobrem,
Vai na pátria narrar tais maravilhas,
Maldizendo a ignorância, e Caracala.

Esta, outrora soberba, áurea cidade
Minha imagem retrata em quadro icônico!
Onde está teu Liceu, onde o teu Foro?
Os teus templos, e muros formidáveis?
Que sepulcro encerrou os Paladinos?

Eleva, eleva moles gigantescas,
Pelo gênio das artes inventadas,
Oh vaidoso mortal! marca os teus fastos
Com marmóreos padrões; que o dia chega
Em que, a um leve aceno do destino,
Com teus paços irás dormir na terra.
Novos combros de areia gera um vento,
Que outro vento derruba, nivelando-os.

 Muros reticulares
 De calcinada argila,
Que arrendadas abóbadas sustentam,
De grinaldas de amoras adornados,
Em vão querem mostrar primeva pompa.
Onde outrora tangeu Horácio a lira,
E Tibulo chorou ternos amores,
 Mortais serpes se enroscam,
Aguardando findar pastor incauto,
Que a fadiga do sol chama ao repouso.

Sobre o alto das colinas,
Que em torno ao Anio vecejam,
Vis choupanas, restos sacros,
Inda glória mal lampejam.

Teus acantos de Corinto,
E o teu luxo oriental,
Jazem na terra, e aos insetos
Servem hoje de pousal.

Mas, oh Deus, se a vista volvo
Ao Catilo, e suas águas,
Lá no templo da Sibila
Vão findar as minhas mágoas.

Supina Tibur, espraia

No horizonte larga vista,
Vê como geme na terra
A Rainha da conquista.

Como tu, mudei de aspecto;
Já me viste rico, ufano,
Quando junto ao meu amigo
Te saudei lá do Lucano.

Onde vás, Peregrino estudioso?
Em que albergue feliz pedes pousada?
Acaso sobre um túmulo deserto
Entre rotos soffitos,
Na cítara Brasília merencório
Teus suspiros a Deus grato sublimas?
E baixando ao amigo, também sentes
No ádito do peito,
Como ele, trespassar-te agra saudade,
Que fere o coração, e ilude a mente?
Se a mansão de Petrarca,
Nas Colinas Euganeas, visitares,
No marmóreo portal grava estas linhas:
“Se junto, ou longe
“Da Laura diva
“A lira altiva
“Tangeste sempre:
“Qual tu, o amigo
“Saudoso agora,
“De mim se lembra,
“E por mim chora.”

Tivoli, maio de 1835

XXXII

EM RESPOSTA A MEU AMIGO
M. DE ARAÚJO PORTO ALEGRE

Não era noite, nem o sol brilhava;
Mas do céu as estrelas rutilantes
Com branda luz os ares perfumavam;
E nas águas azuis, dormentes águas,
Que Veneza circulam com cem braços,
Os celestes fanais, e a casta lua
Suas belas imagens balançavam.
Outro céu esse lago parecia.
Eram dous céus! Veneza em meio estava,
Como um astro que parca luz emana.
O leão de São Marcos inda eu via;
A torre esbelta, o gótico palácio,
E a ponte dos suspiros.

Mas tudo, tudo
Deixar devia,
Antes que o dia
Amanhecesse,
E desfizesse
Quadro tão belo.
A mão do escravo
Obediente
Maquinalmente
Já martelava
O fatal bronze;
Pancadas onze
O ar vibrava.
Triste e choroso
Teus versos lia,
E de saudade
Me enternecia.
Teus versos lendo,
Fantasiava
Que te escutava;
E que assentado
Inda a meu lado
Te estava vendo.

Já para responder-te preparado
A amizade invocara,
E cravados no céu os olhos tinha.
Mas a hora fatal gelou-me o arroubo!
Alerta o gondoleiro me esperava;
Partir... deixar Veneza era forçoso.

Co'os teus versos nas mãos, tu em minha alma,
Na gôndola pus pé; saudei Veneza;
E co'os olhos em lágrimas nadando:

Adeus, Veneza, eu disse,
Adeus, adeus, marítima cidade;
Decaída Rainha do Adriático.

Eu suspirava ainda;
A gôndola do cais se ia afastando,
E do grande canal sulcando as águas,
Quando vozes ouvi: era o barqueiro,
Que ao compasso do remo recitava,
Com monótona voz, porém saudosa,
Do vate de Sorrento os doces carnes.

Tudo então repousava;
Veneza ao longe iluminada eu via,
Como um céu estrelado.
O esquife brandamente deslizava,
As sonolentas águas despertando,
Qual negro mergulhão de argênteo rosto,
Ou qual cisne de luto revestido.
Por que tão curta foi noite tão bela?
Ah! quem nunca deixou pátrias devesas,
Quem de um amigo não chorou a ausência,
Nem de uma amante a perda,
Gozar não pode em solitária noite
Esta doce impressão, que alma sufoca.

Tomei terra em Fusina;
Arqua deixei, onde habitou Petrarca;
Ábano, que por ser de Lívio pátria,
Ainda hoje se ufana;
E na crastina aurora saudei Pádua,
Ao som da melodia encantadora,
Que ao sol nascente o rouxinol tributa.
Pela segunda vez vi seus palácios,
Seu templo semi-árabe, que outrora
De Antônio repetiu sacros acentos.

Visitei de Vicenza os monumentos.
Em Montebelo recordei prodígios
Do armipotente Lannes.
Eis-me em Verona alfim, oh caro amigo!
Já vi seus mausoléos, e o anfiteatro,
Que Roma, e o Coliseu me está lembrando;
O Coliseu, que juntos vezes tantas
Ao triste albor da lua visitamos!

Tudo a memória,
Doce tormento,
Neste momento,
Me está narrando,
Sem omissão;
E a cada folha
Da nossa história,

Que vai passando,
Pungente espinho
Me vai varando
O coração.

Sempre a teu lado

Vivi contente;
A ti ligado,
Uma vontade
Só nos unia;
Vera amizade
Nos apertava.
Se triste estava,
Tu me alegravas;
Em ti vivia,
Contigo ria.
Se me dizias:
Sou teu amigo,
Eu como um eco
Te repetia.
Era um exemplo
Nossa união.
Mas quis a sorte,
Sempre inimiga,
Atormentar-nos,
E separar-nos
Por algum tempo;
Desde esse instante
A dor pintou-se
No meu semblante;
Mas só a morte
Dará um corte
Ao laço santo,
Que nos prendeu;
Se poder tanto
O justo céu
Lhe concedeu.

Vai, meu suspiro,
Vai ver o amigo,
Que te deseja
No seu retiro.
À Roma adeja,
Deixa-a, e te inclina
À Palestrina;
Chega ao abrigo
Onde ele pousa;
Aí repousa,
Suspiro meu.

Verona, 12 de maio de 1835

XXXIII

POR QUE ESTOU TRISTE?

Ah! não queiras saber por que suspiro;
Por que geme minha alma, como a rola,
Que outro canto não tem senão queixumes,
Com que magoa os ares.

Ah! não me inquiras... Se chegar tu podes,
Ao través de meus olhos, à minha alma,
Verás que o rosto meu assaz explica
O que nela se passa.

Dirás, talvez, que injusto me lastimo;
Qu'inda possuo um pai, qu'inda mãe tenho,
Qu'inda um amigo aperta-me em seus braços,
E proscrito não erro.

Mas que importa tesouros tais possua,
Se gozá-los não posso? Se na ausência,
Da saudade o farpão continuamente
O peito me trespassa?

De gota em gota o matutino rócio
Enche, e pende do lírio o débil cálix,
Que oprimido co'o peso se lacera,
Desbota, e alfim falece.

Uma gota após outra um lago forma,
Novas gotas de chuva o lago aumentam,
Transborda enfim, e dá a um rio origem,
Que nas planícies rola.

Eis de meu coração a fida imagem.
Repetidos pesares pouco a pouco,
Males amontoados desde a infância
A existência me azedam.

Procuro embalde no festim da vida
Um lugar para mim. Se uno meu canto
Ao hino de alegria, a voz me falta,
E o coração suspira.

Oh Ancião de Téos, feliz foste;
Por amores contavas os teus dias!
Dias ditosos! Eu os meus numero

Só pelos meus pesares.

Mal vibravas da lira os fios de ouro,
Para de heróis cantar preclaros feitos,
Em vez de ressoar de Atride o nome,
Amor, dizia a lira.

E eu, oh destino! se de Amor intento
Terno o nome entoar, rebelde a lira
Só suspiros exala, e as cordas gemem
Ao toque de meu dedo.

Suspirar, suspirar... Tal é meu fado!
Por que o céu fez-me assim? Ao céu pergunta,
Por que deu ele ao sol ígneos fulgores,
E palidez à lua?

Enquanto o sabiá doce gorjeia,
Gemem na praia as merencórias ondas;
E ave sinistra, negra esvoaçando,
Agoureira soluça.

Ao lado do cipreste verde-negro,
Desabrocha a corola purpurina
A perfumada rosa; e junto dela
Pende a roxa saudade.

Eleva-se a palmeira suntuosa,
E desdobra nos ares verdes leques,
E perto da raiz, à sombra sua,
Definha humilde arbusto.

Eis da Natura o quadro! Isto harmonia,
Isto beleza, e perfeição se chama!
Eu completo a harmonia da Natura
Co'os meus tristes suspiros.

Vê agora se à lei posso eximir-me
Que a suspirar me obriga?... Oh alma minha,
Arpeja a que possuis, única fibra,
Exala teus suspiros.

Turim, 15 de maio de 1835

A FLOR SUSPIRO

Eu amo as flores
Que mudamente
Paixões explicam
Que o peito sente.
Amo a saudade,
O amor-perfeito;
Mas o suspiro
Trago no peito.

A forma esbelta
Termina em ponta,
Como uma lança
Que ao céu remonta.
Assim, minha alma,
Suspiros geras,
Que ferir podem
As mesmas feras.

É sempre triste,
Ensangüentado,
Quer seco morra,
Quer brilhe em prado.
Tais meus suspiros...
Mas não prossigas,
Ninguém se move,
Por mais que digas.

A EXPERIÊNCIA

Experiência! Médico tardio,
Tua voz útil fora, se mais cedo
Em nossa alma soasse!

De tropeço em tropeço vai-se a vida,
Como o rio entre seixos se despenha;
Nada o curso lhe tolhe.

Das paixões o marulho estrepitoso,
Como o som da cascata caudalosa,
Cobre, abafa teu eco.

Em jogo pueril, vendando os olhos,
O infante, na planície, embalde ensaia
Da estrada andar em meio.

Ângulos forma; alfim se esbarra a um tronco;
Assim andamos nós olhivendados
Pela estrada da vida!

Cai-nos a venda do barranco às bordas,
Quando nas suas lúbricas crateras
Já nossos pés deslizam.

Vem a velhice, que melhor te escuta,
Refletimos então; porém que importa!
O tempo é já passado!

Do que serve ao cadáver o remédio?
Um mestre ao moribundo? um guia àquele,
Que marcha ao cemitério?

OS SUSPIROS DA PÁTRIA

Donde vêm estes suspiros?
Donde vêm tão magoados?
Que a mim chegam tão quebrados!
Que peito os pôde conter?

Que distância eles venceram?
Que longos mares passaram?
Que ventos atravessaram,
Para aqui virem morrer?

Estes tão tristes suspiros
Aqui não foram nascidos;
Não; suspiros tão doídos
Quem podia aqui gerar?

Só uma mãe malfadada,
Que vê seus filhos lutando,
Nos céus os olhos fitando,
Assim pode suspirar.

Numa praia solitária
Bate a vaga moribunda
Menos triste e gemebunda,
Pejando o ar de seus ais.

Vós, gemidos dos desertos,
Entre as folhas vagueando,
Nas cavernas ululando,
Tanto horror vós não causais.

Suspiros, donde vindes? — Mal vos ouço,
Em meu peito murmura o eco vosso
Surdo, funéreo, como a voz que soa
Longe no ermo, da enchente que se arroja
De alpestre rocha, em borbotões fervendo,
E se esconde da terra nas entranhas;
E minha alma estremece apavorada,
Como de uma harpa a corda magoada.

Suspiros, donde vindes? — Sois da Pátria?
Ah! sois da Pátria... Sim, eu vos conheço

Por esse acento de aflição, de angústia,
Por esta dor, que me causais, tão agra.

Tu suspiras, oh Pátria!
Co'os teus os meus suspiros se misturam.
E que al fazer eu posso?
Se é surda a Providência às preces tuas,
Que pode a frágil mão de um filho inútil?

Os teus suspiros
A mim chegaram,
E me abalaram
O coração.
Socorro dar-te
Embalde intento,
E só aumento
Minha aflição.

Qual naufragante
Que uma onda impele,
Outra o expele
Ao alto-mar;
E de onda em onda
Sendo rolado
Já lacerado,
Vai encalhar.

Mas na praia não achando
Um asilo protetor,
O alento último exala,
E a alma envia ao Criador.

Assim morreis, suspiros, em minha alma,
Depois de haver o Oceano magoado.

Mas, oh Pátria, quem causa mágoas tuas?
Ah! não fales, não digas... sofre... espera.
Eu conheço teu mal. Ah! não são estes,
Qu'inda os pulsos têm lívidos dos ferros,
Recém-livres, costumes têm de escravos,
Estes não são, que ao teu porvir brilhante
As portas abrirão; são os seus filhos.
Espera, espera, que o porvir é grande;
E a vontade do Eterno, que os teus montes,
O teu céu, os teus rios nos revelam,
Será cumprida um dia: espera, espera.
Ainda ontem te ergueste de teu berço;

Mal um passo ensaiaste,
E não é crível que amanhã já morras.

Como em torno do sol os astros giram
Em círculo perpétuo,
Em torno do seu Deus as Nações marcham,
E de tal Astro à luz jamais se eclipsam;
Crê em Deus; que ele só salvar-te pode.

E vós, que a fronte ergueis de nós à cima,
Vós, que empunhais da governança o leme,
Vós, que velar deveis, até quando
Fareis da Pátria o patrimônio vosso,
E tolhereis seus passos?
Corai, corai de pejo, envergonhai-vos
De encher o excelso assento de poeira,
De poeira que sois, que um leve sopro
Dispersa, e acaba, e nem vestígios deixa
Para o crástino dia.

Nulidades, que humanas formas cobrem,
Empolas, que se geram num minuto,
E que noutro minuto se desfazem,
Como bolhas de espuma, que brincando,
De ténue tubo o infante cair deixa,
E no meio da queda desaparecem;
Que fizestes, que em vossa glória fale?
Nada!... Passastes como secas folhas,
Que os ventos remoinham.

Basta, enfim basta de ilusão, de engano.
Mira a Pátria a grandeza;
Vós a empeceis; deixai o campo livre
À Juventude, do progresso amiga.

Eu vos saúdo, Geração futura!
Só em vós eu confio.
Crescei, mimosa planta,
Sobre a terra da Pátria só regada
Com lágrimas e sangue.
Crescei, crescei da liberdade, oh filhos,
Para a Pátria salvar, que vos aguarda.

XXXVII

O HOMEM PROBO

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA

Tudo está profanado!
As vestes da virtude o vício adornam;
Da lisonja nas aras arde o incenso
Que só devera embalsamar o templo!
Murchas flores, que a fronte ao vício ornaram,
Atiram-se em despeito ao altar do Eterno.

Tudo está profanado!
Levanta a estupidez a hirsuta coma
Coberta de poeira,
E a sacode no rosto da Ciência,
Ou no alcáçar da lei se assenta ufana;
A Moral a seus pés serve de sólio,
De cúpula o capricho.

Tudo está profanado!
A cívica coroa
Dá-se à ambição, que sobe intumescida
Como a onda do mar, e tudo alaga.
Exauriram-se os nomes das virtudes,
E um só não há que ao crime se não desse.
Os lugares são prêmios da baixeza,
Da feia adulação, da vil intriga!
O hino cantam da vitória; e a Pátria
Geme aflita co' o peso da ignorância
Dos homens, cuja estrela é o egoísmo;
E até a lira, para mor opróbrio,
Vendidos sons só verte!

Tudo está profanado!
Como posso louvar-te, ilustre Veiga,
Santuário da honra foragida?
Que nome te darei? que flor? que incenso?
Como o bronze que soa em torre excelsa,
Chamando a Deus os homens,
Tu bradaste, pregaste o amor da Pátria;
A teus brados os homens surdos foram,
E tu enrouqueceste.

Apóstolo da ordem,
Caíste, enfim caíste! — Mas com glória!

Caíste, mas sem nódoa! Sim, caíste!
Mas Sócrates também sofreu a morte!

Qual se vê nas cidades arrasadas,
O templo solitário, esparsos bustos,
Rotas colunas, capitéis dispersos,
Combros de terra, montes de ruínas;
E no meio, inda envolta de poeira,
Uma estátua, que o tempo respeitara,
E que os olhos atraí do peregrino;
Assim te eu vejo em pé! e assim um dia
A geração futura, pesquisando
No meio das relíquias desta idade
Alguma coisa inteira, pura e bela,
Sacudirá o pó, que hoje te lançam,
E dirá: Eis aqui um Homem probó.

Mas que digo? — Ainda vives!
Envenena-se a flor, se a serpe a morde,
E a virtude definha, conculcada!

Mas tu amas a Pátria, como eu amo;
Amas com amor puro,
Sem mescla de interesse, como se ama
Uma mãe terna, que não tem tesouros,
Mas só lágrimas tem para legar-nos.
Ah! praza ao céu que a estrada em que brilhaste,
Seja aquela em que morras.

- E assim foi ¹.

XXXVIII

A BÍBLIA

EM UM DIA DE TRISTEZA

É qual estreito vaso o peito humano,
Que trasborda, ou se quebra, se fermenta
O veneno que encerra.

De gota em gota o fel da desventura
N'alma a tristeza vai-nos embebendo,
Té que o corpo converte-se em masmorra,
De que a alma fugir busca.

Oh! quem vê uma flor que em prado brilha,
Parecendo exalar vida, e doçura,
E rir-se em cada pétala viçosa,
Acaso dizer pode
Se ela foi pela serpe inficionada?
Se em vez de vida, a morte só lhe lavra
O delicado estame?

Quem pode ver o formigueiro oculto,
Que o humano coração rói, e lacera?
Se eu sofro, ou não, só eu, só Deus o sabe.
Mas feliz quem nos seios de sua alma
Acha uma grande idéia que o consola,
Como uma taça de suave néctar,
Que lhe acalma as entranhas sequiosas.

Quem se resigna à dor não sofre tanto.
Que veneno aí há que um bem não faça?
Ou que remédio que não cause um dano,
Segundo o caso, e leve circunstância,
Que à vista perspicaz escapa às vezes?
Não, não és tu, Filosofia humana,
Quem me robora o peito!
Sábias lições de sofrimento ditas;
Mas o valor acaso dar tu podes?
Quantas vezes o mal frustra a ciência!
Pura fonte conheço, inexaurível,
Onde sempre o infeliz adoça as dores.

Livro sagrado,
Vem consolar-me,
Vem saciar-me

Na minha dor.
Meu peito ansiado
De ti carece,
Sem ti falece
O meu vigor.

A ti recorro
Triste e sedento,
Que este tormento
Me faz gemer.

Dá-me socorro
No mal extremo,
Vem, senão temo
À dor ceder.

Cada palavra,
Que me vás dando,
É qual um brando,
Suave mel.
Já em mim lavra
A paz do empíreo;
Do meu martírio
Se adoça o fel.

Julho de 1836

AO CORONEL

ANTÔNIO DE SOUSA
LIMA DE ITAPARICA

Oferece o autor o Cântico de Waterloo

Quem melhor que um herói sopesar pode
As cinzas de outro herói? Quem melhor que ele
Pode dar o valor aos grandes feitos?
Tu vás a Waterloo; tu vás sentar-te
Aos pés desse leão, que as mãos dos homens
Sobre vasta pirâmide elevaram,
Para narrar às gerações futuras
Raros prodígios da potência humana.

Intrépido soldado peregrino,
Que depois de salvar Itaparica,
Guardaste na bainha a espada ufana,
E as ciências cultivas incansável;
A teus olhos, de ver insaciáveis,
Já vai a terra parecendo estreita!
Se te é grato escutar os sons da lira;
Se tu, que viste de Virgílio o túmulo,
De Horácio a casa, e a casa de Mecenas,
Podes com gosto murmurar meus versos,
Este cântico aceita, que te ofereço
Em sinal de respeito, e de amizade.

XXXIX

NAPOLEÃO EM WATERLOO

Tout n'a manqué que quand tout avait
réussi.

Napoleão em S. Helena (Memorial)

Eis aqui o lugar, onde eclipsou-se
O Meteoro fatal às régias fronte!
E nessa hora em que a glória se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia!
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dous astros ao ocaso caminhavam;
Tocado ao seu zênite haviam ambos;
Ambos iguais no brilho, ambos na queda
Tão grandes como em horas de triunfo!

Waterloo!... Waterloo!... Lição sublime
Este nome revela à Humanidade!
Um Oceano de pó, de fogo, e fumo
Aqui varreu o exército invencível,
Como a explosão outrora do Vesúvio
Até seus tetos inundou Pompéia.

O pastor que apascenta seu rebanho;
O corvo que sanguíneo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando;
O eco da floresta, e o peregrino
Que indagador visita estes lugares:
Waterloo!... Waterloo!... dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo os bravos!
Entretanto esse Herói de mil batalhas,
Que o destino dos Reis nas mãos continha;
Esse Herói, que co'a ponta de seu gládio
No mapa das Nações traçava as raias,
Entre seus Marechais ordens ditava!
O hálito inflamado de seu peito
Sufocava as falanges inimigas,
E a coragem nas suas acendia.

Sim, aqui stava o Gênio das vitórias,
Medindo o campo com seus olhos de águia!

O infernal retintim do embate de armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibilo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orquestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! — Abóbadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quais submissos leões; e nem ousando
Tocá-lo, ao seu ginete os pés lambiam.

Oh! por que não venceu? — Fácil lhe fora!
Foi destino, ou traição? — A águia sublime
Que devassava o céu com vôo altivo
Desde as margens do Sena até ao Nilo,
Assombrando as Nações co'as largas asas,
Por que se nivelou aqui co'os homens?

Oh! por que não venceu? — O Anjo da glória
O hino da vitória ouviu três vezes;
E três vezes bradou: — É cedo ainda!
A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete,
Que soía escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas.
Na pugna os esquadrões se encarniçavam;
Roncavam pelos ares os pelouros;
Mil vermelhos fuzis se emaranhavam;
Encruzadas espadas, e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo.
Ele só impassível como a rocha,
Ou de ferro fundido estátua eqüestre,
Que invisível poder mágico anima,
Via seus batalhões cair feridos,
Como muros de bronze, por cem raios;
E no céu seu destino decifrava.

Pela última vez co' a espada em punho
Rutilante na pugna se arremessa;
Seu braço é tempestade, a espada é raio.
Mas invencível mão lhe toca o peito!
E' a mão do Senhor! barreira ingente
Basta, guerreiro! Tua glória é minha;
Tua força em mim stá. Tens completado
Tua augusta missão. — És homem; — pára.

Eram poucos, é certo; mas que importa?

Que importa que Grouchy, surdo às trombetas,
Surdo aos trovões da guerra que bradavam:
Grouchy, Grouchy, a nós, eia, ligeiro;
O teu Imperador aqui te aguarda.
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente lutar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhões se eleva,
Como vagas do Oceano encapelado,
Que furibundas se alçam, lutam, batem
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam.

Eram poucos, é certo; e contra os poucos
Armadas as Nações aqui pugnavam!
Mas esses poucos vencedores foram
Em Iena, em Montmirail, em Austerlitz.
Ante eles o Tabor, e os Alpes curvos
Viram passar as águias vencedoras!
E o Reno, e o Manzanar, e o Adige, e o Eufrates
Embalde à sua marcha se opuseram.

Eram os poucos, que jamais vencidos
Os dias seus contavam por batalhas,
E de câs se cobriram nos combates;
O sol do Egito ardente assoberbaram,
A peste em Jafa, a sede nos desertos,
A fome, e os gelos dos Moscóvios campos.
Poucos que se não rendem; — mas que morrem!

Oh! que para vencer bastantes eram!
A terra em vão contra eles pleiteara,
Se Deus, que os via, não dissesse: Basta.

Dia fatal, de opróbrio aos vencedores!
Vergonha eterna à geração que insulta
O Leão que magnânimo se entrega.

Ei-lo sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o eco fúnebre das ondas,
Que murmuram seu cântico de morte.
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual náufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho rejeitaram;
Ou qual marmórea estátua sobre um túmulo.

Que grande idéia o ocupa, e turbilhona
Naquela alma tão grande como o mundo?

Ele vê esses Reis, que levantara
Da linha de seus bravos, o traírem.
Ao longe mil pigmeus rivais divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedônio outrora o Império
Entre si repartiram vis escravos.
Então um riso de ira, e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade.

O grito ainda inocente de seu filho
Soa em seu coração, e de seus olhos
A lágrima primeira se desliza.
E de tantas coroas que ajuntara
Para dotar seu filho, só lhe resta
Esse Nome, que o mundo inteiro sabe!

Ah! tudo ele perdeu! a esposa, o filho,
A pátria, o mundo, e seus fiéis soldados.
Mas firme era sua alma como o mármore,
Onde o raio batia, e recuava!

Jamais, jamais mortal subiu tão alto!
Ele foi o primeiro sobre a terra.
Só, ele brilha sobranceiro a tudo,
Como sobre a coluna de Vendôme
Sua estátua de bronze ao céu se eleva.
Acima dele Deus, — Deus tão-somente!

Da Liberdade ele era o mensageiro.
Sua espada, cometa dos tiranos,
Foi o sol, que guiou a Humanidade.
Nós um bem lhe devemos, que gozamos;
E a geração futura agradecida:
NAPOLEÃO, dirá, cheia de assombro.

18 de junho de 1836

AO GENERAL LAFAIETE

Nascido em virgem plaga Americana,
Onde da independência o livre sopro
Os homens vivifica;
Onde de azul cetim num céu sem nódoa
Lúcido gira o disco coruscante,
Que ao vate o gênio inflama;
Sem que do medo a destra me agrilhoe,
Porém venerabundo, a mente exalço
Ao herói de dous Mundos.
Tu, da glória no céu, não dado a muitos,
Rutilas fulgurante a par de Washington,
Co'a luz que a liberdade
De seu divino rosto escapar deixa,
Qual cometa fatal à tirania.
Oh grande Lafaiete!
Oh portentoso nome! honra da França!
Nome, que no orbe cresce, como em bosques,
Altos, frondosos cedros
Nos alcantis do Líbano se elevam,
E as tormentas, e os raios assoberbam
Contra eles fulminados.
De nós aprenderão os filhos nossos
A repetir teu nome, ainda no berço,
Com inocentes lábios;
Nossos filhos aos seus, estes aos netos
Irão passando intacta esta lembrança;
Como através dos evos
As colossais pirâmides, que emblemas
São da grandeza, e da existência eterna,
Ovantes têm passado.
Mas é grande ardimento! Ave sem canto,
Longe de seu vergel peregrinando,
Em remontado vôo
Querer modular sons, cantar teu nome!
Simpática afeição, mágico impulso
A ti porém me arrasta;
E de prazer o coração no peito
Expande-se a teu nome, qual se expande,
Em perfumado eflúvio,
O doce aroma do ananás gostoso.
E tu, qual prazer sentes, quando tomas
Esse infante em teus braços?
Esse infante gentil, de heróis progênie,

Filho de Zenowiez, hoje sem Pátria
Que um Déspota roubou-lha?
Qual te anima alegria esperançosa,
Quando de Kosciuszko vês o sangue
Girar em suas veias,
E as estranhas nutrir-lhe ainda tenras?
Oh! como é grato levantar nos braços
O filho de um guerreiro,
Que malfadado sim, mas virtuoso,
Sobranceiro se mostra à sorte adversa!
Ah, praza a Deus clemente
Que por ti embalado esse menino,
Por ti n'água lavado do batismo,
Raro exemplo seguindo
De seus nobres maiores, seja um dia
O que foi Kosciuszko, e o que tens sido.
Oh! se o porvir contemplo,
Quem sabe se ainda um dia!... Mas não podem
Humanas mãos romper o véu de trevas,
Com que a Providência
Esconde a mortais olhos o futuro.
Em sibilino arrojado não pretendo
Interpretar mistérios.
Cresça o jovem Emílio sempre ao lado
Do imortal Lafaiete, e aprenda, e saiba
Amar a liberdade.

Paris, janeiro de 1834

ÀS SENHORAS BRASILEIRAS

Nas veias o sangue já não me galopa,
Nem sacros furores nos lábios me fervem;
A lira canora do cisne Beócio
Deixei sobre a trípode.

Os risos fagueiros do Gênio da Pátria
Agora me inspiram idéias suaves.
Os vossos encantos, oh belas patrícias,
Eu canto dulcíssimo.

Império das graças, oh sexo mimoso,
Vós sois o princípio da nossa existência;
Dos nossos prazeres orige' inefável;
Sem vós que seríamos?

A lua que brilha num céu azulado,
E os raios argênteos no rio reflete,
É quadro bem lindo! porém vossas faces
Têm graças mais nítidas.

Os dias que alegres convosco passamos,
São horas bem curtas, são breves instantes;
E os breves instantes da ausência saudosa
São noites bem tétricas.

O canto das aves, que soa nos bosques,
É grato aos ouvidos do homem selvagem;
Porém vossas vozes têm mais melodia
Que as vozes dos pássaros.

A rosa tem cheiro que o ar embalsama,
A rosa tem cores que esmaltam os prados;
Porém para imagem da vossa beleza
A rosa é inválida.

As águas têm perlas, o céu tem estrelas,
Os campos têm flores, a terra tem ouro;
Mas vós venceis tudo; vós sois da Natura
A obra protótipa.

Por vós afinaram mil vates as liras;
Por vós mil guerreiros à glória voaram;
E até nações cultas por vós sacudiram

Seu jugo tirânico.

Oh Anjos da terra, da Pátria ornamento,
Donzelas, esposas, e mães carinhosas,
Na luta, que temos co' o vil despotismo,
Mostrai-vos magnânimas.

Os vossos encantos de prêmio só sirvam
A quem ama a Pátria, ao sábio, e ao justo.
Deixai que ociosos, e os nossos inimigos
No lodo revolvam-se.

XLII

A MINHA LIRA

Quando o sol era o meu astro,
E a minha mente inspirava,
No enlevo do estro inflamado
Alegre a lira eu vibrava.

Co'a Grécia, e Roma sonhando,
Colhendo flores da história,
À minha Pátria querida
Hinos tecia de glória.

No fogo da mocidade,
Nessa estação da alegria,
Cantava gratas mentiras,
Amores qu'eu não sentia.

Às vezes também chorava;
E tu, oh lira pressaga,
Já teu destino previas,
E o pranto que ora te alaga.

Qual na rosa que emurchece
Seca o orvalho que a aljofrava,
Assim secou-se em meus lábios
O riso que os enfeitava.

Minha voz enrouqueceu-se,
Meu coração enlutou-se,
E o astro que me aclarava
Em densa treva nublou-se.

Antes que o sopro do tempo
Murchasse a flor de meu rosto,
A palidez já o tinge,
Causada pelo desgosto.

A folha na primavera,
Se pelo inseto é roída,
Assim perde o verde esmalte,
Assim murcha, e cai sem vida.

Deixei a prezada Pátria,
Deixei a mãe carinhosa;
Perdeu então minha lira

Sua voz harmoniosa.

Ao som das vagas do Oceano
Foi minha lira aprendendo
A suspirar quando choro,
A ir comigo gemendo.

Companheira de meu fado,
Pelo mundo vagueando,
Juntos os Alpes subimos,
Estranhas terras pisando.

Nos Alpes, como num trono
Que me alçava além do mundo,
A glória do Onipotente
Entoei venerabundo.

Entre góticas pilastras,
Arroubado no infinito,
Cantei a vida futura,
Consolo de um peito aflito.

Sentado sobre ruínas,
Achei um eco na lira;
E sobre o nada da vida,
Deu-me sons qu'eu nunca ouvira.

Entre campas, e cipestres,
Sozinho num cemitério,
Chorando a sorte de um vate,
Na lira achei refrigério.

Solitário entre os viventes,
Do mundo desconhecido,
Como a planta errante d'água
Apenas tenho vivido.

A glória, esperança vária,
Sonho falaz do acordado,
Febre que os Gênios inspira,
Só me não tem inspirado.

Amiga melancolia,
Consumidora saudade,
Vós envolveis os meus dias
Desta triste suavidade.

Em cada estação ostenta
Diverso aspecto a Natura;
Ora de cristais se adorna,
Ora de fresca verdura.

As aves também renovam
Seu canto co'a Natureza;
Tudo muda, só minha alma
Conserva sua tristeza.

Único bem qu'eu possuo,
Oh minha estimada lira,
Companheira de infortúnios.
Comigo chora, e suspira.

XLIII

O CANTO DO CISNE

Meus versos são suspiros de minha alma,
Sem outra lei que o interno sentimento;
E como o fumo que do fogo se ergue,
Sobem ao céu, e perdem-se nos ares.

Como o aceso turíbulo balança
Ante o altar, de incenso alimentado,
Suavíssimos perfumes exalando,
Assim minha alma oscila
Das ilusões do mundo afadigada;
E suspirando então pelo infinito,
Humilde a Deus seu pensamento exalça.

Cada pensamento meu,
Como uma baga de incenso,
Do turíbulo de minha alma
Sobe ao alcáçar do Imenso.

Eis por que ainda no da vida exílio,
Entre o véu de tristeza que me enluta
Alguns assomos de prazer ressumbram,
Como do pirilampo
Na escuridão da selva a luz lampeja;
Eis por que minha lira
Inopinados sons desliza às vezes;
Eis por que ainda para mim um riso
A Natureza enfeita;
Eis por que a noite presta-me seu bálsamo,
E na aurora que surge encantos acho.

Eco para meus suspiros
Eu acho na Natureza;
E para a voz de minha alma
Um acento de tristeza.

Ah! porventura a lira abandonada,
Que rota e muda jaz de pó coberta,
Porventura ainda vive?
A lira morre, quando mais não soa,
Morre, quando, estalando a última corda,
Evapora o seu último soluço.

Assim sou eu sobre a terra;

É minha alma como a lira,
Que morre, quando não geme;
Que vive, quando suspira.

Como vive o proscrito em riba estranha?
No pensamento apenas,
Nos quadros de sua alma, tristes quadros,
Como a noite sem lua, e sem estrelas;
Quadros nublosos, pela mão traçados
Da pálida Saudade.
Oh mundo, oh mundo, exílio de minha alma!
Vida, cruel tirano que me prendes!

O que é a vida? Um contínuo
Passar das trevas à aurora;
Cadeia que nos arrasta,
Turbilhão que nos devora.

Eis a vida!... E depois?... Mistério horrível!
Infinito, onde o espírito se perde,
Como um átomo no espaço;
Deserto, onde vagueia a fantasia,
Repouso, e asilo incerta procurando,
Como nos areais da ardente Arábia
O peregrino afadigado busca,
Para a sede aplacar, mesquinha fonte,
E um ramo que lhe abrigue os lassos membros.

Talvez que amanhã se ultime
A sentença do proscrito,
E que livre das cadeias,
Vagueie nesse infinito.

E quem sabe se a voz da Eternidade
Agora me revela,
Que este manto, que enoita a Natureza,
Como do esquife o mortuário pano,
Para sempre a meus olhos cobre a terra?
Quem sabe se ao raiar da aurora crástina,
A seu hino de vida
Um eco faltará de minha lira,
De minha alma um gemido?

Cada minuto da vida
Pode ser o derradeiro;
Da vida ao nada há um ponto,
E o homem passa-o ligeiro.

O Cisne que desliza à flor do lago,
Perlas formando co' o bater das asas,
Mudo a garganta alonga,
E só da morte a voz nela ressoa;
Como uma flauta que do tronco pende
Por amoroso voto,
Pelo vento agitada,
Embalança, e suaves harmonias
Exala de seu tubo:
Assim a voz do cisne se desata,
Pela morte inspirado;
Assim se melodia,
Para doce entoar o hino extremo.

Mas acaso sabe o Cisne,
Terno canto desferindo,
Que em cada acento que solta,
A vida lhe vai fugindo?

Companheiro do Cisne, o tenro arbusto
Que uma só vez floresce,
E quando assim se adorna, murcha, e morre,
Como no dia nupcial a esposa,
Sabe ele porventura que essas flores
São as galas da morte?
A lâmpada que expira, e um clarão solta,
Acaso sabe se lhe minguia o óleo?
O rio que no prado se resvala,
Acaso dizer pode:
Amanhã terá fim minha corrente?
E o zéfiro que brinca saltitando
Sobre as frescas corolas, sabe acaso,
Se ainda existirá no sol seguinte?

Nós acaso conhecemos
Melhor que eles nossa sorte?
Podemos dizer: este hino
É nosso hino de morte?

Eu canto como o Cisne, sem que saiba
Se é meu último canto;
Como o arbusto que brota mortais flores,
Minha alma se dilata, e aromas verte;
Como a luz que falece, e se afogueia,
Em sacro amor meu coração se inflama;
Como o rio que manso se desliza,
Como o ligeiro zéfiro que adeja,

Devolvem-se meus dias,
Como vagas do mar, um após outro,
E não sei qual será o derradeiro.

Inda um suspiro, minha alma,
Como o Cisne hoje exalemos.
Se amanhã virmos a aurora,
Novos hinos entoemos.
Cantemos, cantemos
Co'a noite, e co'o dia,
Seja nossa vida
Contínua harmonia.

Fim dos Suspiros poéticos

AS SAUDADES

I

INVOCAÇÃO À SAUDADE

Tu, que n'alma te embebes magoada,
Melancólica dor, e gota a gota
Vertes no coração tóxico acerbo,
Que entorpece a existência, e a vida rala!
Tu, tirana da ausência, que retratas
Em fugitiva sombra, em negro quadro
 A imagem do passado;
Que ao filho sempre a mãe anosa antolhas,
A pátria ao peregrino, o amigo ao amigo,
O esposo à esposa; e ao malfadado escravo,
Que sem futuro pelo mundo vaga,
Mostras a liberdade, e o lar paterno;
E a cada simulacro que apresentas,
Com farpado aguilhão rasgas o peito
 Do triste que te sofre;
E nos olhos sanguíneos, encovados,
 Não lágrimas destilas,
Mas fel, só atro fel, bárbara, espremes.

Oh saudade! Oh martírio de alma nobre!
Malgrado o teu pungir, como és suave!
Como a rosa de espinhos guarnecida
Aguilhoa, e apraz co'o doce aroma,
Tu feres, e mitigas com lembranças.
Mas ah! o teu espinho ainda é mais duro;
E essas tuas lembranças são falaces,
Flores são que o punhal de Harmódios cobrem.

Para agora oprimir-me tudo se ergue;
Tudo agora de encantos se reveste,
Para mais agravar minha saudade.
Sítios qu'eu desdenhei, sítios que amava,
Templos que orar me viram respeitoso,
Estes céus de safira, estas montanhas
Cobertas de cocares de palmeiras,
Pais, amigos, irmãos, ah! tudo, tudo
Me está representando a fantasia,
Como que pouco a pouco quer matar-me.

Que cena há aí que mais encantos tenha,

Que ver lânguida virgem, pudibunda,
Pálida a fronte, as faces desbotadas,
Baixos os olhos, revoando a coma,
E uma terna expressão de oculta angústia
 Que lavra-lhe as entranhas?
Que cena há aí que mais encantos tenha,
Que vê-la num baixel, segura ao mastro,
Suspiros exalar, longos suspiros,
Que voam murmurando, e se misturam
Co'os ventos que sibilam nas enxárcias?
De vez em quando olhar, e só ver nuvens,
Nuvens que o céu encobrem, retratando
Fugitivas imagens, que recordam
Terras da pátria; quem, meu Deus, quem pode
 Resistir a tal cena?

Tu matas, oh saudade!... Às crespas ondas,
Delirante Moema, e quase insana,
Por ti ferida, se arremessa... e morre...
 Que não pode a mesquinha
Longe viver do fugitivo amante,
Que tanto amor pagara com desprezo.
Lindóia, entregue à dor, desesperada
N'ausência de Cacambo, mal lhe soa
Do caro esposo o último suspiro,
Também suspira, odeia a vida... e morre...
E tu, Clara infeliz, filha dos bosques,
 Gerada entre palmeiras,
Nada pode aprazer-te, nada pode
 Extinguir-te a lembrança
Da rústica cabana, onde embalada
Em berço foste de tecidas varas.
De diurnas, domésticas fadigas
Descansada, lá quando alveja a lua
Em fundo azul, mil vezes te enxergaram
Num tronco de coqueiro reclinada,
Cantar da infância tuas árias saudosas,
Árias bebidas nos maternos lábios.
 Ai... minha mãe, dizias,
Ai... minha mãe... quem sabe se ainda vives!
Aldeia onde nasci, pobre cabana,
Rede que me embalavas, eu vos choro!

Oh terra do Brasil, terra querida,
Quantas vezes do mísero Africano
Te regaram as lágrimas saudosas?
Quantas vezes teus bosques repetiram

Magoados acentos
Do cântico do escravo,
Ao som dos duros golpes do machado?

Oh bárbara ambição, que sem piedade,
Cega e surda de Cristo a lei postergas,
E assoberbando mares, e perigos,
Vais infame roubar, não vãs riquezas,
Mas homens, que escravizas!
Mil vezes o Senhor, para punir-te,
Opôs ao teu baixel ondas, e ventos;
Mil vezes, mas embalde,
Nas cavernas do mar caiu gemendo.
Á voz do Eterno obediente a terra
Se mostra austera e parca,
Que a lágrima do escravo esteriliza
O terreno que orvalha.
A Natureza preza a Liberdade,
E só franqueia aos livres seus tesouros.

Oh suspirada, oh cara Liberdade,
Descende asinha do Africano à choça,
Seu pranto enxuga, quebra-lhe as cadeias,
E adoça-lhe da pátria a dor saudosa.

Oh palavras! oh língua! quão sois fracas,
Para d'alma narrar os sentimentos!
Oh saudade, aflição dura e suave!
Oh saudade, que o rosto me descoras,
Saudade, que me apertas, que nos lábios
Decas-me o almo riso,
E o pensamento meu absorves todo,
Como uma esponja o líquido, e o repartes
Co' o passado, o presente, e co' o futuro.
Oh saudade! Oh saudade!
Minhas endechas mal carpidas colhe;
Dá-me um lúgubre som, como o das vagas
Que nas praias se quebram
Sem ordem, como os meus chorados cantos;
Uma voz sepulcral, como a da rola
Que em solitária selva se lamenta;
Um acento funéreo, um eco lúgubre,
Como o eco das grotas, quando a chuva
Goteja reboando.

Ah! corram minhas lágrimas, ah! corram
A quantos meus gemidos escutarem.

Oh saudade! Oh saudade!
Pois que em minha alma habitas,
E sem cessar me lembras pais, e Pátria,
Minhas tristes endechas serão tuas,
Saudade, serei teu... Saudade, és minha.

II

ADEUS À PÁTRIA

Adeus, oh Pátria amada,
Terra saudosa, onde eu abri meus olhos
Pela vez prima ao sol americano;
Onde nos braços maternais suspenso,
O teu amor co'a vida
No albor dos anos meus fruí gostoso.

Oh margens do Janeiro,
Eu me ausento de vós com mágoa e pranto!
Adeus, brilhante céu da terra minha!
Adeus, oh serras que vinguei difícil!
Adeus, sombrias várzeas,
Que vezes passeei meditabundo.

Adeus, augustas torres
Do templo, onde lavei-me do pecado!
O som funéreo dos sagrados bronzes
Ainda vem magoar os meus ouvidos,
E n'alma despertar-me
Tristíssimas, cruéis reminiscências.

Eis ali a montanha
Cujos pés beija o mar que em flor se esbarra.
Quantas vezes ali triste, sentado,
Minha alma no infinito se espraiaava,
Os olhos vagueando
Sobre este mar, que deve hoje levar-me!

Sim, eu te deixo, oh Pátria;
E deixo-te lutando co'as procelas,
Que no teu horizonte se abalroam.
Ah! quanta dor o coração me punge,
Por ver alguns teus filhos,
Baldos de pundonor, como te olvidam.

Teus filhos... Ah! cubramos,
Se algum há, com desprezo o seu opróbrio.
Feras serpentes qu'entre mansas aves
Se aqueceram nos ovos, e mal nascem
Dilaceram os filhos,
E as próprias aves que lhes deram vida.

Malévolos sicários,

Raça espúria, sem Pátria, ermos de brio,
Já traidores alfanges afiando,
O ensejo só aguardam favorável
De ensopá-los no sangue
Daqueles a quem bens, e honra devem.

Não é pavor, nem susto
De aos pés calcado ser de intrusos Neros,
Nem de rojo levado ao cadafalso,
Que hoje arrancar-me de teu grêmio pode;
Nem a ambição me acena
Qu'eu vá mercadejar por longes terras.

Não, eu não temo a morte,
Nem dos tiranos temo a catadura;
sei firme assoberbar adversos fados;
Que o varão, que o dever toma por norte,
Sempre a Pátria antolhando,
Morte honrosa prefere à vida escrava.

Amor da sapiência,
Desejo de colher lições do mundo
Leva-me às margens do soberbo Sena,
Para, se me não for avessa a sorte,
Ante o altar da Pátria
Meus serviços prestar vir respeitoso.

A ti me voto inteiro,
Tu és o meu amor, minha alma é tua.
Só para te ofertar flores cultivo
Nos mágicos jardins da Poesia;
Se te apraz seu aroma,
Ah! como fico de prazer ufano!

Ah! praza a Deus que a nuvem,
Que obumbra ora teu céu, tão belo sempre,
A cólera do Eterno não desabe
Sobre as tristes cabeças de teus filhos!
Ah! praza a Deus que nunca
Teu Anjo tutelar fuja a teus lares!

Oh Senhor, tu protejes
O povo que se vota à Liberdade;
A Liberdade é dom que nem tu mesmo
Aos homens tiras; como um mortal ousa,
Erguido pó da terra,
Eclipsar os teus dons, manchar teu nome?

Cara Pátria, sem susto
Tua fronte levanta majestosa,
Como tuas montanhas, e teus bosques!
Não sejas só no mundo conhecida
Por teus ricos tesouros,
Pelos prodígios da sem-par Natura.

Oh Pátria, ovante marcha;
Já em teu seio encerras Varões dignos
De renome imortal; não te envergonhes
De cingir-lhes as frentes, de apontá-los.
São eles que te escoram,
E que te hão de elevar à Eternidade.

As solitárias ondas
Que hoje sonoras tuas: praias beijam,
Já outrora, não pedras, não espuma,
Mas cadáveres, e sangue arremessaram,
Cadáveres, e sangue
Dos nascidos nos teus sagrados bosques.

Se inimigos ousarem,
Armados contra ti, em frágeis lenhos,
Expelir o trovão, o raio, e a morte,
Abrir-se-hão estes mares a sorvê-los;
Seus lívidos cadáveres
Tuas areias juncarão de novo.

O coração pressago
Veemente palpita, e voz suave
Em meu peito ressoa, e me anuncia
Que o céu destes horrores te preserva;
O coração não mente;
A paz firmou-se em ti; seja ela eterna.

Como a enchente do Nilo
Que estendendo-se sobre a terra Egípcia,
Deixa após si fertilidade aos campos,
Assim, propicia paz, tu vivificas
O povo que te hospeda,
E por ti bafejada a indústria medra.

Como serei ditoso
Se dado ainda me for correr teus campos,
Beijar de anosos pais as mãos rugosas,
Abraçar os amigos, e arroubado

Nesse celeste instante
Novos, oh Pátria, cânticos tecer-te.

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1833

III

À MINHA FAMÍLIA

Choram por mim... Por mim a mãe querida
Em soluços — adeus — nem dizer pode...
Debalde balbucia; os lábios tremem,
 E a dor a voz lhe embarga...
 Banhado tem o rosto
De cristalino pranto, e cor de sangue
 Os olhos já cansados.

Lá vejo o caro pai sisudo e grave,
A quem anos as faces enrugaram,
 E a fronte encaneceram;
A mão ao filho estende, e a bênção lança:
Boa viagem, diz, boa viagem;
 Deus te guie, e te traga
 Na sua santa guarda,
Sempre digno de mim, da Pátria digno.

Memorandas palavras!
Palavras de meu pai... n' alma do filho
Ausente, eternas ficarão gravadas.

Ternos irmãos — adeus — me estão dizendo
 Com tão fúnebre acento,
Como se eu condenado à morte fosse.
Um por um os abraço, e adeus lhes digo.
Quero partir... forcejo; os olhos cerro...
Porém a dor que o coração me preme,
Forças me tira, e me fraqueia os passos;
 Em borbotões rebentam
Lágrimas, que enxugar em vão pretendo.

Que mão gelada é esta, que me embebe
Duro alfange no íntimo do peito?
Que mão desapiedada me retalha
 O coração magoado?
Mão da saudade, és tu, eu te conheço.

Oh momento de ausência, como és agro!
Mais agro não me foi aquele dia
 Em que co'a morte ao lado,
Quase caí do leito à sepultura.

Já brilhava a meus olhos moribundos

A luz de bento círio,
Que ante um sagrado Crucifixo ardia.
Chorava minha mãe, e seus cabelos
Sobre meu frio peito debruçavam-se.
Colocado entre o mundo e a Eternidade,
Meu ser se dividia, e ingente peso
O aflito coração me comprimia,
Como se férreos braços me cerrassem.
Ah! porque inteiro conservou-se o estame
Em luta tão cruel? E' qu'eu devia
Sofrer mais este golpe, e da existência
Não estava inda o círculo completo;
Assaz não tinha o Mundo conhecido,
Conhecê-lo devia.

Neste instante que a dor absorve todo,
Não me vigoram de um porvir brilhante
Lisonjeiras lembranças,
Sonhos falaces, esperanças loucas,
Que embriagam a mente do acordado.

Quisera aqui morrer, quisera nunca
Estranhas terras visitar, que outrora
Eu tanto cobiçara,
Antes que os pais deixar, irmãos e Pátria.

Mas uma estrela guia
A seu destino o homem.
Quem de Deus penetrar pode os arcanos?
Quem do Eterno à vontade opor-se pode?
Cumpra-se a minha estrela... E nós choremos,
Que num vale de lágrimas estamos.
Chorando nossas mães vida nos deram,
Chorando à luz nascemos, e mil vezes
Esta vida choramos, e na morte
Uma lágrima ainda se desliza
Dos revirados olhos:
Das lágrimas a fonte só se estanca,
Quando da vida apaga-se a centelha.

Pais, irmãos me rodeiam.
Onde estão os amigos? Um ao menos
Não me vem abraçar neste momento?
Um só não terei eu, que me acompanhe
Até à triste praia,
E o ósculo da amizade aí me imprima
Na hora da partida?

Eu vos conheço, amigos!
Convosco fique a paz, fique a alegria,
Venha o pesar comigo.

Caro pai, boa mãe, irmãos queridos,
Meu último suspiro vosso seja...
Adeus... adeus; eu parto.

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1833

IV

A TEMPESTADE

Desaparece o sol, o céu negreja,
O rígido aquilão em fúrias brama,
E em cada vaga a morte armada se ergue.

Hei de eu morrer, oh Pátria,
Sem que um suspiro teu sequer mereça?
Sem que minha existência útil te fosse?
E este mar cavará o meu sepulcro?
Meu corpo rolará entregue às ondas,
Té que os marinhos tigres o devorem?
Não terei uma campa, um epitáfio,
Onde no dia aos mortos consagrado
As lágrimas de amigo se deslizem?

Eu estava tranqüilo...
Como um brando regato serpenteia
Entre florida, perfumada relva,
Ou como a lua plácida fulgura
Na abóbada celeste,
Recamada de nítidas estrelas,
Assim os dias meus se devolviam
Em suaves vigílias, brandos sonos.

Tinha um pai, uma mãe, irmãos, amigos;
Debaixo de meus passos se movia,
Sem qu'eu sentisse, a terra;
Ora de humana voz ternas cadências
As passageiras mágoas me adoçavam,
Ora coberto com dosséis de folhas,
Que em chuveiros de flores me cobriam,
Terno cantava ao som da fruta agreste
Que o sabiá simula.
Se no cume da serra a tempestade
Caliginosos braços estendia;
Se nas torres dos templos se esbarravam
Lampejantes coriscos;
Na paterna mansão, ermo de susto,
Escutava o trovão, e o hino excelso
Que entoavam meus pais venerabundos.
Oh! com que rapidez tudo se muda!
O homem nem prevê próximos males!

Aqui, neste Oceano,

Sem que sequer um só prazer desfrute,
Tudo é horror, e um vasto cemitério.
De cada lado gigantescas vagas,
Irritadas elevam-se, curvando
Sobre o navio que sem tino vaga.
Negras nuvens do sol a face enlutam;
Soltos trovões se embatem, troam, bramam;
Rijo sibila o vento nas enxárcias;
Ante a proa em montanhas espumosas
Pulveriza-se o mar, roncando horrísono;
 Gemendo as vergas beijam
A onda que se empola, ou já se afunda,
Quais débeis canas que o tufão acurva.
Que horror, oh céus! Que sorte nos aguarda!

Se é nossa estrela que morramos todos,
 Quero ser o primeiro
Em quem, oh ondas, sacieis a fúria.

Procuro embalde, cintilar não vejo
 Santelmo de esperança;
Só vejo a morte abrir a foz medonha
Em cada vaga, que engolir promete
O lenho, surdo à voz do palinuro.

As velas ferram desmaiados nautas,
Rouqueja o capitão, soa a buzina,
Mulheres tremem, criancinhas choram,
E sobre a bomba passageiros curvos
 Arquejando se afanam.

Fitas de fogo ardentes, inflamadas,
Entre rotos listões de negras nuvens,
 No horizonte se estendem;
Vasto lago de sangue o mar parece;
Relâmpagos mil chovem, mil se apagam;
Raios dardeja o céu enfurecido,
E os vermelhos coriscos no ar se cruzam,
Como cipós que os bosques emaranham,
Ou qual num rio amontoadas serpes,
Curvilíneas se enlaçam, sobem, descem.

Oh meu Deus! Oh meu Deus, teus olhos volve
 Sobre os filhos dos homens.
É verdade, Senhor, eles ingratos
No tempo da bonança se esqueciam
 Da tua onipotência;

Ousamos, ímpios, profanar teu nome;
Mas piedade, Senhor, hoje invocamos.

Como filhos rebeldes,
Que os são conselhos paternais desprezam,
Zombam mesmo dos pais, e de delírio
Em delírio à desgraça se encaminham;
E quando já no poço da miséria
Lhes brada a consciência,
Então os pais invocam;
E se os pais os não salvam, ali morrem.
Tu és pai, oh meu Deus! Misericórdia!

Um sopro de teus lábios foi bastante
Para armar contra nós a tempestade;
Um sopro de teus lábios
Basta para acalmá-la.

À tua voz, Senhor, tudo se humilha,
O mar, a terra, o céu, o vento, o raio;
Fala, seremos salvos.

Amaina o vento, o mar se tranqüiliza!...
Maravilha de Deus!... As nuvens subam
A teus pés os meus hinos,
Hinos acesos nos transportes d'alma;
Voem de mundo em mundo, de astro em astro,
De Anjo em Anjo, até qu'eles se harmonizem,
E dignos sejam, oh Senhor, que os ouças.

Glória! glória ao Senhor! estamos salvos!
Desaparece a morte,
Raia o sol, ri-se o céu, o mar se aplanar!
Glória! glória ao Senhor! estamos salvos!
Afaga-me a esperança,
Que renasce no fundo de minha alma,
Como a fênix das cinzas.
Oh Pátria, serei teu; minha existência
Ao louvor do meu Deus, a teus louvores
De ora avante a consagro.

O DIA 7 DE SETEMBRO, EM PARIS

Longe do belo céu da Pátria minha,
Que a mente me acendia,
Em tempo mais feliz, em qu'eu cantava
Das palmeiras à sombra os pátrios feitos;
Sem mais ouvir o vago som dos bosques,
Nem o bramido fúnebre das ondas,
Que n'alma me excitavam
Altos, sublimes turbilhões de idéias;
Com que cântico novo
O Dia saudarei da Liberdade?

Ausente do saudoso, pátrio ninho,
Em regiões tão mortas,
Para mim sem encantos, e atrativos,
Gela-se o estro ao peregrino vate.
Tu também, que nos trópicos te ostentas
Fulgurante de luz, e rei dos astros,
Tu, oh sol, neste céu teu brilho perdes.

Oh fantasia, reproduz se podes
O enérgico quadro, que meus olhos
Outrora extasiara;
As cenas reproduz de entusiasmo,
Que o coração abrasa
Como o sol quando a pino os homens fere;
Memória, hoje recorda aquelas vozes
Dos brasileiros peitos escapadas,
Como do Chimborazo ardentes lavas,
E no templo de Deus gratas soavam.
Recita aqueles hinos,
Que angélicas donzelas, varões probos
Alternos entoavam neste Dia,
Da Liberdade em honra.

Mas em vão, que nos ares embruscados
O mimoso colibri não adeja,
Nem longe do seu ninho o canto exala
O sabiá canoro.
Ah! se ao menos a dor que me alma punge,
E a existência me azeda,
Um pouco se aplacasse, e doce riso,
Filho do coração, subisse aos lábios,
Quiçá na ausência da querida Pátria

Pudesse, inda que rouco,
Mais um hino ajuntar aos outros hinos,
Com que de meu amor lhe fiz ofrenda,
Quando no grêmio seu prazer gozava.

Lá, no teu seio, a vida respirando
Tranqüilo e sossegado,
Ou no mar agitado, à morte exposto,
Ou aqui nesta plaga tão remota,
Fiel te sou, oh Pátria; não te olvido
Pelas grandezas que me oferece a Europa.
Estes eternos monumentos d'arte,
Estas colunas, maravilhas mortas,
Estas estátuas colossais de bronze,
Estes jardins soberbos, estes templos
São belos; mas não são de minha Pátria.
Tuas virgens florestas, e teus templos
Mais me aprazem que tudo que aqui vejo.

Ah! quem me dera agora, em grato sonho
Iludido, cuidar que me revolvo
Ignorado entre os meus, entre o tumulto
Do povo que no rosto traz impressa
A glória deste Dia!
Quem me dera que os meus rústicos hinos
Por ele ouvidos fossem,
E por ele aplaudidos
No delírio do sacro amor da Pátria!

Oh! como é doce memorar os tempos
Da passada alegria!
Como é doce escutar ternas cadências
De branda voz de pudibunda virgem,
Quando fora da terra a alma vagueia
No celeste infinito!
Mais doce é celebrar os claros feitos
Dos seus concidadãos, e unido a eles,
Beber na mesma taça o entusiasmo,
E no divino arroubo
Os céus congratular, render-lhes graças!

Aqui da Liberdade repetido
Não soa o mago acento em meus ouvidos;
Nem o auriverde pavilhão tremula,
Imagem das riquezas
Da terra minha, fértil, abundante;

Nem o canhão ribomba, que assinale
Que este Dia ao Brasil é consagrado.
 Só o estridor ressoa
De turbulento povo, indiferente
 Da Pátria minha à glória.

 Dia da Liberdade!
Tu só dissipas hoje esta tristeza
 Que a vida me angustia.
Tu só me acordas hoje do letargo
 Em que esta alma se abisma,
De resistir cansada a tantas dores.
Ah! talvez que de ti poucos se lembrem
Neste estranho país, onde tu passas
Sem culto, sem fulgor, como em deserto
Caminha o viajor silencioso.

Mas rápidos os dias se devolvem;
E tu, oh sol, que pálido me aclaras
 Nestas longínquas plagas,
Brilhante ainda raiarás na Pátria,
 E ouvirás meus hinos
Em honra deste Dia, não magoados
Co'os fúnebres acentos da saudade.

ADEUS AO MEU AMIGO
M. DE ARAÚJO PORTO ALEGRE

Não posso duvidar, nem tu duvides;
Há uma estrela que ao porvir nos guia,
Malgrado as ondas do inconstante mundo.
Os destinos dos homens são patentes
Da Providência aos olhos,
Pois que aos olhos de Deus não há futuro;
Duvide embora o ímpio.

Com insolúvel nó a ti me liga
Sagrada, oculta força.
Fitos na Pátria os olhos, sempre avante,
Araújo, marchemos.

Amamo-nos; que importa Grécia, e Roma
Vás ver sem mim? ¹¹ Assim stá destinado.
Na Pátria de Platão, e de Lionides,
De Rafael na Pátria
Não, não te esquecerás do teu amigo.

Vai; sapiência colhe em solo estranho;
Depois conosco pródigo reparte.
Assim de flor em flor errante abelha
O néctar frui, que em mel oferece aos homens;
Assim de gotas pluviais se embebe
O ancho seio do monte,
Que em límpidas correntes depois mana.

Vai; ao Parnaso sobe; aí meu nome
Entoa para o céu, e atento escuta;
Se os ecos responderem,
Junto do nome teu meu nome grava
No mármore que achares.
Ah! lembra-te de mim quando de Tasso
Visitares o cárcer.

Quando do longo meditar cansado
Estiveres de Roma nas ruínas;
Quando só passeando n'Ápia estrada,
Ou da morte os segredos contemplando
Dos Mártires Cristãos nas catacumbas;
Quando ouvires soar de amigo o nome,
De mim te lembrarás, dirás contigo:

Quem sabe se por força da amizade,
Em mim pensa ele agora, como eu nele?

Vai; teu gênio alimenta.
Breves os dias são, os anos breves,
E dos filhos dos homens breve corre
A vida afadigada,
Como nos ares rápido meteoro.
Ah! quanto a missão custa
Cumprir na terra, onde atalaias somos!

Na começada empresa
Somente ao fraco arrear é dado;
Não se releva ao campeão donoso,
Que desde o albor da idade
N'alma ferveu-lhe em turbilhões o engenho,
Que lhe inspirara a Pátria.

Enganados num dia os mortais podem
Às mãos de um néscio confiar o mando,
Com que depois os curva;
Podem coroas repartir, e cetros,
E púrpuras reais, e tit'los nobres;
Podem rolar seus ídolos dos tronos,
Tomar os louros que iludidos deram;
Mas tu, raro no mundo, dom sublime,
Gênio, quem te reparte?

Deus só, Deus só te envia a seus diletos.
Gênio, filho de Deus, fogo celeste
Baixado à terra em prol da Humanidade!
Aquele em cuja frente resplendesces,
Cujos lábios inflamas,
Um Homero será, Platão, ou Fídias,
Radiantes padrões, astros de glória,
De estrelas escoltados,
Que como o sol, do oriente ao ocidente,
Giro farão eterno.

Sinal em tua frente tens do Gênio;
Não pertences a ti, tu és da Pátria.
Com teus pincéis divinos
Deves seus feitos esmaltar, preclaros;
Eu a teu lado cantar-lhe-hei a glória.
Unidos, sempre amigos, sempre à mesma
Vontade obedecendo,
Que doce nos será então a vida!

Tempo, tempo, não voes; Pátria, aguarda;
Araújo, marchemos.

.....

¹¹ Mal sabia eu, escrevendo estes versos e preparando-me para dar o abraço da despedida ao meu amigo, que as circunstâncias tão repentinamente se mudassem, e que deixaria Paris, para acompanhá-lo na viagem à Itália. Como ignora o homem o que tem de fazer no dia seguinte! É esta uma das fases de minha vida que eterna ficará na minha lembrança; e estes versos me despertarão sempre essa triste recordação; triste pelas circunstâncias que motivaram a viagem.

VII

NO ÁLBUM DE UM JOVEM AMIGO

Amigo, eu parto, e deixo-te saudoso.
Pois que sempre tua alma bem formada
Minhas vozes ouviu, vozes sinceras;
Pois que sempre os conselhos da experiência
 Com prazer escutaste,
 Inda que às vezes duros;
No momento do adeus recebe, atende
Esta, de amor, não lisonjeira prova.

É qual sereno rio a mocidade,
Que as imagens retrata, e não conhece
O bem, e o mal, e as ilusões do mundo:
É como verde, flácida vergôntea,
Que a forma toma que o cultor lhe imprime,
E boa, ou má, não mais depois se muda.

Quem, como tu, da Pátria longe vive,
Longe dos paternais, úteis ditames,
Assaz tem que lutar, se à glória aspira.
Filósofos não faltam que te instruem;
Mas da vida, nas páginas de um livro,
 Não se aprende a ciência.

Estuda, sim estuda, mas pratica
Dignas ações de ti; e eu te asseguro,
Pois que a Natura te protege, e inspira,
Qu'inda um dia serás brilhante estrela
Entre os astros que a Pátria nossa adornam.
A Deus praza que a Pátria não iludas,
E os votos de teus pais, e dos amigos.

A todo o instante que este livro abrires,
Lendo estes versos, dize: hei um amigo.

AO DEIXAR PARIS

Sim, a custo te deixo, augusto alcáçar
Do progresso, da luz, da liberdade.
Vivífico remanso, onde perene
Bebe o estrangeiro quanto apraz à mente,
Do néctar das ciências sequiosa.

Sim, com justa razão te ornas de orgulho,
Pátria de heróis, refúgio de infelizes,
Vítimas do erro, que ainda a Europa preme
Com cem braços de ferro; fugitivos,
Em teu grêmio cabal abrigo encontram.
Mãe desvelada não mais pronta acode
Com bondadoso peito ao tenro infante.

Qual da torrente que de alpestre fraga
Jorrando em catadupas marulhosas
Se ala equóreo vapor que o campo orvalha,
E em rios dividindo-se, e em regatos
A longes terras nutrimento envia;
Assim os sábios, que em teu seio abundam,
Manam nome, e saber aos outros povos.

Para teatro de espantosas cenas
Teu solo assinalou a Providência.
Aqui rompeu esse vulcão terrível,
Que o mundo inteiro alumiou co'as lavas,
E à fileira dos reis alçou os homens;
Aqui o rei dos reis, terror da Europa,
No trono colossal, firme no povo,
Honras, louros, e cetros repartia.

O jugo antigo, que a razão curvava,
Quebrou, em ti nascido, esse Descartes,
Que por novo teor, método novo,
Sublime estrada abriu à Inteligência.
Malebranche o seguiu, também teu filho.

As boas Artes, do progresso amigas,
Filhas da Liberdade, irmãs da glória,
Foragidas da Itália, atravessaram
Alpes, e Reno, em ti seu templo ergueram.

Paris, citar teu nome é pôr remate

Aos elogios teus; eu te venero.
Lições em ti frui; como eu mil outros
Brasileiros, que a Pátria hoje adereçam,
Em ti juvenis passos amestraram.
Da sapiência o brilho ofusca o do ouro;
Só de alma estreme a gratidão é paga;
Grato te sou no tributar encômios
Não lisonjeiros, que a verdade os sela.

Arando o crespo Oceano, à Pátria minha
As ciências passaram triunfantes
Do santuário teu, nas mãos levando
O archote da razão; ali brilhante
Luz difundindo, as trevas sacudiram,
Que em nossos horizontes negrejavam.

No facundo clarim soa a Verdade;
Então do avaro Lusitano as peias,
E as erguidas barreiras rotas caem,
Quando Montesquieu, Rousseau troando,
As cidades, e os campos repercutem.
Assim de Jericó outrora os muros,
Das Hebréias trombetas sons ouvindo,
Caem aos pés de Josué submissos.

Então pautando os seus pelos teus passos,
Mais e mais o Brasil terreno avança
Na escala das Nações, que no orbe avultam.

Como da lira consoante vibra
Uma corda, quando outra foi ferida,
O Brasil teus triunfos aplaudindo,
Co'as tuas explosões harmonizando,
Assim empeços vence, e igual triunfa.
Oh Brasil, porventura lisonjeiro
Serei no meu dizer? Donde te veio
A Ciência das Leis, a Medicina,
A Moral, os costumes que hoje ostentas?
Quem te ensinou a perscrutar teus campos,
A pesquisar segredos, que a Natura
Em cada verme, em cada flor oculta?
Quem teu gênio subiu ao firmamento,
E os mistérios dos astros revelou-te?
Quem a tela, de cores matizando,
Mostrou-te retratada a Natureza,
Teus heróis, tua história, teus costumes?
Responda a gratidão. — Avulta, oh França!

Marcha, prospera; e tu, Brasil, prospera;
Estes meus votos são, outros não tenho.

Um povo sempre é filho de outro povo;
Um homem sem cultura não avança;
Sem ensino os espíritos não brilham.

Quem, Paris, sem amar-te pode ver-te?
E quem pode deixar-te sem saudade?
Ah! não beberei mais as eloqüentes
Lições, que me apraziam, de teus mestres!
Não verei mais teu Louvre apinhado
De maravilhas tantas! Teus colégios,
Onde vozes troavam sapientes!
Ainda a mente me pinta os de Sorbonne
Vastos anfiteatros coroados
De atenta juventude! — Tudo deixo...

Ah! deixo ainda mais, deixo um amigo,
Que raros são, e que tão poucos tenho!
Sabes com que pesar te deixo, oh Sales!
Companheiro da infância; às portas, juntos,
Da Ciência batemos; ela ouviu-te,
Abriu-te, e franqueou-te os seus tesouros.
Ainda jovem, da Pátria és já um astro,
Que no seu horizonte alto rutila;
Eu mísero, fosfórico meteoro
Sem nome vago. — E morrerei sem nome?

E tu, pintor dos brasilenses bosques,
Tu, que em quadros múltiplos ao mundo
Nossos costumes eloqüente mostras;
Venerando Ancião, amigo, e mestre,
Por quem já uma vez chorei saudoso,
E tu também choraste; hoje de novo
Se reproduz tal cena; mas ao menos
Tu ficas no teu lar, co'os teus, e eu parto,
Parto, não para o meu. Debret, teu nome
Comigo eterno irá, como ele eterno
Passará de uma idade à outra idade.

Adeus, Paris; adeus do mundo empório.
Adeus, Sales, Debret, adeus... Amigo,
Que ao teu o meu destino unir quiseste,
Hoje a minha saudade igual te punge;
Não agravemos mais nossos pesares;
Vamos, meu Araújo; é tempo, vamos.

IX

À SUÍÇA

Tal como o caçador afadigado,
Depois de em vão correr ingratos montes,
Se alfim vê belo pássaro que pousa
 Sobre um tronco do bosque,
Alegre e duvidoso a arma prepara;
E quando cuida já que é presa sua,
Manso o vê que se escapa, e que desliza
Nos leves ares co'as talhantes plumas,
Triste, desesperado à casa volta:
Ou como terno amante, que de longe
O bem-amado avista, passeando
No jardim de seus pais; contente investe,
Já em doces idéias engolfado;
 E quando perto chega,
E cuida ir desfrutar gratos momentos,
Ela modesta e temerosa, os olhos
Brandamente volvendo, se retira,
 E o malfadado deixa
Entregue à dor, carpindo-se saudoso;
Assim eu, oh belíssima Suíça,
Vi teus montes, teus bosques de pinheiros,
Teus campos férteis co'o suor dos homens;
Vi teu lago tranqüilo, onde se espelha
De cima desse trono de alabastro,
O sol, mal que amanhece faiscante.
Assim jovem guerreiro de ouro armado,
No polido pavês atento se olha,
E contempla seu garbo, antes que saia
A discorrer os campos, coruscante.
Vi a tua cidade de Genebra,
Tão linda como o lírio junto d'água,
Tão graciosa como pura virgem,
Que a roca empunha, e que meneia o fuso.
Vi-te, e meu coração portas abria
 Ao prazer fugitivo,
Que mais ligeiro corre que o teu Ródano.
Alma alegria a mente me orvalhava,
 Tão seca de pesares;
E a saudade da Pátria que me punge,
Como que adormecida, menos dura,
 A farpa descansava.
Esquecido de mim, do meu destino,

Começava a gozar-te; — e já me foges!
Mas se tu de meus olhos desapareces,
Desenhada na mente a imagem tua,
Jamais consentirei que se esvaeça.

Oh Suíça, oh Genebra, oh país livre!
Culta Cítia da Europa, solo honrado
Pelos Euler, Rousseau, Haller, e Gésner,
Recebe inda este adeus de um estrangeiro;
E praza ao céu que o último não seja,
Que a ti volte, e te veja uma, e mais vezes.

Genebra, 11 de outubro de 1834

O GÊNIO E A MÚSICA

À Senhora Catalani

Sim, é certo; a Natura não se esgota;
Mas providente de seu seio tira
Um a um esses Gênios, que benigna
 Co'os séculos reparte;
Assim, sem fatigar, encômios cobra,
E co'a força do mágico artifício
Os homens doma, os encadeia, e guia.

Dos Gênios a importância se conhece
Quando, enchendo a missão, desaparecem.
Se os rios as campinas fertilizam,
 Os lavradores folgam;
Mas extintas as fontes d'alma veia,
 Atenuam-se os campos,
E a Natureza em torno empalidece;
Aos pedregosos, descobertos leitões,
O homem chega, e d'água uma só gota,
Para a sede aplacar, não acha, e chora;
Mas lágrimas a sede não saciam!
Então do bem se lembra que gozara,
 Do bem que já não goza.

Quem não respeita o Gênio? Quem não sente
Bater-lhe o coração inopinado,
Quando escuta os angélicos acentos
 Do ser misterioso,
 Que a Natureza inspira?

Na culta Grécia, na guerreira Roma
Endeusada a Harmonia cultos teve;
Entre bárbaros povos, Galos, Francos,
Celtas, Bretões a música divina
Os cruentos costumes adoçava.
Nos Brasíliaos sertões, duros Tamoios,
Intrépidos Caités ao som se curvam
 Da harmonia selvagem;
Como divinos, de Tupã mimosos,
 Seus músicos respeitam.
 A iluminada Europa
Não desdenha entoar sagrados salmos

No Templo do Senhor; atado ao remo
O pescador ao som das vagas canta,
Canta o proscrito sobre estranhas plagas,
E o peregrino em solitárias selvas.
O canto maternal o infante acalma,
E a cólera dos homens se desarma,
Quando escuta suave melodia.

Eis em campo o guerreiro;
Como brioso marcha, quando troa
A bélica trombeta!
Patrióticos hinos entoando,
Sente para o valor estreito o peito.
Entre selvas de lanças, e de espadas,
Coberto co'uma abóbada de fumo,
Através de pelouros sibilantes,
Assoberbando a morte,
Vai nos braços da glória
Arvorar os pendões vitoriosos!
Na guerra hinos guerreiros,
Na paz canções de amores!
Tanto, oh música, podes sobre os homens,

Que em toda parte imperas!
Sim, que os Anjos, os céus, o sol, os mares,
Os vales, as montanhas, as florestas,
Aves, brutos, e homens,
E essas centenas de milhões de mundos,
Que cadentes vagueiam no infinito,
É um sistema harmônico, perpétuo,
Em glória do Supremo Ser dos seres!

Rara mulher, tu viste humildes servos
Deporem a teus pés dons preciosos,
Que os Reis, e os Potentados te enviavam.
Tu viste os próprios Reis, e seus validos,
E deles homenagem recebeste.
Viste os povos da Europa arrebatados
Aqui e ali ao som de teus acordos,
Que embebiam nos seios d'alma o encanto.
Viste, sim viste inúmeras coroas
Lançadas a teus pés; e prosseguias
Ufana a deslizar as sibilinas
Dulcíssimas cadências.
Eis do Gênio o triunfo!
Glória ao Gênio se dê, perene, eterna!

Sobre um leito de rosas, e de louros,
Hoje repousas, não no esquecimento,
Mas no arroubo da glória:
Como o guerreiro que na paz desfruta,
Vendo os despojos dos vencidos povos,
Grata consolação que a alma embriaga.

Tudo o que te rodeia manifesta
Teu imortal renome.
Altars te ergueria a prisca Grécia,
Se a prisca Grécia te embalasse o berço.
Da própria filha tua a voz canora,
Voz que tão alto sobe, e já promete
Outro novo milagre de harmonia,
Também te louva, e exalta;
Que se o nome dos pais herdarem os filhos,
A glória filial os pais sublima.

Ah! não desdenhes receber louvores
Do peregrino incógnito, que passa
Por estrangeiras plagas
Sem arruído, como o mudo sopro
Das matutinas, solitárias auras.

Mil vezes proferir ouvi teu nome
No novo, e velho mundo, e jamais pude
Augurar-me a ventura
De te ver, de te ouvir, e mais ainda,
De receber de ti sinais de estima.

Longe da Pátria o viajor saudoso
Bem raras vezes o prazer encontra.
De cidade em cidade andado tenho,
Reinos atravessei, cantões, e vilas,
Vinguei gelados Alpes, e Apeninos,
Vales descí sombrios, subi torres,
Sempre co' a Pátria minha na lembrança;
Como a andorinha que de teto em teto
Salta, sem que se esqueça de seu ninho.
Tudo da Pátria a idéia me revive,
Mas nada me consola;
Em parte alguma não achei ainda
Um coração de pai, de mãe, de amigo,
Que vendo-me partir, pesar sentisse,
E ao menos me dissesse: — Deus te guie.

Sublime Catalani, tu me honraste!

Talvez única sejas, que te lembres
Do peregrino errante,
Quando ele, já na Pátria rodeado
Dos velhos pais, de irmãos, e dos amigos,
Refrescando a memória das viagens,
Entre, os que viu, prodígios,
Cheio de comoção, citar teu nome,
E dizer: eu a vi; falei com ela!

Pago ao Gênio um tributo merecido,
Que a gratidão me inspira;
Fraco tributo, mas nascido d'alma.

Florença, 20 de novembro de 1834

NO ÁLBUM DA ILUSTRÍSSIMA
E EXCELENTÍSSIMA SENHORA

D. JOANA MARQUES LISBOA

Um mundo oculto, mais real, mais belo
Que o mundo exterior, nossa alma encerra.
Aí a fantasia, hábil pintora,
Ora mil quadros reproduz da terra,
Ora de outros mil quadros criadora,
Quadros de alma doçura,
Instantes nos outorga de ventura.

Oh fantasia, oh único refúgio
Do mísero proscrito!
Tu, para consolar o peito aflito,
Os passados prazeres nos retratas;
As pandas asas das prisões desatas,
E pelos pátrios ares deslizando,
Que sublimes visões nos vais pintando!

Oh! se é belo, sentado à sombra amiga
Do pátrio cajueiro
De frutos esmaltado,
Onde o saudoso sabiá se abriga,
Onde pousa o colibri, e o gaturamo;
Se é doce ouvir terníssimo reclamo
Do lindo coro alado,
Da aurora pregoeiro,
Que à celeste mansão nossa alma eleva
Quanto é mais belo, ausente,
À parca sombra do álamo estrangeiro,
Ouvindo o rouxinol cantar amores,
Da Pátria então lembrar-se,
Lembrar-se de um parente,
De um amigo da infância, de um remanso,
Onde, fruindo o aroma de mil flores,
Ao som estrepitoso da corrente,
Tantas vezes achamos o descanso
Às infantis fadigas!

Oh! como é doce então a alma engolfar-se
Nas cenas do passado!
Tudo vem ante nós apresentar-se
Nesse querido instante!

Nossa alma, entre mil cenas delirante,
Ouve a voz da saudade que murmura;
 A saudade, a saudade,
Esse triste prazer que não se explica,
Agro prazer de um coração magoado,
 Prazer que se mistura
Com dor, com aflição, saudosa angústia
Que nos punge, nos rói, nos vivifica.
Assim nestas estranhas, longes plagas
 Se nos antolha a Pátria!

E por ela em cada inverno
De contínuo suspiramos,
E mesmo na primavera
Inda dela nos lembramos.

Cada quadro nos desperta
A cadeia interrompida
De gratas reminiscências
Da nossa passada vida.

Assim, assim um dia,
 Já sob o céu Brasília,
Como um sonho, da Europa a bela imagem
Ressurgindo na nossa fantasia,
Despertará saudades deste exílio.

Então entre mil cenas divagando,
Do passado as idéias refrescando,
Ante nós se erguerá também Bruxelas,
Seus parques, seus jardins, e as torres belas
Dos seus templos, e góticos palácios.

Então, talvez então, vendo este livro,
Que quadros vos recorda tão diversos,
Vos lembrareis do errante, jovem vate,
Que estes versos traçou, saudosos versos.

Os gratos dias,
Que aqui gozei,
Ante minha alma
Sempre os terei.

Os inocentes,
Gratos penhores,
Anjos da terra
Encantadores,

Que tantas vezes
Eu afagava,
E em grato enlevo,
Os abraçava;
Esta harmonia
Do par ditoso;
Em vós beleza,
Amor no esposo;
Candura em todos,
Terna bondade,
Dotes sublimes
Da Divindade
Jamais minha alma
Olvidará,
E de vós sempre
Se lembrará.

Bruxelas, 21 de junho de 1836

XII

ADEUS À EUROPA

Adeus, oh terras da Europa!
Adeus, França, adeus, Paris!
Volto a ver terras da Pátria,
Vou morrer no meu país.

Qual ave errante, sem ninho,
Oculto peregrinando,
Visitei vossas cidades,
Sempre na Pátria pensando.

De saudade consumido,
Dos velhos pais tão distante,
Gotas de fel azedavam
O meu mais suave instante.

As cordas de minha lira
Longo tempo suspiraram,
Mas alfim frouxas, cansadas
De suspirar, se quebraram.

Oh lira do meu exílio,
Da Europa as plagas deixemos;
Eu te darei novas cordas,
Novos hinos cantaremos.

Adeus, oh terras da Europa!
Adeus, França, adeus, Paris!
Volto a ver terras da Pátria,
Vou morrer no meu país.

Paris, agosto de 1836

FIM